Instituto **Cidade de Deus**

7º Ano

AMOSTRA

1ª edição

Apresentação

Caro aluno,

Você tem em mãos um material que é fruto de muito estudo e oração. Aproveite esta oportunidade que os seus pais lhe deram, pois estão preocupados em cumprir o gravíssimo dever de o educar. O Instituto Cidade de Deus deseja a você um ano de muito estudo, de crescimento e de graças. Estude sobretudo por amor a Deus e ao próximo, como recomendava Santo Agostinho.

Quem somos

O Instituto Cidade de Deus (ICD) é formado por um grupo de professores e colaboradores cujo objetivo é promover a Educação Católica, pois "não existe educação adequada e perfeita senão a cristã" (Pio XI).

O Brasil enfrenta, atualmente, uma dura crise educacional, cujas raízes históricas se encontram, especialmente, no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, a partir da década de 30 do século XX, repleto de naturalismo e laicismo pedagógico. A partir disso, a educação brasileira vem sofrendo uma influência nociva de vários educadores que a pervertem para fins diversos, contrários ao fim último do homem.

Frente a esta grande problemática, o Instituto Cidade de Deus se constituiu para colaborar com o resgate da autêntica educação católica, a única que pode oferecer verdadeiro remédio à crise educacional, pois forma o homem em vista do seu fim, que é Deus.

O material didático

Este material didático é composto pelas principais disciplinas exigidas pelo currículo brasileiro, a saber: Ensino Religioso, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia e Arte.

O ICD possui uma equipe profissional com mais de 20 professores formados em suas respectivas disciplinas. Este grupo busca, em última análise, assegurar o Sumo Bem, Deus, às almas dos educandos e, ao mesmo tempo, prepará-los para os diversos desafios que terão na vida, através de uma educação de qualidade. O material é revisado por especialistas e sacerdotes, o que assegura ao conteúdo o caráter de educação católica.

Estudo Sagrado

Introdução

"O menor conhecimento das coisas mais elevadas é mais desejável que uma ciência muito certa das coisas menores."

Santo Tomás de Aquino

O ensino da Sagrada Doutrina, servindo-nos das palavras do Sumo Pontífice Bento XIV, é o que há de mais útil para a glória de Deus e a salvação das almas.

O Papa Pio XI, na Encíclica Divini Illius Magistri, diz-nos que a religião deve ser verdadeiramente o fundamento e a coroa de toda a instrução, e completa Santo Tomás que a ciência Sagrada, dentre todas as ciências, é a mais excelente, pois seu objeto de estudo é o próprio Deus, o sumo bem; a mais certa, porque parte daquilo que Deus revelou e, portanto, é perfeita. São Pio X, por sua vez, na Carta Acerbo Nimis, afirma que a maior parte dos condenados às penas eternas padece sua perpétua desgraça por ignorar os mistérios da fé, que necessariamente se devem conhecer e crer para ser contado no número dos eleitos.

Wolfgang Moroder / Domínio público

O Sermão da Montanha. Aqui, Nosso Senhor expõe maravilhosamente sua Doutrina e ensinamentos

O presente conteúdo foi, portanto, estruturado para este fim: a glória de Deus e a salvação das almas. Queremos que através de seu estudo sejam movidas a inteligência e a vontade da criança para Deus.

A Doutrina aqui exposta se encontra em forma de perguntas e respostas, e é um resumo de toda a Teologia, de todo o Evangelho, de todos os Dogmas, de todas as verdades religiosas, de toda a Moral Cristã. Esta forma de expor permite à criança conhecer e aprender a Doutrina em fórmulas breves e precisas, além de mover sua inteligência, sua vontade e seu coração para que ame a Deus e pratique, por amor d'Ele, o bem.

Recomendações

O Catecismo aqui apresentado possui quatro tópicos:

- Pergunta e resposta: os jovens precisam decorar, tal e qual, cada uma das respostas. Uma boa e clara definição é salvaguarda da verdade, e o catolicismo sempre prezou definições claras e precisas. Sendo assim, exercite diariamente com a criança a memorização das questões da lição semanal.
- Explicação: leitura.
- Prática: sugestões para colocar em prática o que foi decorado e aprendido daquela pergunta.
- Exemplos: para inspirar a devoção e inflamar a vontade.

Uma vez que o jovem tenha decorado todas as respostas, terá conteúdo suficiente para levar uma vida agradável a Deus, se desejar cooperar com Sua Graça e em tudo procurar Sua Vontade.

Veja a seguir algumas recomendações acerca da memorização, bem como a vantagem deste processo.

Vantagens da Memorização

1. Guarda-se melhor e mais facilmente o que se aprende numa fórmula. O trabalho para gravar o que a inteligência aprendeu é propício à fixação. A experiência nos diz que de uma leitura, às vezes, não nos ficou senão uma frase que tínhamos decorado.

2. Quando racionalmente empregada e educada, a memória presta admiráveis serviços à inteligência. Precisamos, no estudo da religião, fazer constante apelo aos conhecimentos adquiridos, para boa compreensão da lição do dia. Os dogmas são entre si muito enlaçados, e suas conclusões são a base da vida cristã. Ai de nós, se não os tivermos claros e frescos na memória.

3. A facilidade de reflexão que nos deixam as fórmulas decoradas é mais uma vantagem, e não pequena. Com elas mais seguramente se conserva a Doutrina. Elas são, mais tarde, o meio para refletirmos sobre os admiráveis conceitos que encerram, e sobre os quais não nos detivemos bastante ao tempo do estudo. Agora, mais desenvolvida a razão, penetramos melhor aquelas verdades, que nos passariam despercebidas sem a fórmula fixada.

4. Há no texto do Catecismo uma autoridade às vezes insubstituível. Aquela precisão e segurança doutrinal são difíceis em qualquer matéria, mas notadamente

em assuntos religiosos. Aqui, mais que alhures, o perigo do mais ou menos, dos conceitos imprecisos, é para afastar-se. A mudança de um termo pode alterar o sentido e levar ao erro.

5. Consequência é, pois, que **uma fórmula bem conservada garante a ortodoxia, facilita a exposição da Doutrina, permite a defesa da Verdade.**

6. As impressões da infância são duráveis e voltam na velhice, quando se perdem as mais recentes. É então que as pequenas e rigorosas fórmulas do Catecismo, que pareciam perdidas, voltam à mente, despertando as mesmas emoções que despertavam naqueles dias longínquos. E eis o caminho pelo qual voltam a Deus muitas almas que se tinham afastado dele.

Muitos homens que tinham perdido a fé, que tinham passado pelo tumulto das guerras e revoluções, voltando a Deus depois de vinte, cinquenta ou sessenta anos de uma vida sem religião, recordam ao pé da letra, instintivamente, as respostas do Catecismo, as fórmulas da fé cristã. E com que proveito para sua salvação, com que conforto para sua alma, com que ternura para o coração, feliz de encontrar essa lembrança da infância, esses ensinamentos do bom padre que os educara, essas lições de suas mães.

Como fazer decorar

1. A primeira regra é que o jovem antes entenda o que vai decorar. Além de mais durável, a memorização inteligente é muito mais fácil. Aprende-se muito mais rápida e duradouramente uma frase de vinte palavras formando um sentido, do que uma série de seis palavras sem sentido. Para as aulas em comum só se deve dar a decorar o que a maioria dos alunos entende.

2. Se o trecho não é grande, como em geral não o são as respostas do Catecismo, é mais fácil aprendê-lo em conjunto que por partes.

Porque é preciso não quebrar o sentido – o que reduziria a memória a uma simples mecânica.

3. Decora-se mais com repetições espaçadas do que ininterruptas.

4. A hora tem notável influência. Assim, escolha o "horário nobre" – isto é, o horário em que está mais disposta ao estudo – da criança para aplicar o Catecismo.

5. A atenção é grande auxiliar da memória. O maior dos meios ativos. Importa despertá-la e acostumar a criança a aplicá-la.

6. Da vontade se pode dizer o mesmo. Quando se quer, aprende-se mais facilmente. Logo esquecemos o que queremos aprender por pouco tempo; mas

conservamos o que temos intenção de reter por mais longo tempo. É arte do mestre conseguir que a criança o queira.

7. Em compensação, há grande dificuldade quanto ao que se vai fazer constrangido. A disposição do espírito contribui igualmente de modo notável. Seria contraproducente obrigar uma criança irritada ou fatigada a decorar. É nosso dever despertar antes o interesse.

8. A intensidade das impressões facilita o trabalho da memória. Essas impressões podem ser psíquicas ou sensíveis. Daí o valor das histórias de aventuras, de gestos teatrais, das cores vivas, das festas bonitas, dos sentimentos vivos e profundos.

9. As impressões simultâneas ajudam muito o trabalho de memorização. Muito raramente existe isolado um tipo de memória. Em geral, temos um pouco de cada um. É vantajoso despertar as várias impressões: a auditiva pela recitação (que será ainda melhor se for feita também pelo próprio aluno), a visual (escrever numa lousa para a criança ver, por exemplo) e a motora (cópia no próprio caderno), tão do agrado e da natureza das crianças.

10. A educação da memória pelo hábito é, sem dúvida, o meio mais eficiente, guardados os recursos acima indicados e outros apontados pelos vários autores.

O que decorar

1. A primeira coisa a decorar são orações. Mesmo essas não se devem ensinar sem fazer compreender. Explicar o sentido, o que se quer dizer com elas; depois fazer decorar. Ainda assim ser parco. Poucas orações. Pai-Nosso, Ave-Maria, Credo, Salve-Rainha, Atos de Fé, Esperança e Caridade, Atos de Contrição, conforme a idade.

2. Outras coisas são também necessárias e até fáceis, por se ligarem a números: Mandamentos da Lei de Deus e da Igreja, Sacramentos, etc.

3. São necessárias as definições, certas divisões e conceitos que formam a estrutura da Doutrina Cristã.

4. É preciso, porém, ter em vista a capacidade dos alunos. Geralmente, as meninas têm mais facilidade de decorar que os meninos. A capacidade varia com as pessoas e não se deve exigir de todas a mesma medida. A própria caridade manda ter paciência com os menos capazes, aos quais não se pode pedir muito, sob pena de desanimá-los e afugentá-los. Aliás, as muitas exigências e as lições muito longas fatigam e desanimam as crianças.

LIÇÃO 1

Mandamentos da Lei de Deus

Método da oração

Doutrina Sagrada

1. O que são os Mandamentos da Lei de Deus?

OS Mandamentos da Lei de Deus ou Decálogo são as leis morais que Deus no Antigo Testamento deu a Moisés no Monte Sinai, e que Jesus Cristo aperfeiçoou no Novo.

Impõem-nos os mais estritos deveres da natureza para com Deus, para conosco e para com o próximo, como também os outros deveres que deles derivam, como por exemplo, os do próprio estado.

Explicação

1. Os Mandamentos da Lei de Deus têm ainda o nome de Decálogo. Os Mandamentos são leis, são mesmo dez leis reunidas em uma só, donde precisamente o termo Decálogo, de uma palavra grega que significa dez leis.

2. Os Mandamentos são as leis morais que Deus, no Antigo Testamento, deu a Moisés no Monte Sinai.

A) O que é lei? Lei é uma ordem que o legítimo superior dá ao inferior acerca do que deve fazer ou evitar, e, segundo a qual se é impelido a fazer ou deixar fazer alguma coisa. Deus, supremo Senhor, deu ao homem a lei que deve regular as suas ações.

B) Por que se denominam os Mandamentos de leis morais, e não simplesmente leis? Prestai muita atenção, para compreenderdes esta importantíssima verdade. Dizei-me: Há coisas más para todos que de nenhum modo se devem fazer? De certo. Poderiam os homens, embora pondo-se todos de acordo, fazer que certas ações (como, por exemplo, roubar, matar) não sejam más? Com certeza que não. E de quem pode vir esta regra, superior aos homens, a que todos devem sujeitar-se, que indica o que é bem e o que é mal? Que devemos fazer porque é bem e que não devemos fazer porque é mal? Esta lei só nos pode vir de Deus, o qual, na criação, a imprimiu na alma humana (criada exatamente à sua imagem e semelhança) e, para que fosse mais fácil

e claramente conhecida de todos, a deu por meio de Moisés no Monte Sinai, com o nome de Dez Mandamentos. Estes Mandamentos ou Leis determinam claramente o que é bem e o que é mal e, por isso, se denominam morais. Substancialmente são a lei natural impressa por Deus na nossa alma, lei que é regra de moralidade de todos os atos e leis humanas.

C) Deus deu os Mandamentos a Moisés não porque fossem feitos exclusivamente para ele, mas para todos os homens, e, especialmente, para os hebreus.

Moisés Descendo do Monte Sinai com as Tábuas da Lei*, de Ferdinand Bol.*

3. Por meio de Moisés tinha Deus dado várias outras leis, que eram próprias dos hebreus, como, por exemplo, as que regulavam o culto religioso e que se chamavam cerimoniais e as que puniam certos delitos e que tinham o nome de judiciais, mas todas estas cessaram com a vinda de Jesus Cristo, que explicou e aperfeiçoou as obrigações especiais que elas impunham. Assim, por exemplo, aperfeiçoou o dever do amor do próximo, declarando que ele se estende mesmo aos inimigos...Também aperfeiçoou os preceitos morais, ensinando que os Mandamentos não só se não devem transgredir por obras, mas nem sequer por pensamentos; que é mister observar esses preceitos não para ser visto dos homens, mas por amor ao Pai celeste; que praticando a caridade, não se deve procurar o louvor dos homens, etc.

4. O Catecismo, dizendo-nos que o Decálogo nos impõe os mais estritos deveres da natureza para com Deus, para conosco e para com o próximo, dá-nos a entender duas coisas:

A) que os deveres dos Mandamentos constituem aquela lei chamada lei natural, isto é, que é inerente (pela criação) à própria natureza humana, porquanto Deus a criou com essa lei; e, como é de Deus que vem a natureza, d'Ele vem também a lei que lhe é inerente. Ela é, em substância, a lei de Deus na natureza humana. Em todas as criaturas há lei de Deus. Nas criaturas irracionais denomina-se lei física ou instinto, segundo se trata as coisas inanimadas ou animadas; no homem, lei natural;

B) que estes deveres proveem da própria natureza do homem. Exemplo: tem um menino deveres para com os pais e para com os irmãos? Sim, pelo, fato de ser filho, tem deveres para com aqueles que são seus pais; e pelo fato de ser irmão, tem-nos para com aqueles que são seus irmãos. Estes deveres proveem-lhe da natureza, isto é, do fato de ser filho e irmão. O mesmo se dá com o homem: o homem é criatura de Deus; está, perante Deus, vinculado por verdadeiros deveres, porque lhe é devedor de tudo; está também vinculado por verdadeira fraternidade para com os outros homens; e, por isso, da sua própria natureza de criatura de Deus e de irmão dos outros homens lhe proveem os deveres que tem para com Deus e para com próximo. Da condição especial em que nos achamos em relação a Deus ou ao próximo derivam também, por natureza, outros deveres, chamados deveres do próprio estado, como por exemplo, deveres de sacerdote, de juiz, de estudante, etc.

O Catecismo diz, além disso, que da própria natureza proveem os deveres que temos para conosco. Nós pertencemos, por natureza, a Deus, de quem somos criaturas e filhos, e, por isso, não somos senhores absolutos de nós, da nossa pessoa, nem senhores de não tendermos para o fim para que Deus nos criou. Por conseguinte, devendo ser tais quais Deus nos quer e tender para o fim para que Ele nos destinou, temos também para conosco deveres, que por esse motivo se denominam de natureza; e, por conseguinte, podemos dizer de modo geral que aquilo que não devemos fazer

a outrem também o não devemos fazer a nós mesmos, e que, não sendo lícito matar o próximo, também não é permitido matarmo-nos a nós mesmos.

Prática

Estudemos, pois, com diligência os Mandamentos, a fim de conhecermos o que Deus quer de nós, seus súditos. Assim como por meio deles se dignou manifestar-nos a sua vontade, assim é dever nosso estudá-los, para submeter a nossa à sua e cumpri-la fielmente.

Exemplos

Promulgação dos Mandamentos

No terceiro mês após a saída do Egito, chegaram os hebreus próximos do Monte Sinai. Deus chamou Moisés ao Monte e ordenou-lhe que preparasse o povo para receber as suas leis, recordando-lhe a libertação do Egito e prometendo muitas bênçãos como prêmio da observância dela. Moisés executou as ordens recebidas por Deus. Era chegado o terceiro dia e já tinha amanhecido, eis senão quando começaram a ouvir-se trovões e relâmpagos, e uma nuvem espessa cobriu o monte, e um som de trombeta muito forte atroava os ares. Apoderou-se do povo grande medo. Moisés, porém, persuadiu-os a sair das suas tendas e a estar diante do Senhor. Todo o Monte Sinai fumegava como uma fornalha incutindo terror. O som da trombeta tornava-se pouco a pouco mais forte e penetrante. Daí a pouco, o Senhor fez ouvir a sua voz no monte anunciando a todo o povo os Mandamentos: "Eu sou o Senhor teu Deus. Não terás deuses estrangeiros diante de mim". Moisés, por ordem de Deus, voltou ao Monte para receber por escrito a lei promulgada e vocalmente outras leis especialmente cerimoniais. Passados quarenta dias, descendo Moisés do Monte com as duas tábuas, em que Deus havia escrito a Lei, viu que o povo fizera um bezerro de ouro e que o adorava. Indignado, quebrou as tábuas e lançou no fogo o bezerro. Em seguida, depois de ter castigado com a morte muitos culpados, subiu de novo ao Sinai; esteve com o Senhor outros quarenta dias e recebeu novas tábuas semelhantes às partidas, que levou ao povo e guardou na arca construída segundo o desenho que o próprio Deus lhe dera e que teve depois tão grande parte na história do povo hebreu.

Guarda os Mandamentos

Chegou-se a Jesus um jovem a perguntar-lhe: "Bom Mestre, que obras boas devo eu fazer para alcançar a vida eterna?" E Jesus lhe respondeu: "Se tu queres entrar na vida, guarda os mandamentos". Quais? perguntou. E Jesus lhe disse: "Não

cometerás homicídio. Não adulterarás. Não cometerás furto. Não dirás falso testemunho. Honra a teu pai e a tua mãe, e ama ao teu próximo como a ti mesmo". Resumindo em poucas palavras a substância dos Dez Mandamentos da Lei Antiga (São Mateus 19). Outra vez Jesus advertia: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos Céus; mas sim o que faz a vontade de meu Pai" (São Mateus 7, 21), isto é, que guarda os Mandamentos.

Pintura de Jesus e o jovem rico na igreja de Santa Maria De Montalegre, Espanha.

Não vim destruir a lei

"Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir. Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra. Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos, ainda que dos menores, e

ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado menor no Reino dos Céus; mas todo aquele que praticar e ensinar estes mandamentos será chamado grande no Reino dos Céus" (São Mateus 5, 17-19).

Bênçãos prometidas a quem observa os Mandamentos.

Deus prometeu aos hebreus muitas bênçãos, mesmo temporais, como prêmio da observância dos Mandamentos: "Se tu porém ouvires a voz do Senhor teu Deus, cumprindo e guardando todas as suas ordenações... Todas estas bênçãos virão sobre ti, e te alcançarão: tu serás bendito na cidade e bendito no campo, será bendito o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e o fruto dos teus animais, as manadas, os teu celeiros, e benditas as tuas obras; serás bendito ao entrar e ao sair... o Senhor derramará a sua bênção sobre todas as obras das tuas mãos" (Deuteronômio).

Muitos fatos da Sagrada Escritura confirmam a promessa divina. Noé, fiel a Deus, salva-se do dilúvio. Abraão saiu do meio do seu povo, porque este caíra na idolatria, e Deus fá-lo prosperar; José recusa pecar, e Deus exalta-o; e, Davi se bem que perseguido de morte por Saul, reina em Israel; Jó bendiz a Deus na miséria em que é precipitado, e Deus restitui-lhe os bens em mais abundância ainda do que antes.

Estas bênçãos e graças não eram senão figura do prêmio precioso que Deus reserva no Céu aos seus filhos, que guardam fielmente os seus Mandamentos.

Amizade com Deus

O tópico "Amizade com Deus" é feito para que possamos crescer na intimidade com Nosso Senhor Jesus Cristo. Ora, mas como faremos para crescer nesta intimidade com Nosso Senhor, quer dizer, nesta amizade com Deus? Respondemos: Contamos com a ajuda da graça, capaz de criar em nós um coração novo e em perfeita sintonia com o de Cristo, que nunca quis o que não fosse vontade de seu Pai. E, para que essa graça produza em nós frutos copiosos de conversão e sujeição à dulcíssima vontade de Deus, **precisamos ser solícitos em nossa vida de oração**, **porque é em oração que o Senhor nos fala mais particularmente e nos vai remodelando à imagem e semelhança de seu Filho,** a fim de que com Ele possamos dizer: "Eis que eu venho [...]: fazer vossa vontade, meu Deus, é o que me agrada, porque vossa Lei está no íntimo de meu coração" (Sl 39, 9-10). Devemos, portanto, rezar sem cessar, conforme o mandamento do Senhor, pois a oração é uma necessidade tão vital ao homem que Santo Afonso Maria de Ligório, resumindo-a numa fórmula expressiva, pôde dizer: "Quem reza se salva; quem não reza se condena".

No Evangelho da Transfiguração, os discípulos de Jesus são levados "a um lugar à parte, sobre uma alta montanha", a fim de se encontrarem com Deus, por meio da oração.

Santa Teresa de Jesus diz: "Não é outra coisa a oração mental senão tratar de amizade, estando muitas vezes tratando a sós com quem sabemos que nos ama".[1]

Então, a oração implica amizade com Deus. E essa amizade brota do relacionamento intratrinitário, da amizade que o Pai tem pelo Filho, expressa nas palavras: "Este é o meu Filho amado, no qual eu pus todo o meu agrado". Para que também nós entremos nessa amizade e nos transfiguremos, por assim dizer, junto com Jesus, devemos atender ao apelo do Pai, que diz: "Escutai-o!" **Da oração brota, então, um ato efetivo de amor a Deus: determinamo-nos a transformar a nossa vontade na vontade de Deus, como o próprio Jesus indica em outra passagem: "Vós sois meus amigos, se fazeis o que vos mando"** (Jo 15, 14).

Mas Jesus também quer que o nosso amor a Deus se desdobre no amor ao próximo: "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos" (Jo 15, 13). Jesus leva-nos para o monte, mas não para que fiquemos aí, isolados em tendas, como sugeriu São Pedro; mas, ao contrário, para que, descendo o monte, entreguemos nossa vida por Ele e pelos outros. Então, a oração, que é amizade com Deus, desabrocha, concretamente, na prática da caridade.

Ainda sobre a oração, Santa Teresa dá-nos algumas indicações preciosas:

---

[1] Livro da Vida, cap. 8, 5.

"[O iniciante] pode fazer muito para se determinar a servir bastante a Deus e despertar o amor. A pessoa pode imaginar que está diante de Cristo e acostumar-se a enamorar-se da Sua Sagrada Humanidade, tendo-O sempre consigo, falando com Ele, pedindo-lhe auxílio em suas necessidades, queixando-se dos seus sofrimentos, alegrando-se com Ele em seus contentamentos e nunca esquecendo-se Dele por nenhum motivo, e sem procurar orações prontas, preferindo palavras que exprimam seus desejos e necessidades. É excelente maneira de progredir, e com rapidez. E adianto que quem trabalhar para ter consigo essa preciosa companhia, aproveitando muito dela e adquirindo um verdadeiro amor por esse Senhor a quem tanto devemos, terá grande benefício. 3. Para isso, não façamos caso de não ter devoção sensível — como eu disse —, mas agradeçamos ao Senhor, que nos permite estar desejosos de contentá-Lo, embora as nossas obras sejam fracas. Esse modo de trazer Cristo conosco é útil em todos os estados, sendo um meio seguríssimo para tirar proveito do primeiro e breve chegar ao segundo grau de oração, bem como, nos últimos graus, para ficarmos livres dos perigos que o demônio pode pôr. Quem quiser passar daqui e levantar o espírito a sentir gostos, que não lhe são dados, perde, a meu ver, tudo".[2]

A oração não consiste em "sentir gostos", mas em determinar-se no amor. Precisamos cultivar a verdadeira oração, "que não é outra coisa (...) senão tratar de amizade (...) com quem sabemos que nos ama".

Portanto, todas as reflexões que serão feitas ao longo do ano só trarão frutos aos estudantes se estes as meditarem, e as meditarem em oração. O trecho da página seguinte, retirado da Imitação de Cristo, resume bem o que queremos expressar:

[2] Livro da Vida, cap. 12: 2 – 3.

Da conversação interior de cristo com a alma fiel

Diz a Alma Fiel: Ouvirei o que em mim disser o Senhor meu Deus (Sl 84, 9).

Bem-aventurada a alma que ouve o Senhor falar-lhe interiormente e de seus lábios recebe palavras de consolação.

Bem-aventurados os ouvidos atentos ao sopro das divinas inspirações e surdos aos rumores do mundo.

Mil vezes bem-aventurados os ouvidos que escutam, não as vozes de fora, mas os ensinamentos internos da Verdade.

Bem-aventurados os olhos, que, cerrados às coisas externas, estão abertos às interiores.

Bem-aventurados os que penetram os mistérios da alma e, por meio dos exercícios de cada dia, mais e mais se preparam para entender os segredos celestiais.

Bem-aventurados os que suspiram por entregar-se a Deus e se desembaraçam de todos os impedimentos do mundo.

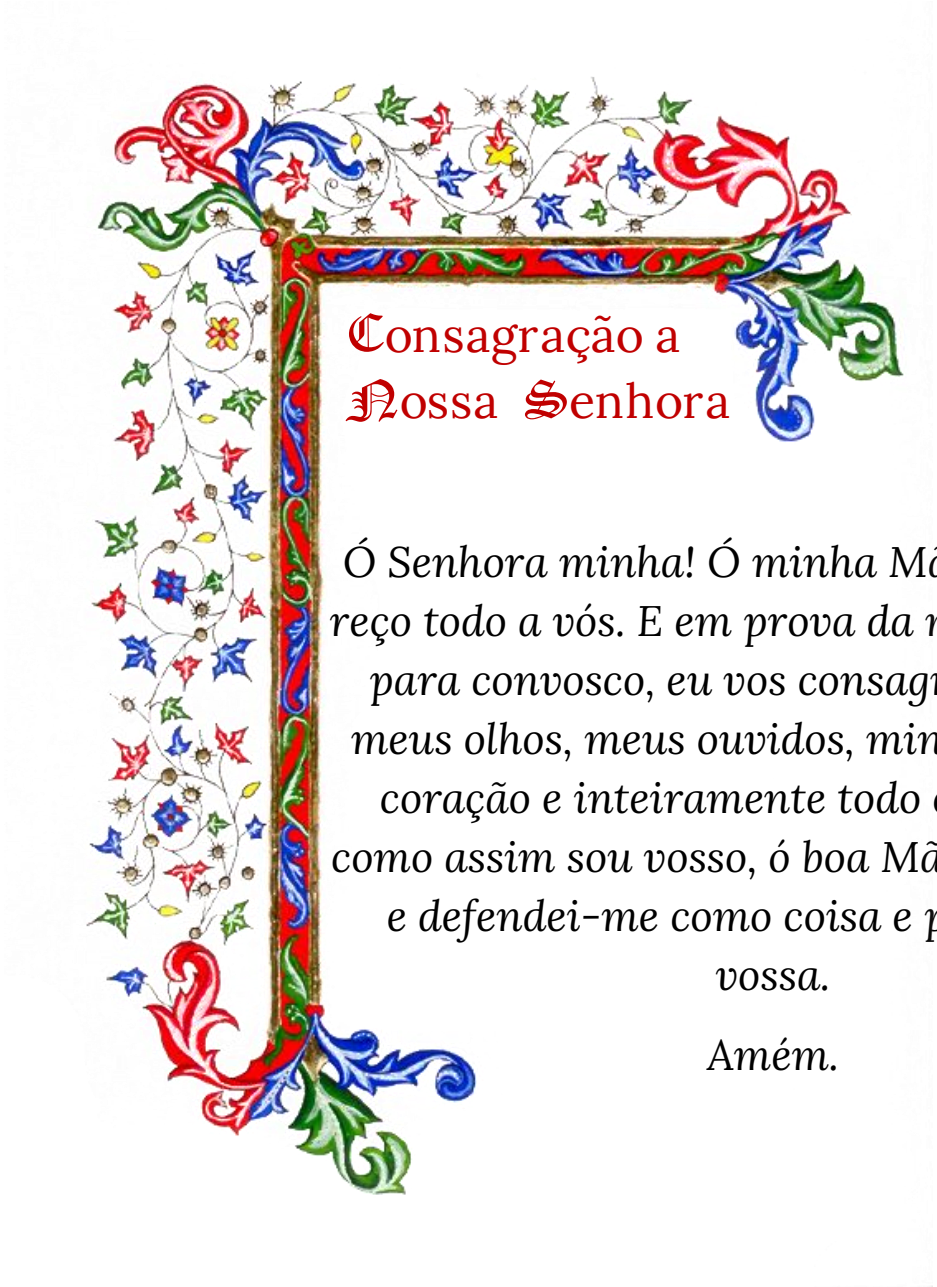
Medita, ó alma, estas coisas, e fecha as portas dos teus sentidos a fim de poderes ouvir o que te disser o Senhor teu Deus

Portanto, para essa oração meditativa, para esta conversação interior com Cristo, sugerimos que sigam os passos propostos por Santo Afonso Maria de Ligório, que se encontra nas páginas seguintes.

Recomendamos que o estudante, ou mesmo seus responsáveis, identifique qual é o melhor horário do dia para fazer esta oração meditativa, cuja base de reflexão serão os textos aqui escritos. Lembre-se de que apesar de o tópico "Amizade com Deus" conter um texto para ser lido em um dia, ele deverá ser meditado ao longo de toda a semana, escolhendo o aluno ora uma frase ora outra para meditar a cada dia.[3]

Por fim, faça a consagração a Virgem Maria, que se encontra a seguir, pedindo-lhe a graça de ser perseverante e paciente neste caminho que empreenderá:

[3] É claro que cada um poderá escolher as obras e textos, além deste material, para sua meditação pessoal.



A Oração Meditativa, segundo Santo Afonso Maria de Ligório

A oração foi sempre as delícias das almas fervorosas. Estas delícias, querido leitor, o Sagrado Coração vos convida hoje a saborear. Mais aparentes do que reais são as dificuldades deste santo exercício. "Fazer oração mental ou meditação, diz Monsenhor Dechamps, é pensar nas verdades da fé, para se excitar no amor divino e na prática das virtudes, cuja graça será obtida pela oração". A meditação chama-se *oração mental*, pois a oração ou súplica é a parte principal da meditação. Assim, fazer oração mental é pensar nas verdades da fé, por exemplo, na morte, no juízo, no céu, no inferno, na eternidade, em Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho único de Deus, que desceu do céu, fez-se Homem por nosso amor no seio da bem-aventurada Virgem Maria, padeceu e morreu na cruz para nos alcançar o perdão de nossos pecados. Quando o cristão pensa numa das grandes verdades que a santa fé ensina, e pensa

para se excitar a evitar o pecado, imitar a Jesus Cristo e empregar para isto os meios que ele nos deixou, principalmente a oração e os sacramentos, que são os canais da graça, então faz a meditação ou oração mental.

Bem vedes que muitos cristãos que nunca ouviram talvez pronunciar estas palavras, fazem contudo a oração, visto como pensam algumas vezes nas verdades da salvação, por exemplo, quando depois de ouvirem o sermão do domingo, pedem a Deus perdão dos pecados, tomam a resolução de confessar-se e lhe rogam a graça de vida melhor. Faz também oração mental aquele que se prepara para uma boa confissão, porque então, depois de ter orado e reconhecido suas faltas, excita-se à contrição pensando no inferno que mereceu, no céu e na graça de Deus que perdeu, em Jesus Cristo a quem nossos pecados fizeram chorar, padecer e morrer. Ainda faz oração mental, quem, depois de ter lido n'algum bom livro, pára um pouco considerando um ponto que lhe diz respeito e mais o comove, o depois ora a Deus, a Jesus, a Maria, aos santos anjos, ou aos santos padroeiros, a fim de conseguir uma graça que deseja, ou cumprir uma coisa que Deus exige dele. Em viagem e até no trabalho pode uma pessoa fazer oração mental, pois ainda então pode pensar nas verdades da salvação, e dirigir-se a Deus em súplicas. Não se creia, pois, que este exercício, por difícil, seja raro. Não, quando se toma a peito o negócio da salvação eterna, nele se pensa todos os dias com tão boa vontade como os negociantes no seu comércio; e tão impossível é que nos saiamos bem no negócio de nossa salvação, sem nele pensarmos e nos resolvermos a empregar os meios necessários, como o é ao negociante prosperar, sem pensar nos meios de adquirir fortuna. *O mundo está cheio de pecados e o inferno de réprobos*, afirma Santo Afonso, *porque não se medita nas verdades eternas*.

Portanto, alma cristã, nada mais fácil que fazer oração mental. Santo Afonso torna sua prática extremamente simples, clara, fácil e não menos frutuosa; graças ao método que ele ensina, este exercício indispensável a quem quer santificar-se, é posto com toda verdade ao alcance de todos: também seu desejo é que todos aprendam a meditar. Eis aqui o método de fazer a oração mental segundo o Santo Doutor:

A oração mental contém três partes: a preparação, a meditação e a conclusão.

I. Na Preparação fazem-se três atos:

1. Ato de Fé na presença de Deus:

Meu Deus, eu creio que estais aqui presente e vos adoro.

2. Ato de humildade.

Eu deveria estar a esta hora no Inferno; Senhor, eu me arrependo de vos ter ofendido.

3. Ato de petição de luzes.

Eterno Pai, por amor de Jesus e Maria, esclarecei-me nesta meditação, para que tire proveito dela.

Uma Ave-Maria à Mãe de Deus, e um Glória ao Pai a S. José, ao Anjo Custódio e ao nosso Santo protetor. Estes atos devem ser feitos com atenção, mas brevemente; depois faz-se a meditação.

II. Para a meditação sirvamo-nos sempre de um livro, ao menos no começo, parando nas passagens que mais impressão nos fazem. S. Francisco de Sales diz que devemos imitar as abelhas, que se demoram numa flor enquanto acham mel, e voam depois para outra.

Cumpre, além disso, saber que os frutos da meditação são três: afetos, súplicas e resoluções; nisto é que consiste o proveito da oração mental. Assim, depois de haverdes meditado uma verdade eterna, e ter Deus falado a vosso coração, é mister que faleis a Deus:

1º. Pelos afetos, isto é, pelos atos de fé, agradecimento, humildade, esperança; mas repeti de preferência os atos de amor e contrição. Conforme Santo Tomás, todo ato de amor nos merece a graça de Deus e o Paraíso. O mesmo se deve dizer do ato de contrição. Eis aqui exemplos de atos de amor:

— Meu Deus, eu vos amo sobre todas as coisas.

— Eu vos amo de todo o meu coração.

— Quero fazer em tudo vossa vontade.

Para o ato de contrição basta dizer:

Bondade infinita, pesa-me ter-vos ofendido.

2º. É necessário também falar a Deus pelas súplicas, pedindo-lhe as luzes de que precisamos, a humildade ou outra virtude, uma boa morte, a salvação eterna, mas principalmente seu amor e a santa perseverança. E se nossa alma está em grande aridez, basta repetirmos:

— Meu Deus, socorrei-me.

— Senhor, tende compaixão de mim.

— Meu Jesus, misericórdia!

3º. É mister enfim falar a Deus pelas resoluções: antes de terminar-se a oração, cumpre tomar alguma resolução particular, por exemplo, fugir de tal ocasião, sofrer o que parece nos molestar em tal pessoa, corrigir-se de tal defeito, etc.

III. Enfim a Conclusão compõe-se de três atos:

1º. Meu Deus, eu vos agradeço as luzes que me destes.

2º. Proponho observar as resoluções que tomei.

3º. Peço-vos, por amor de Jesus e Maria, a graça de pô-las em prática.

Termina-se a oração por um Pai-Nosso e uma Ave-Maria, para recomendar a Deus as almas do Purgatório, os prelados da Igreja, os pecadores, parentes e amigos.

S. Francisco de Sales aconselha notar algum pensamento que mais impressão nos faz na oração, para o recordarmos de tempos a tempos durante o dia.

Além da oração, diz Santo Afonso, é utilíssimo fazer também, cada dia, uma Leitura Espiritual por espaço de meia hora, ou ao menos de um quarto de hora, em algum livro que trate da vida dos Santos, ou das virtudes cristãs.

Quantos há que foram convertidos e se tornaram grandes santos, por terem lido um livro de piedade! Aí estão S. João Colombini, Santo Inácio de Loyola, e muitos outros.

Quando o cristão pensa numa das grandes verdades que a santa fé ensina, e pensa para se excitar a evitar o pecado, imitar a Jesus Cristo e empregar para isto os meios que ele nos deixou, principalmente a oração e os sacramentos, que são os canais da graça, então faz a meditação ou oração mental.

▷ Exercícios de Perfeição de Virtudes Cristã (Pe. Afonso Rodrigues)

Os textos que iremos propor ao longo deste ano foram retirados da excelente obra *Exercícios de Perfeição de Virtudes Cristã*, do jesuíta Pe. Afonso Rodrigues. A obra é um verdadeiro primor, e, se nos aplicarmos em viver tudo o que ali nos recomenda seu pio autor, certamente alcançaremos de Deus muitas graças.

Eis o primeiro texto deste ano:

TRATADO QUARTO
Das tentações

Capítulo I – Nesta vida não hão de faltar tentações

Diz o Sábio: Filho, se queres servir a Deus, conserva-te em justiça e em temor, e prepara-te para a tentação. Diz São Jerônimo sobre aquelas palavras do Eclesiastes: há tempo de guerra e tempo de paz; enquanto estamos neste mundo, é tempo de guerra, e só quando passarmos ao outro, será tempo de paz. E daí tomou aquela nossa cidade celestial o nome de Jerusalém, que quer dizer visão de paz. Portanto, diz o Santo, ninguém se tenha agora por seguro, porque é tempo de guerra; agora há de ser o pelejar, para que, saindo vencedores, descansemos depois naquela paz bem-aventurada.

Santo Agostinho sobre aquilo de São Paulo: Pois não faço o bem que eu quero, diz que a vida do homem justo aqui na terra é peleja e não triunfo; e por isso ouvimos agora vozes de guerra, quais são estas que dá o Apóstolo, sentindo a repugnância e contradição que a nossa carne tem ao bem, e a grande inclinação que tem ao mal, desejando ver-se livre deste combate: Pois não faço o bem que eu quero, mas o mal que não quero. Sinto outra lei nos meus membros, a qual contradiz a lei do meu espírito, e me traz cativo em seguimento da lei do pecado que existe nos meus membros.

Porém depois se ouvirá a voz de triunfo, quando, como diz o mesmo Apóstolo, este corpo mortal e corruptível se vestir de incorrupção e de imortalidade. E a voz do triunfo que então se ouvirá, será a que mesmo diz São Paulo: Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está teu estímulo? Tudo isto disse muito bem o santo Jó naquelas breves palavras: É a vida do homem sobre a terra uma guerra contínua, e como o dia do jornaleiro; porque assim como o ofício do jornaleiro é trabalhar e cansar-se durante o dia, e só depois vêm o prêmio e o descanso: Assim também para nós o dia da vida presente é cheio de trabalhos e tentações; porém depois da vida se nos dará o prêmio e o descanso, conforme o trabalho que tivermos feito.

Descendo em particular a examinar a causa desta contínua guerra, aponta-a o Apóstolo Tiago na sua epístola Católica: “Donde vêm as guerras e as contendas entre vós? Não é verdade que vêm das vossas concupiscências e apetites que pelejam em vossos membros? Dentro de nós mesmos temos a causa e a raiz, que é a rebeldia e contradição para todo o bem, a qual ficou na nossa carne depois do pecado original. Também a terra da nossa carne ficou maldita, e por isso brota cardos e espinhos que nos pungem e atormentam continuamente.

A este propósito trazem os Santos a comparação da nave dos Apóstolos, que, mal deu a vela, se empolou o mar de tal sorte, que se levantou uma furiosa tempestade de ondas tão alterosas, que não parecia senão que o mar a queria sepultar no seu seio. Assim também a nossa alma vai embarcada neste nosso corpo, que é uma barquinha velha e rota, metendo água por todos os lados, e combatida pelas ondas e tempestades de muitos movimentos e apetites desordenados que a pretendem alagar e meter a pique. Este corpo corruptível oprime a alma, e a leva e arrasta em seu seguimento.

De maneira que a causa de nossas contínuas tentações é a corrupção da nossa natureza, e aquele incentivo do pecado, ou má inclinação que nos ficou depois do pecado de nossos primeiros pais. Conosco ficou, e dentro de nossa casa, o nosso maior inimigo; e esse é o que nos faz contínua guerra. E assim não tem o homem de que se admirar, quando se vê combatido de tentações, porque enfim é filho de Adão, concebido e nascido em pecado, e não pode deixar de ter tentações, inclinações a apetites mais que lhe faça guerra. Por esta razão, nota São Jerônimo, que na oração do Pai-Nosso, que Jesus Cristo nos ensinou, não nos diz que peçamos a Deus não ter tentações, porque isso, diz, é impossível, mas sim que não nos deixei na tentação.

E isto é o que noutra ocasião disse também o mesmo Cristo a seus discípulos: Vigia e orai para que não entreis em tentação. Diz São Jerônimo: Entrar em tentação não é ser tentando, senão ser vencido da tentação. O santo patriarca José foi tentado de adultério, porém não foi vencido da tentação. Pois isto é o que nós pedimos ao Senhor no Pai-Nosso, que nos dê graça e fortaleza, para que não caiamos, nem sejamos vencidos da tentação. E na epístola a Heliodoro diz o mesmo Santo Doutor: Erras, irmão, e muito te enganas, se pensas que o cristão há de estar sem tentações. Essa é, diz, a maior tentação, o parecer-te que não tens tentação. Então nos faz o demônio maior guerra, quando nos parece que não há guerra.

O nosso inimigo, o demônio, como diz o apóstolo São Pedro, anda rugindo em volta de nós para ver se pode tragar-nos, e tu pensas que há paz? Está escondido e à espera para matar o inocente, e tu ainda te dás por seguro? É engano; porque esta vida é tempo de guerra e de peleja; e espantar-se das tentações é como se o soldado se espantasse e admirasse dos tiros das armas de fogo, e por isso quisesse deixar a guerra; ou então é como se o que vai embarcado quisesse abandonar o navio, por ver que se lhe revolve o estômago.

Diz São Gregório que é um grave engano de alguns, em tendo alguma tentação grave, parecer-lhes que já está tudo perdido, que Deus se esquece deles e que estão fora da sua graça. Andais muito enganados; antes é necessário que estejais persuadidos de que o ter tentações não só é coisa ordinária dos homens, senão muito própria de homens espirituais e que tratam de virtude e perfeição, como no-lo dá a entender o Sábio nas palavras que dissemos ao princípio, e o mesmo nos ensina o Apóstolo São Paulo: Os que querem viver bem e tratam do seu aproveitamento e de se adentrarem no serviço de Deus, esses são os perseguidos e combatidos com tentações, porque os outros muitas vezes não sabem o que é tentação, nem a conhecem na rebelião e na guerra que a carne faz ao espírito; antes têm gosto em viver segundo a carne, e disso fazem guloseima.

Nota isto muito bem Santo Agostinho sobre aquelas palavras de São Paulo: A carne deseja contra o espírito. Nos bons, diz, que tratam de espírito, de virtude e perfeição, apetece a carne contra o espírito; porém nos maus, que não tratam disso, não tem a carne contra quem apetecer e desejar; e por isso estes não sentem a luta da carne contra o espírito, porque não há espírito que a contradiga e peleje contra ela. Com estes não tem o demônio necessidade de gastar tempo em os tentar, porque eles de sua vontade o seguem e se lhe rendem sem dificuldade nem contradição

Não andam os caçadores à caça de jumentos, mas sim de veados e gamos que sobem e correm ligeiros para os montes. Aos que sabem correr ligeiros como cervos e gamos ao monte da perfeição, a esses anda o demônio empenhado em caçar com laços e tentações; porque aqueles que vivem como jumentos, em casa os tem, não necessita de andar à caça deles, como diz São Gregório.

Portanto, não só havemos de admirar-nos de ter tentações, mas antes as havemos de ter por bom sinal, como adverte São João Clímaco: Não há, diz, sinal mais certo de que os demônios foram vencidos por nós que ver que nos fazem guerra, porque por isso vo-la fazem, porque vos rebelastes contra eles, e saístes da sua jurisdição; por isso vos persegue o demônio, porque tem inveja de vós; se assim não fosse, não vos perseguiria tanto com tentações.

Não andam os caçadores à caça de jumentos, mas sim de veados e gamos que sobem e correm ligeiros para os montes. Aos que sabem correr ligeiros como cervos e gamos, ao monte da perfeição, a esses anda o demônio empenhado em caçar com laços e tentações; porque aqueles que vivem como jumentos, em casa os tem, não necessita de andar a caça deles, como diz São Gregório.

LIÇÃO 5

Mandamentos da Lei de Deus

Meditação: das tentações

Doutrina Sagrada

7. O que é que se deve considerar nos Mandamentos?

NOS Mandamentos deve considerar-se aquilo que é mandado e aquilo que é proibido.

Explicação

1. Deus, com os seus Mandamentos, impõe-nos, quer dizer, ordena-nos, intíma-nos em substância o seguinte: que façamos o que é bem e evitemos o que é mal. Os Mandamentos indicam-nos o que é bem e ordenam-nos que o façamos; e indicam-nos o que é mal e proíbem-nos de fazê-lo. Cada Mandamento encerra, pois, um preceito (o de fazermos o que nos indica como bem) e uma proibição (o de não fazermos o que nos indica como mal), e, por isso, em cada um dos Mandamentos se deve notar o que é ordenado e o que é proibido.

2. Os Mandamentos são o espelho da nossa vida passada. Se vos puserdes diante de um espelho, sabeis se o vosso rosto está ou não limpo. Se puserdes diante da vossa mente os Santos Mandamentos, sabereis se a vossa vida passada foi boa ou má. Quando tendes de escrever em papel branco, se colocardes por baixo da folha uma pauta, podeis dirigir bem as linhas da vossa escrita; se conformardes as vossas ações com a regra dos Mandamentos, elas serão sempre bem reguladas. O trem caminha nos trilhos, por meio dos quais ele é bem dirigido. Os Mandamentos são, para a viagem que devemos fazer para o Céu, o que os trilhos são para o trem. Por meio dos trilhos o trem não se desvia do caminho e pode chegar ao seu destino. Por meio dos Mandamentos, se os observarmos, não nos desviamos do reto caminho e alcançaremos infalivelmente a salvação eterna.

Prática

Antes de fazerdes, dizerdes ou pensardes alguma coisa, fazei esta reflexão: Que me dizem a respeito desta coisa os Mandamentos?

Antes de fazerdes, dizerdes ou pensardes alguma coisa, fazei esta reflexão: Que me dizem a respeito desta coisa os Mandamentos?

TRATADO QUARTO
Das Tentações

Capítulo V – As tentações ajudam muito para nos conhecermos e humilharmos e para mais recorrermos a Deus

Outro grande bem e proveito que trazem consigo as tentações é que com elas nos conhecemos a nós mesmos. Muitas vezes não sabemos o que podemos; mas a tentação descobre o que somos, diz um Santo. Este conhecimento de nós mesmos é a pedra fundamental de todo o edifício espiritual, e sem este conhecimento nenhuma coisa duradoura se pode edificar, e com ele cresce a alma nas virtudes, porque sabe apoiar-se em Deus, com o qual tudo pode.

Ora, as tentações descobrem ao homem sua grande fraqueza e ignorância, sendo que até ali tinha os olhos fechados a uma e outra coisa. Porém quando o homem vê que um leve sopro o derriba, e que um quase nada o espanta e que em lhe vindo uma tentação, se desconcerta e exaspera, e logo foge dele o conselho e o acordo, e todo se vê cercado de trevas: então começa a moderar os brios, e a humilhar-se.

Diz o bem-aventurado São Gregório que, se não tivéssemos tentações, logo cuidaríamos que éramos alguma coisa, e pensaríamos que éramos muito valentes. Porém quando vem a tentação, e o homem se vê em risco iminente de cair, e que por um fio não dá consigo de través: então conhece a sua fraqueza e se humilha. De si diz o Apóstolo São Paulo: Para que o ter sido arrebatado ao terceiro céu, e as grandes revelações que tenho tido, me não ensoberbecesse, permitiu o Senhor que eu fosse tentado, para que entendesse o que eu era da minha parte e me humilhasse.

Daqui se segue outro bem e proveito grande, e é que o homem, conhecendo a sua fraqueza, conhece também a necessidade que tem do favor e auxílio de Deus, e trata de acudir a ele com a oração e de estar sempre dependente dele, como seu único remédio, conforme o profeta: Oh! como é bom para mim unir-me a Deus, e nunca me apartar dele.

Assim como a mãe, quando quer que seu filho venha para ela, faz que outros lhe metam medo para que a necessidade o obrigue a ir ao seu regaço; assim também o Senhor permite que o demônio nos espante e nos meta medo com as tentações para que fujamos para o seu amparo e proteção. Procede Deus conosco, diz Gerson, como a águia que provoca os seus filhos a voar; ou como a mãe, que deixa por um pouco o seu menino, para que ele com mais empenho a chame, e com mais diligência a busque

e mais estreitamente a abrace, e por sua vez seja mais carinhosamente acariciado. Diz São Bernardo que às vezes Nosso Senhor deixa a alma, para que ela com mais desejo e fervor o chame, e mais fortemente o segure, como fez com seus discípulos que iam para Emaús, fingindo que tencionava passar adiante e ir para mais longe para que eles rogassem e o detivessem: Ficai, Senhor, conosco, pois vai fazer-se noite.

Daqui nascem também que vem cada qual a estimar muito mais o favor e proteção do Senhor, vendo o muito que dela precisa. Diz São Gregório que por isso mesmo nos é proveitoso que levante o Senhor algum tanto a mão de nós; porque, se sempre tivéssemos aquela proteção, não a estimaríamos tanto, nem a teríamos por tão necessária.

Porém, quando Deus nos deixa um pouco, e nos parece que estamos em perigo de cair, e logo nos dá a mão: Se o Senhor me não ajudasse, por pouco estava minha alma no inferno: então estimamos mais o seu favor e auxílio, e ficamos muito mais agradecidos, e com maior conhecimento da bondade e misericórdia divina para conosco. Em qualquer dia que eu vos invoque, logo conheço que vós sois meu Deus. Chama um por Deus na tentação, e sente o seu auxílio, e experimenta a fidelidade de sua Divina Majestade no bom acolhimento que lhe faz no tempo da aflição e tribulação, e reconhece-o por Pai e por seu defensor, e acende-se com isso mais em seu amor, e prorrompe em louvores seus, como os filhos de Israel, quando os egípcios lhe iam no encalço, e se viram salvos da outra parte do mar, e os seus inimigos afogados.

Daqui vem finalmente não atribuir-se o homem a si coisa alguma de bem, antes referir tudo a Deus, e dar a Deus a glória de tudo, que é outro grande bem e proveito das tentações, e um grande remédio contra elas, e um excelente meio para alcançar grandes favores e mercês de Nosso Senhor.

Língua Portuguesa

Apresentação

Esta disciplina tem por objetivo proporcionar ao estudante a aquisição efetiva da língua portuguesa, de maneira que ele possa exprimir-se corretamente; comunicar-lhe o gosto pela leitura de bons escritores; ministrar-lhe apreciável parte do cabedal indispensável à formação do seu espírito e do seu caráter.

Para tanto, o estudo da Gramática é o princípio para todos os outros âmbitos que serão estudados, uma vez que esta arte é, antes de tudo, a arte da escrita, organizada de modo a normatizar a fala.

Dessa forma, a leitura dos grandes escritores, quando bem escolhida e orientada, oferece um manancial de ideias que fecundam e disciplinam a inteligência: concorrem para acentuar e elevar o espírito do estudante e formar seu caráter, além de incliná-lo às virtudes, à devoção, ao amor à Pátria e, especialmente, a Deus.

Leão XIII afirmava que entre os meios de defesa da religião nenhum havia mais eficaz do que a imprensa. Além disso, um dos meios proveitosos, e sem contestação, é a propaganda da leitura sã. Para tanto, atentos ao que se passará pelas janelas da alma de cada aluno (os olhos), dispusemos leituras diversificadas e cuidadosamente selecionadas, que de nenhum modo ferem a moral, a beleza e os bons costumes.

Com a graça de Deus, os frutos serão abundantes e todo esforço valerá a pena!

Para auxiliar este aprendizado, nesta introdução são propostas dicas para melhor organização e aplicação da disciplina. Para iniciar o trabalho, leia atentamente cada tópico.

Observação: as considerações simbolizadas pelo ícone ⚠ estão presentes apenas para orientação do responsável.

Como se organiza o material de Língua Portuguesa?

Para alcançarmos os fins almejados, a partir dos princípios desta disciplina, dispomos este material didático em diferentes seções, para que os objetivos de cada uma, ainda que complementares e indissolúveis, sejam facilmente observados.

Gramática

Seção essencialmente dedicada ao estudo de conceitos e regras gramaticais, principalmente a partir da exposição de conteúdos e exemplos; verificação de conteúdos por meio de exercícios; revisões; memorizações; resumos e avaliações bimestrais.

O objetivo desta seção é a formação, principalmente, para o bom entendimento e boa compreensão na comunicação, na fala, na leitura, na elaboração textual; é conseguir expressar-se sem vícios de linguagem, isto é, expressar-se corretamente a partir da norma culta-padrão da Língua Portuguesa. Por isso, esta seção tem por finalidade a busca da perfeição no uso da língua, em quaisquer contextos, sem nenhuns vícios ou equívocos gramaticais, para, assim, expressar com exatidão aquilo mesmo que se quer dizer.

Para realizar este trabalho de modo mais verdadeiro, utilizaremos a abordagem tradicional da gramática. Como referência, utilizamos na escrita do material a *Suma Gramatical da Língua Portuguesa – Gramática Geral e Avançada*, do professor Carlos Nougué. A escolha desta gramática orienta a seção por seu autor ser um gramático tomista. Em sua *Suma*, ao apresentar conceitos – sejam eles fonéticos, morfológicos, sintáticos ou semânticos –, o professor refuta todas as ideologias e valores modernistas que infelizmente penetraram até as raízes de nossa língua portuguesa. A Gramática de referência é avançada também por trazer muitas citações de outros gramáticos (muitas vezes ideologizados) e os refutar de modo a apresentar aquilo que é bom, belo e verdadeiro em nossa língua e em nossa gramática.

O estudo desta arte é o princípio para todos os outros desta disciplina, uma vez que a gramática é, antes de tudo, a arte da escrita, organizada de modo a normatizar a fala, e, para tanto, a obediência às regras é sua base.

Produção de textos

As duas seções textuais – produção de textos e análise de textos – são complementares, mas se diferenciam quanto aos fins.

Esta seção, Produção de Textos, tem por objetivo capacitar o aluno a elaborar, editar e analisar textos, assim como bem escrever e bem colocar-se em Língua Portuguesa, por meio da escrita ou da fala. A apresentação de diversos gêneros de textos (tais como o conto, a carta e o poema), bem como de outros elementos constituintes das composições textuais, são basilares para a exposição dos conteúdos. Dessa forma, a finalidade desta seção é proporcionar ao aluno o entendimento acerca das classificações, estruturas e aspectos textuais para que consiga expressar-se eximiamente, de modo escrito ou oral.

Análise de textos

Os componentes curriculares da disciplina de Língua Portuguesa são abordados a partir da contemplação da Beleza, da Verdade e da Bondade expressos na seleção cautelosa de textos virtuosos, em consonância com a moral e os bons costumes.

A partir da leitura aprofundada dos textos, proporcionaremos ao aluno as habilidades oratórias, interpretativas e gramaticais necessárias para o bom entendimento e compreensão do que é lido.

Para auxiliar a seleção de composições ao longo de toda a coleção, nos regemos por obras censórias de zelosos sacerdotes, como "Através dos Romances", do Frei Pedro Sinzig, "Lecturas Buenas y Malas", do Pe. Otaola, e "Novelistas buenos y malos", do Pe. Guevara.

Leitura mensal

A cada volume, o responsável deve escolher um livro para ser trabalhado detalhadamente, desde seus aspectos literários, ortográficos e gramaticais até seus aspectos interpretativos. Este livro deve ser adquirido separadamente pelo responsável.

ATENÇÃO: esta seção será disponibilizada aos assinantes mediante solicitação através do contato oficial do Suporte pedagógico.

Frequência das Seções

Para contemplarmos toda a disciplina de Língua Portuguesa, propomos que as Seções sejam abordadas na seguinte frequência:

Gramática: três dias por semana.

Produção de Textos: uma vez por semana.

Análise de Textos: uma vez por semana.

Leitura mensal: pode ser feita como trabalho mensal ou semanal, como disciplina na grade de estudos ou como atividade no contraturno, a critério do responsável.

A frequência pode ser alterada conforme a necessidade de cada aluno.

Responsável, atenção!

Realize um planejamento mensal de cada volume: organize e distribua as seções, as lições e as atividades conforme o seu planejamento, escolhendo o dia em que trabalhará cada uma, considerando a frequência orientada em cada disciplina.

Por exemplo, para Língua Portuguesa poderia ser:

Período	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
MANHÃ TARDE	GRAMÁTICA	GRAMÁTICA	PRODUÇÃO DE TEXTOS	GRAMÁTICA	ANÁLISE DE TEXTOS
NOITE	LEITURA MENSAL (MEMORIZAR)	LEITURA MENSAL (MEMORIZAR)	LEITURA MENSAL (MEMORIZAR)	LEITURA MENSAL (MEMORIZAR)	LEITURA MENSAL (MEMORIZAR)

Conte com o auxílio do Instituto para resolução de dúvidas e orientações, por meio da tutoria e do apoio dos nossos docentes.

Estabeleça uma rotina e seja fiel ao tempo e dias de estudo; dessa forma o aluno aprenderá a ter disciplina, e conseguirá ordenar as coisas e se organizar.

Fique atento aos registros que o aluno fará no caderno. Leia tudo o que ele escrever, motive-o, corrija-o com docilidade, firmeza, e interceda sempre, pois será um dos maiores responsáveis por todas as virtudes que ele poderá alcançar, com a Graça e a Providência de Deus.

Dicas para os responsáveis

Registro das atividades

O registro de todas as atividades e avaliações são fundamentais não apenas para atingir o objetivo desta disciplina, mas também para a organização do aluno, o seu amadurecimento, o modo como está se desenvolvendo e até mesmo o reconhecimento legal de tudo o que está aprendendo.

Diariamente propomos que seja feita uma checagem do que foi feito pelo aluno. A leitura dos textos ou das respostas elaboradas também o motivarão a progredir cada vez mais, de modo seguro e eficaz.

Quando um registro é bem elaborado, haverá, por parte do responsável e do aluno, um acompanhamento dos frutos, dos passos, do desenvolvimento, o que os tornará mais motivados, seguros e confiantes de estar no caminho certo.

A checagem e vistoria das atividades pode ser feita de diversos modos: avaliação oral, observação do caderno, leitura das atividades realizadas, dentre outras possibilidades. O que enfatizamos é que este **registro e análise deve ser sempre feito, preferencialmente todos os dias** em que se estudar a disciplina.

Como corrigir textos?

A tarefa de produção de textos é fundamental para o desenvolvimento, crescimento e formação do aluno, mas, justamente por seu imenso valor, exige uma atenção e um trabalho maiores por parte dos responsáveis.

Oferecemos, abaixo, indicações fundamentais que auxiliarão na conferência e abordagem da produção textual, desde as respostas mais simples até a elaboração de textos.

- Sempre encontrar e **dizer primeiro os aspectos positivos** da produção textual: seja o título, a letra, a ideia, a quantidade de palavras, o empenho... O elogio alcança milagres com todos os alunos, desde que verdadeiro, sincero e oportuno. Nunca faça afirmações elogiosas se não forem, de fato, merecidas.
- Todos os erros devem ser corrigidos, mas com cautela e paciência.

  Se o aluno **apresentar muitas dificuldades** com a escrita, deverá ser corrigido, **mas** com cuidado para que as palavras não fiquem perdidas dentro de um mar vermelho de correções. Para isso é importante manter a organização. Priorize um aspecto por vez para correção, e aos poucos corrija tudo o que é necessário.

Se o aluno **não apresenta dificuldades** com a escrita, para incentivá-lo, pode sugerir que reescreva o texto deixando-o **mais formal,** o que o fará aumentar seu vocabulário.

➢ Atividades de **reescrita, a partir da correção dos erros**, podem ajudá-lo a desenvolver-se, refletindo sobre o que escreve.

➢ Não responda às dúvidas ortográficas rapidamente (por exemplo: "PORQUE" se escreve junto ou separado? "PASSO" se escreve com SS ou Ç?). Sugerimos que **incentive a procura em dicionários**, para que seja mais difícil esquecer o que é aprendido. Muitos optam sempre pelo mais rápido e mais fácil, o que não combina com um aprendizado efetivo, que busca cooperar para a formação de sábios e santos.

➢ A maioria dos erros podem ser evitados com a **releitura do texto, feita com muita atenção, antes de mostrá-lo ao responsável**. Quando identificar um problema que seria facilmente evitado com a releitura, destaque o parágrafo e peça-lhe que o releia, tentando perceber se algo está errado. Quando notar o equívoco, peça-lhe que o corrija imediatamente. Na ansiedade de acabar as atividades propostas, muitas vezes o aluno pula algumas palavras, não conjuga alguns verbos, não faz a concordância correta do verbo com o sujeito, costuma utilizar palavras e expressões da oralidade informal (exemplos: tipo assim... aí, né... daí...), dentre outros erros que são mais claramente observáveis e que devem ser sempre corrigidos.

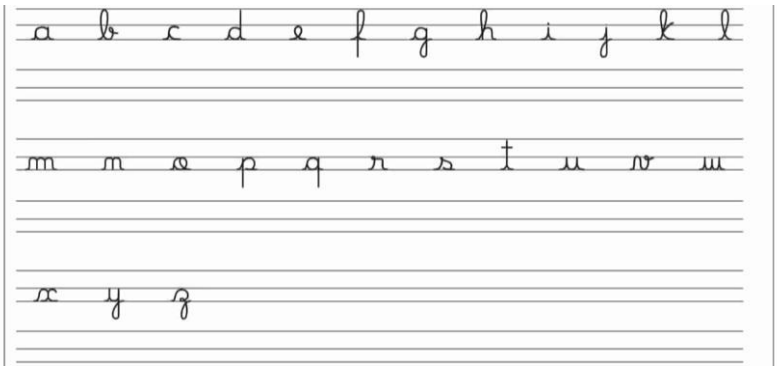
➢ **Nunca subestime o aluno!** Este é um dos maiores erros, pois, julgando a incapacidade do aluno, o nivelam "por baixo", tornando o ensino limitadíssimo e fraco. Não caia na tentação de pensar "isto é muito difícil, nunca aprenderá". Isso não significa que deve estipular metas inalcançáveis, mas sim que, de modo equilibrado, deve sempre levar em conta que a inteligência é um dom dado por Deus e que se perseverar, com a Sua Graça, aprenderá e dará muitos frutos. Coragem!

➢ **Caligrafia:** ter uma bela grafia exige esforço, treino e atenção. Caso o aluno apresente dificuldades ao escrever qualquer letra, ou tenha se habituado a uma grafia incorreta, sugerimos que uma vez por semana o responsável indique um texto (ou ao menos alguns parágrafos) da seção "Análise de textos" que deverá ser copiado em um caderno de caligrafia.

É importante que sempre obedeça às linhas do caderno de caligrafia da seguinte forma:

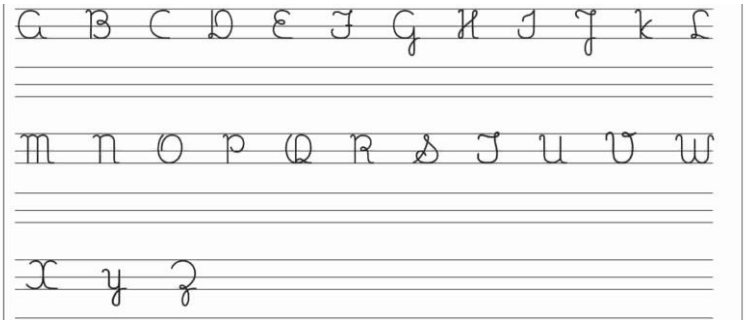
A **linha central** servirá para escrever as <u>letras minúsculas</u>, e deverá sempre ocupar toda a altura desta linha.

Exemplo de como se devem escrever as letras minúsculas:



A linha superior, localizada acima da linha central, servirá para fazer as letras maiúsculas e as letras minúsculas de maior altura (como o l, t, h, etc.). Estas letras devem encostar na linha superior.

Exemplo de como se devem escrever as letras maiúsculas.



A **linha inferior**, abaixo da linha central, servirá para desenhar partes de algumas das letras, como do **f,** do **g,** do **p e** do **q**. Deverá sempre começar escrevendo pela linha central e depois puxar a parte debaixo da letra, ocupando parte do espaço inferior.

- **Peça ajuda:** muitas vezes a humildade abrirá todas as portas necessárias para um efetivo aprendizado. O encaminhamento de dúvidas para os professores responsáveis pela disciplina poderá ajudar muito e poupar horas de trabalho em excesso por parte do responsável.

Qual é o significado desta imagem?

A apresentação deste ícone, no desenvolvimento do conteúdo, sinaliza a proposta de uma atividade que precisará de supervisão dos responsáveis.

Apresentamos, a seguir, um modelo de roteiro que os amparará na correção de textos e na análise de leitura. **Estes roteiros poderão auxiliar qualquer disciplina.**

Roteiro para correção de textos

- ✓ Aspectos positivos.
- ✓ Grafia (Letra legível? Diferencia letras maiúsculas e minúsculas).
- ✓ Pontuação (Vírgula, ponto final, interrogação...).
- ✓ Coerência (Tem sentido? Começo, meio e fim?).
- ✓ Abordagem do tema (Concluiu o objetivo da atividade?).
- ✓ Aspectos que devem ser melhorados.

Roteiro para aferição de leitura

- ✓ Aspectos positivos.
- ✓ Clareza, dicção (pronúncia correta e articulada das palavras).
- ✓ Pontuação.
- ✓ Entonação, ritmo da leitura.
- ✓ Intensidade/altura da voz.
- ✓ Velocidade da leitura.

Avaliações

Após a realização das atividades mensais, atividades avaliativas são propostas em todos os volumes, as quais deverão ser cuidadosamente analisadas pelos responsáveis.

Avaliação da Seção "Gramática": avaliação bimestral que visa verificar os conhecimentos adquiridos.

Avaliação da seção "Produção de textos": avaliação bimestral que visa verificar os conhecimentos adquiridos nas seções Gramática e Produção de textos.

Avaliação da Seção "Análise de textos": avaliação bimestral que visa verificar os conhecimentos adquiridos nas seções Gramática, Produção de textos e Análise de textos.

Minigramática: um resumo dos principais conceitos gramaticais vistos no volume, feito separadamente. Este resumo se unirá com os resumos dos demais volumes e formará uma minigramática ao término deste ano.

Moral da história: uma vez que os textos apresentados têm por objetivo a elevação do espírito e a formação do caráter, esta atividade separada quer recolher os ensinamentos que as leituras feitas geraram na vida do aluno (formará um livro no término deste ano).

TABELA DE CORREÇÃO DE TEXTOS AVALIATIVOS

ASPECTOS AVALIADOS	PRIMEIRA ANÁLISE	REESCRITA DO TEXTO	AVALIAÇÃ FINAL
Aspectos positivos Identifique todos os bons aspectos da escrita, como argumentos, letra			
Caligrafia Letra legível e capri-chada?			
Ortografia A grafia das palavras está correta?			
Coerência O texto escrito possui sentido e ligação entre as ideias?			
Coesão O texto está claro e sem ambiguidade?			
Pontuação Utilizou corretamente a pontuação?			
Tema Obedeceu ao que foi pe-dido?			

Parágrafos Os parágrafos foram empregados corretamente? Em sentido e em estrutura?			
Repetição Foram utilizadas as mesmas palavras muitas vezes?			
Confusão O texto apresenta ideias confusas?			
Ausência de palavras Por algum motivo, palavras importantes foram esquecidas?			
Outras observações importantes:			

ATENÇÃO:

Caso queira atribuir uma nota à produção elaborada, estabeleça um ponto (1,0) para cada item analisado, mas, em cada item, deverá analisar se o texto está:

0 – Insatisfatório.

0,5 – Satisfatório.

1,0 – Plenamente satisfatório.

Os **aspectos positivos** (primeiro item) poderão acrescentar até um ponto-bônus, caso se destaque em algum quesito.

TABELA DE AFERIÇÃO E AVALIAÇÃO DE LEITURA

ANÁLISE DA LEITURA	AVALIAÇÃO DA GRAVAÇÃO	RELEITURA	AVALIAÇÃ FINAL
Entendimento do texto A partir da leitura, é possível identificar com facilidade o assunto do texto lido?			
Clareza, dicção Pronúncia correta e articulada das palavras			
Pontuação, entonação, ritmo da leitura			
Intensidade/altura da voz			
Velocidade da leitura			

ATENÇÃO:

Caso queira atribuir uma nota à produção elaborada, estabeleça um ponto (1,0) para cada item analisado, mas, em cada item, deverá analisar se o texto está:

0 – Insatisfatório.

0,5 – Satisfatório.

1,0 – Plenamente satisfatório.

Os **aspectos positivos** (primeiro item) poderão acrescentar até um ponto-bônus, caso se destaque em algum quesito.

Gramática

LIÇÃO 1

Introdução e Fonética

GRAMÁTICA

De modo a dar continuidade aos estudos gramaticais do Ensino Fundamental II, que iniciamos no ano anterior, neste ano **concluiremos** os estudos da grande área da **Morfologia**. Para nos localizarmos nos estudos de Gramática, é importante termos em mente quais são nossas áreas de estudo: a **Fonética** (domínio do som); a **Versificação** (domínio dos aspectos musicais da palavra, domínio da prosódia da língua); a **Morfologia** (domínio das particularidades de cada palavra); a **Sintaxe** (domínio das relações criadas entre as palavras); e a **Semântica** (domínio da significação gerada no todo pelas partes – palavras).

No ano anterior, concluímos os estudos nas grandes áreas que dizem respeito aos aspectos sonoros de nossa língua: a Fonética e a Versificação. Portanto, ao longo de todo este 7º ano nos dedicaremos à revisão e ao aprofundamento dos aspectos morfológicos, que iniciamos no ano anterior. Para isso, neste primeiro volume, revisaremos os conteúdos sonoros e introduziremos os estudos morfológicos.

FONÉTICA

A **Fonética** é a área de nossa Língua Portuguesa que se dedica aos estudos dos sons da fala, a partir de vários aspectos: articulatório, acústico e auditivo. Nos ocuparemos aqui da **fonética articulatória**, que descreve o modo como os sons – consoantes e vogais – são produzidos pelo aparelho fonador humano.

Os termos utilizados para a descrição referente à **articulação** das unidades sonoras são originários da anatomia e da fisiologia humana, e são quatro as referências principais:

— O **ponto** ou lugar da cavidade oral em que o som é produzido (lábios, dentes, língua, alvéolos e palato);

— O **modo** como a ar é expelido para produzir a fonação (de maneira abrupta após uma oclusão, de forma contínua, com a saída pela cavidade nasal, etc.);

— O **comportamento** das pregas vocais (que podem vibrar ou não durante a passagem do ar pela laringe);

— A **posição** do palato mole (que pode fechar ou não a passagem do ar pela cavidade nasal).

Para prosseguirmos, é importante compreendermos e memorizarmos o seguinte conceito:

Os **fonemas** são os "sons da fala".

As palavras, quando expressas oralmente, são constituídas por uma combinação de **sons**. Quando tratamos de fonemas, isto é, dos sons da fala, fazemos um exercício chamado transcrição fonética. Portanto, para diferenciar a **transcrição fonética** da **grafia**, representamos estes sons entre /barras/, utilizando para isso alguns símbolos. Então, vamos revisar o Alfabeto Fonético.

Alfabeto fonético

VOGAIS NASAIS	LETRAS	EXEMPLOS	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
/ã/	am, an, ã	**tam**pa, **can**to, **mã**e	/tãpa/, /cãto/, /mãy/
/ẽ/	em, en	**sem**pre, **bên**ção	/sẽpre/, /bẽsaw/
/ĩ/	im, in	**lim**po, **lin**do	/lĩpo/, /lĩdo/
/õ/	om, on, õ	**dom**, **fon**te, **põ**e	/dõ/, /fõte/, /põy/
/ũ/	um, un	je**jum**, **un**ção	/ʒeʒũ/, /ũção/

SEMIVOGAIS	LETRAS	EXEMPLOS	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
/y/	i, e	pa**i**, mã**e**	/pay/, /mãy/
/w/	u, o	cé**u**, unç**ão**	/céw/, /unçãw/

CONSOANTES	LETRAS	EXEMPLOS	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
/p/	p	**P**uro	/puro/
/b/	b	**B**elo	/bɛlo/
/t/	t	**T**emor	/temor/
/d/	d	Deus	/deus/
/k/	c, qu	**c**asal, da**qu**i	/kasal/, / daki/
/g/	g, gu	**g**raça, **gu**ia	/grasa/, /gia/
/f/	f	**F**eliz	/felis/
/v/	v	**V**ela	/vɛla/
/s/	s, c, ç, x, ss, sc, sç, xc	**s**ábio, **c**iência, gra**ç**a, má**x**imo, pe**ss**oa, a**sc**ensão, cre**sç**o, e**xc**elente	/sabio/, /siẽsia/, /grasa/, /masimo/, /pesoa/, /asensaw/, /creso/, /eselẽte/
/z/	z, s, x	**z**elo, jo**s**é, e**x**ato	/zelo/, /jozɛ/, /ezato/
/ʃ/	x, ch	**x**adrez, **ch**agas	/ʃadrez/, /ʃagas/
/ʒ/	g, j	**g**ênesis, **j**ejum	/ʒenesis/, /ʒejũ/
/l/	l	**L**uz	/lus/
/ʎ/	lh	Fi**lh**o	/fiʎo/
/r/	r	Ra**r**o	/raro/
/r/	r, rr	**r**azão, co**rr**eto	/razãw/, /koreto/
/m/	m	**M**aria	/maria/
/n/	n	**N**oiva	/noiva/
/ɲ/	nh	Comu**nh**ão	/comuɲao/

Relembre: quando transcrevemos uma palavra foneticamente, marcamos a **sílaba tônica** com um **apóstrofo** (’), conforme o exemplo: /ʒe’sus/ (apóstrofo antes da sílaba tônica).

▶ Atividades

1. Procure em um dicionário a transcrição fonética das palavras destacadas a seguir, e escreva-a em seu caderno.
Observação: a maioria dos dicionários de línguas possui transcrição fonética (português-inglês; inglês-português; português-espanhol; espanhol-português; etc.). Caso não os encontre, poderá optar por um dicionário *online*, por exemplo: http://www.portaldalinguaportuguesa.org/index.php?action=fonetica&act=list&region=spx&search=.

a) "Não sei **verdadeiramente** como se pode **pensar** na Rainha dos **Anjos**, no tempo em que **passou** com o Menino Jesus, sem dar **graças** a São **José**, pelo auxílio que lhes prestou. (Santa Teresa de Jesus)
b) "Como te atreves a **folgar** tão sem **temor**, pois hás de comparecer diante de **Deus** e prestar conta da menor palavra e **pensamento**?" (São João da Cruz)
c) "Essa **querida** juventude foi **sempre** terno **objeto** de minhas **ocupações**, dos meus estudos, do meu ministério **sacerdotal** e da nossa **congregação**". (São João Bosco)

2. Agora faremos o exercício contrário: escreva ortograficamente as transcrições fonéticas a seguir:

a) "Quem confia em Maria jamais será / ilu'dʒidʊ/". (São João Bosco)
b) "Tenho /ẽkõ'tɾadʊ/ a esta Virgem soberana, /'sẽjpɾe/ que me tenho encomendado a Ela." (Santa Teresa de Jesus)
c) "Ao /ẽtaɾde'seɾ/ desta vida examinar-te-ão no amor." (São João da Cruz)

3. Retorne ao alfabeto fonético e demarque todas as sílabas tônicas das transcrições fonéticas com o apóstrofo.

LIÇÃO 3

Classificação das Consoantes

As **consoantes** são os sons (fonemas) em cuja produção o ar encontra obstáculos ao passar pela boca. Assim como as vogais, as consoantes apresentam classificações: quanto ao papel das cordas vocais; quanto ao papel das cavidades bucal e nasal; quanto ao modo de articulação; quanto ao ponto de articulação.

Quanto ao papel das cordas vocais: sonoridade

As consoantes são classificadas de acordo com a movimentação da corrente de ar, isto é, se o ar faz ou não faz vibrar as cordas vocais. Classificam-se em:

SONORAS: a corrente de ar encontra a glote fechada e, ao forçar a passagem, faz vibrar as cordas vocais: /b, d, g, v, z, ʒ, l, λ, r, m, n, ñ/.

Exemplos:

— "Ele **caminhava** calado, de **cabeça** baixa, com o seu **vasto** crânio venerável exposto ao sol." (Lima Barreto)

CAMINHAVA: /kami'ɲava/

CABEÇA: /ka'besə/

VASTO: /'vastʊ/

SURDAS: a corrente de ar encontra a glote aberta e passa sem fazer vibrar as cordas vocais: /p, t, k, s, f, ʃ/.

Exemplos:

— “Anda **depressa**, ó **Sol**, que estás parado!
Que **fazes** tu aí, Sol imprudente?” (Marcelo Gama)

DEPRESSA: /de’**p**ɾɛsə/

SOL: /’**s**ol/

FAZES: /’**f**azes/

Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal

As consoantes são classificadas, também, de acordo com o lugar de passagem do ar (somente pela boca ou ressoando na cavidade nasal). Classificam-se em:

NASAIS: o ar ressoa na cavidade nasal: /m, n, ɲ/.

Exemplos:

— “**Com** seus olhos azuis onde a **inocência** boia;
Nessa meia **penumbra** e nesse **ambiente** morno.” (Francisca Júlia)

COM: /’c**õ**/

INOCÊNCIA: /ino’s**ẽ**sjə/

PENUMBRA: /pe’n**ũ**bɾə/

AMBIENTE: /**ə̃**bi’ẽjtʃi/

OBSERVAÇÃO: as letras **m** e **n**, além de representarem sons consonantais, aparecem também como sinais de nasalização quando em posição final da sílaba. Neste último caso, formam dígrafos.

ORAIS: ar sai somente pela boca, isto é, todas as demais consoantes são orais.

Exemplos:

— “**Entre brumas**, ao longe, **surge** a aurora.
O hialino orvalho aos poucos se evapora.” (Alphonsus de Guimarães)

ENTRE: /’ẽ**t**ɾe/

BRUMAS: /’**br**uma/

SURGE: /’suɾ**g**e/

Quanto ao modo de articulação

As consoantes são classificadas, também, de acordo com o obstáculo encontrado pela corrente de ar na produção do som. Classificam-se em:

OCLUSIVAS: o obstáculo é total, seguido de uma abertura rápida: /p, t, k, b, d, g/.

Exemplos:

— "Do mundo **p**or nascer que trazias no seio,
Re**b**oavas ao **t**ropel dos índios e das feras!" (Olavo Bilac)

POR: /'**p**oɾ/

REBOAVAS: /re**b**o'avas/

TROPEL: /**t**ɾo'pɛw/

CONSTRITIVAS: o obstáculo é parcial. Elas podem ser:

FRICATIVAS: provocam ruído comparável à uma fricção: /f, s, ʃ, v, z, ʒ/.

Exemplos:

— "A **ch**ave **f**ica em cima da mesa;
lembrem-me, se me **esquecer**." (Martins Pena)

CHAVE: /'**ʃ**avi/

FICA: /'**f**ika/

ESQUECER: /eske'**s**er/

LATERAIS: o obstáculo é formado pela língua no centro da boca, saindo o ar pelas laterais: / l, λ/.

Exemplos:

— "Um frio **l**ivor se lhe **espalha** no rosto..." (Olavo Bilac)

LIVOR: /**l**i'vor/

ESPALHA: /es'pa**ʎ**ə/

VIBRANTES: há um movimento vibratório da língua ou do véu palatino: r (vibrante branda), R (vibrante forte).

Exemplos:

— "E enquanto cismas, **sorridente** e casta,
A teus pés, como um **pássaro** ferido." (Olavo Bilac)

SORRIDENTE: /so**x**i'dẽtʃĩ/

PÁSSARO: /'pasa**r**ɔ/

OBSERVAÇÕES: as consoantes nasais /**m**/, /**n**/, /**ñ**/ não são totalmente oclusivas, pois parte do ar escapa pelas fossas nasais, havendo oclusão apenas bucal.

Existem outras pronúncias para a letra "R", como o tepe, retroflexo e o vibrante, que são sinais de variações geográficas, mas não serão foco deste estudo. Para o momento, adote / R/ para pronúncia forte e / r/ para pronúncia branda.

Outras especificidades quanto ao ponto de articulação

As consoantes são classificadas, por fim, de acordo com o lugar da boca em que se dá o obstáculo para a saída do ar. Classificam-se em:

BILABIAIS: contato dos lábios superior e inferior: /p, b, m/.

Exemplos:

— "**Treme** a ternura, como sobre um rio
Treme a sombra de um **b**osque silencioso." (Olavo Bilac)

TREME: /'tre**m**e/

BOSQUE: /'**b**os'ke/

LABIODENTAIS: contato do lábio inferior com os dentes incisivos: /f, v/.

Exemplos:

— “Hoje, entre os ramos, a canção sonora
Soltam **festivamente** os passarinhos.” (Vicente de Carvalho)

FESTIVAMENTE: /**f**es**t**ʃiva’mẽjtʃi/

LINGUODENTAIS: aproximação ou contato da língua com os dentes superiores: /t, d, n/.

Exemplos:

— “Ah! **Plangentes** violões **dormentes**, mornos,
soluços ao luar, choros ao vento...” (Cruz e Sousa)

PLANGENTES: /plə̃’ʒẽj**t**ʃi/

DORMENTES: /**d**oɾ’mẽjtʃi/

ALVEOLARES: aproximação ou contato da língua com os alvéolos: /s, z, l, r/.

Exemplos:

— “Da **lira** infausta que nas mãos **sustenho**!” (Fagundes Varela)

LIRA: /’**l**i**r**ə/

SUSTENHO: /**s**us’teɲʊ/

PALATAIS: aproximação ou contato do dorso da língua com o palato duro ou céu da boca: /ʃ, ʒ, ʎ, ɲ/.

Exemplos:

— “Ou fruto que roubou da rosa o **cheiro**,
Ou rosa transformada em doce fruto.” (Silva Alvarenga)

CHEIRO: /’**ʃ**ejrʊ/

VELARES: aproximação da parte posterior da língua ao palato mole (véu palatino): /k, g, r/.

Exemplos:

— "As faces vão perdendo as vivas **cores**,
e vão-se sobre os ossos **enrugando**." (Tomás Antônio Gonzaga)

CORES: /'**k**ores/

ENRUGANDO: /ẽhu'**g**ãdʊ/

Sintetizando...

Classificação das vogais

- **Orais** ou **nasais** (papel das cavidades bucal e nasal).
- **Tônicas, átonas** ou **subtônicas** (intensidade).
- **Abertas, fechadas** e/ou **reduzidas** (timbre).
- **Anteriores, médias** e **posteriores** (zona de articulação).

Classificação das consoantes

- **Sonoras ou surdas** (papel das cordas vocais).
- **Orais** ou **nasais** (papel das cavidades bucal e nasal).
- **Oclusivas** ou **constritivas:** fricativas, laterais e vibrantes (modo de articulação).
- **Bilabiais, labiodentais, linguodentais, alveolares, palatais** ou **velares** (ponto de articulação).

Atividades

1. Classifique as consoantes das palavras destacadas a seguir a partir das quatro classificações que estudamos (modo de articulação; ponto de articulação; papel das cordas vocais; e papel das cavidades bucal e nasal).

À Cruz

Gostosa **quietação** da minha vida,
Sê bem-vinda, **cruz** querida.
Ó **bandeira**, que **amparaste**
O fraco e o fizeste **forte**!
Ó **vida** da nossa **morte**,
Quão bem a **ressuscitaste**!
O **Leão** de Judá domaste,
Pois por ti **perdeu** a vida.
Sê bem-vinda, cruz **querida**.
Quem não te ama vive atado
E da liberdade **alheio**;
Quem te **abraça** sem **receio**
Não **toma** caminho errado.
Onde o **mal** não tem cabida!
Sê bem-**vinda**, cruz querida.
Do **cativeiro** do **inferno**,
Ó Cruz, **foste** a liberdade;
Aos **males** da **humanidade**
Deste o **remédio** mais terno,
Deu-nos, por ti, Deus **Eterno**
Alegria sem **medida**.
Sê **bem**-vinda, cruz querida.

JESUS, Teresa de. ***Obras Completas***. **Opúsculos**. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda., 1951.
(Tomo V). Tradução pelas carmelitas descalças do convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro.

2. Faça a transcrição fonética das palavras destacadas no poema acima, de Santa Teresa d'Ávila.

3. Agora faremos um exercício sintético: classifique <u>todas</u> as letras (vogais e consoantes) das palavras destacadas a seguir:

a) "Se Ela te **sustenta**, não cairás; se Ela te **protege**, nada terás a temer; se Ela te **conduz**, não te cansarás, se Ela te é **favorável**, alcançarás o fim." (São Bernardo)

b) "**Terrível** morte, mas como é **desejável** a vida no outro **mundo**, onde Deus nos chama!" (São Francisco de Assis)

c) "A **Paixão** do Redentor é meio eficacíssimo para destruir a **inimizade** e conduzir a **alma** a grande **santidade**." (São Paulo da Cruz)

d) “Devemos **suportar** tudo, porque o **sofrimento** é **pequeno** e a recompensa **é** grande.” (Santa Catarina de Sena)

e) “**Nisso** consiste tudo o que precisamos **fazer** para sermos **santos**: renunciar a **nós** mesmos e não seguir nossa **vontade própria**.” (Santo Afonso de Ligório)

LIÇÃO 13

Formação das palavras

GRAMÁTICA

De modo a dar seguimento à revisão que iniciamos no volume anterior, neste volume continuaremos os estudos dos **aspectos morfológicos** da língua, isto é, estudaremos, exercitaremos e colocaremos em prática as características individuais das palavras: revisaremos os processos de formação das palavras; as partes que as compõem; as formações de novas palavras e também de novos significados.

Formação das palavras

Conforme já estudamos, existem várias partes que compõem a palavra, e a Morfologia é o estudo dessas partes.

Observe as pequenas partes que formam a palavra "irromper":

ir + romp + er

Estas são as pequenas partes que formam a palavra. A palavra é a unidade significativa mínima, isto é, é a unidade, em português, que apresenta significado (que possui um sentido). Neste Volume revisaremos algumas dessas partes:

- Radical.
- Acidentes da palavra:

— Vogal temática (nominal ou verbal).

— Sufixo flexional (nominal ou verbal).

- Tema.

Radical

O **radical** é o mesmo núcleo lexical da palavra, núcleo esse a que se filia uma família de palavras.

Exemplos:

O radical -BEL-:

— **bel**-a.

— **bel**-íssim-o.

— **bel**-eza.

— **bel**-a-mente.

— em-**bel**-ez-ar.

— em-**bel**-ez-a-mento.

Observe que ao radical -BEL- se filia uma família de palavras. Mas nem sempre o radical se mantém intacto como nos exemplos acima. Vejamos o caso do radical -FAZ-, a que se filiam, por exemplo:

O radical -FAZ-:

— **faz**-e-r.

— **fác**-il.

— in-**fec**-to.

— di-**fíc**-il.

— per-**fei**-to.

Como se vê, radical é a raiz atual de uma família de palavras em determinada língua.

Vogal temática

É a **vogal** que aparece imediatamente após o radical, preparando-o para receber as outras partes que compõem a palavra.

Além disso, a vogal temática serve para dividir os substantivos e os verbos portugueses em grupos distintos.

Os **substantivos** dividem-se por três grupos, cada um dos quais, como dito, identificado por uma vogal temática – a vogal temática dos substantivos é sempre uma vogal átona final.

Exemplos:

Vogal temática -a: beleza; igreja; aula.

Vogal temática -e: ponte; bondade; virtude.

Vogal temática -o: fogo; feno; sino.

Os **verbos**, por sua vez, dividem-se em três conjugações, cada uma das quais indicada por uma vogal temática.

Exemplos:

Primeira conjugação por -a-: passe**ar**; ajud**ar**; viaj**ar**.

Segunda conjugação por -e-: oferec**er**; merec**er**; corr**er**.

Terceira conjugação por -i-: cumpr**ir**; assist**ir**; corrig**ir**.

▶ Tema

Quando observamos o radical (raiz da palavra) e lhe acrescentamos a vogal temática, temos o que se denomina tema.

Tema é a junção do radical com a vogal temática.

Exemplo:

— "Era, pois, **livre** a mãe com o seu pequenito e busca sem demora as regiões do Egito!" (Padre José de Anchieta)

Radical: livr-

Vogal temática: -e-

Tema: livre.

▶ Atividades

1. Indique o radical, a vogal temática e o tema das palavras destacadas a seguir:

Epifania

Murilo Mendes

Eu Te procurei tal qual os três reis **magos**
Que caminhavam através de mares e **desertos**,
Até que um dia uma **estrela** enviada por Ti mesmo
Me **trouxe** até à Tua inefável presença.
Não posso Te **ofertar** o ouro, o incenso e a mirra.
Ofereço-Te a minha alma que Tu mesmo criaste,
Ofereço-Te a minha miséria e a minha poeira.
Suplico-Te que ilumines todos os que Te procuram
E **todos** aqueles que acreditam que **morreste**.
Ainda há muita dor, incompreensão e **treva**
Porque Tu ainda não deste a **volta** ao mundo.

Produção de textos

LIÇÃO 1

Linguagem e Língua

NESTA seção, "Produção de textos", são apresentados critérios de identificação, análise, elaboração e edição de textos, tendo em vista a arte da Gramática.

A boa escrita tem a capacidade de registrar e dar continuidade à língua, bem como transmitir com clareza a doutrina, os pensamentos, os poemas e as histórias, a fim de fixá-los e aprimorá-los em seu entendimento que vai além da simples fala.

Segundo Carlos Nougué (2015, p. 44), para falar, além do uso da razão, faz-se necessário o uso de uma série de elementos do corpo próprios. A escrita, porém, tem sua necessidade além da razão e das partes do corpo, exigindo bons materiais para materializá-la, como lápis, caneta, máquina de escrever, computador e papel, demonstrando que é necessário o aprimoramento além do que é natural.

A palavra gênero tem sua origem na palavra latina *generus*, que significa família, raça, ou seja, união de elementos que apresentam as mesmas características. Os textos também são divididos em gêneros de acordo com o assunto ou o modo como o autor se expressa. Nosso estudo acontecerá a partir do reconhecimento destes diversos gêneros de textos.

Gêneros de textos são modelos variados que definem e distinguem os textos a partir de suas funções comunicativas: narrativos, descritivos, dissertativos, argumentativos ou injuntivos. Ou seja, os gêneros textuais adequam os tipos de texto ao uso que deles se faz.

São exemplos de gêneros textuais os romances, os contos, as crônicas, as poesias, as cartas, as memórias, as catequeses, os discursos, e muitos outros, que estudaremos ao longo dos anos subsequentes.

Neste Volume também iniciaremos o estudo das novas teorias, entendendo conceitos fundamentais para a leitura, a interpretação e a comunicação. Para isso revisaremos o que sustenta o entendimento dos sentidos de um texto e aprenderemos novos conceitos morfológicos.

Linguagem e língua

A linguagem é a capacidade de adquirir e utilizar sistemas de comunicação, resultado da necessidade de significar para outros aquilo que se deseja. Dessa forma, ela acompanha os seres humanos em todas suas circunstâncias e relacionamentos, revelando-se, de forma mais comum, na **língua, um composto de fonemas e palavras que, segundo certas regras, comunicam ao próximo aquilo que se quer**.

A língua, por obedecer a determinadas regras, deve seguir a Gramática em todos seus âmbitos, o morfológico, o sintático, o fonológico ou o semântico, de modo a manter-se formal e culta. Entretanto, em alguns contextos, como no literário, algumas palavras e expressões podem assumir outros significados que vão além daquilo que lhes é convencional, e é isso o que estudaremos neste Volume.

Atividades

1. O que é linguagem?

2. O que é língua?

3. Identifique nos exemplos abaixo palavras e expressões que não apresentem seu significado convencional:

a) "Só quem se mortifica em vós floresce;" (Jerônimo Baía).

b) "Eu sou, Senhor, ovelha desgarrada" (Gregório de Matos).

c) "Vai crescendo em minha alma a fortaleza" (Marquesa de Alorna).

d) "Quando o Senhor no-lo quer dar a entender, Sua Majestade o faz, sem trabalho da nossa parte." (Santa Teresa d'Ávila).

e) "Renunciemos, portanto, a nossas vãs preocupações e voltemos à gloriosa e venerada regra de nossa tradição" (São Clemente de Roma).

f) "Em meu peito florido

Que inteiro só para Ele se guardava,

Quedou-se adormecido..." (São João da Cruz)

Análise de textos

LIÇÃO 1

Gregoriozinho e Santa Genoveva

Virgem e Padroeira

Gregoriozinho

A mamãe do homenzinho,
Disse-lhe uma vez:
"Apesar d'inda assinzinho
Já tens dezesseis;
Na cidade podes dar
Um bom aprendiz;
Mas para a terra lavrar,
És pequeno, meu rapaz,
Pequeno demais!
Zás-trás!"

Foi a um mestre de navio,
Que lhe fez carão,
E lhe disse: "De fedelhos
Não preciso, não;
Tu me dás pelos joelhos,
Tens má construção;
Para ser um bom grumete,
És pequeno, meu rapaz,
Pequeno demais!
Zás-trás!"

Ao palácio de Versailles,
Foi ao rei pedir:

Filho sou de Cornouailles,
Equipai-me, sir!
Mas o Rei Luís dezesseis,
Le diz a sorrir:
“Para ser guarda francesa
É pequeno, meu rapaz,
Pequeno demais!
Zás-trás!”

Rompe a guerra Bretanha;
Toca-se a rebate,
Gregorinho faz campanha,
Como Chouan se bate,
Mas as balas numerosas,
Lhe passam por cima,
Sibilando desdenhosas:
“És pequeno, meu rapaz!
Pequeno demais!
Zás-trás!”

Acontece que uma bala
Seu peito varou;
De Gregório, a alma se exala,
Para o céu voou!
Lá São Pedro que ele implora
Lhe diz: “Passa fora!
Só me serve um anjo grande;
“És pequeno, meu rapaz!
Pequeno de mais!
Zás-trás!”

Mas, no entanto, a cousa ouvindo,
Jesus se zangou,
E seu manto entreabrindo,

Nele o abrigou;
A Gregório deu entrada
No seu paraíso
E lhe disse: "Esta morada
É dos pequenos de mais,
Meu bom rapaz!
Zás-trás!

Heliodoro de Brito

▶ Atividades

1. Durante este volume, faça o exercício de memorização e decore este poema.

2. Procure em um dicionário o significado da palavra "grumete".

3. Em todas as estrofes há a expressão "zás-trás". A partir do entendimento do poema, explique seu sentido.

4. Leitura:

a) Com atenção, repita a leitura mais duas vezes, uma silenciosamente e a outra em voz alta, com atenção para os sinais de pontuação.

b) Com a ajuda de seus responsáveis, faça a aferição de leitura, conforme os aspectos apontados na tabela presente no Volume 1 (*Tabela de aferição e avaliação de leitura)*, analisando*:*

- Entendimento do texto a partir da leitura.
- Clareza, dicção (pronúncia correta e articulada das palavras).
- Pontuação, entonação, ritmo da leitura.
- Intensidade/ altura da voz.
- Velocidade da leitura.

c) Caso seja possível, registre suas leituras por meio de gravações, para que possa acompanhar seu desenvolvimento.

▶ Atividades de análise gramatical

1. Classifique os verbos a seguir, retirados do texto "Gregoriozinho", a partir de seu tempo, modo, número e pessoa. Em caso de verbo nominal, classifique-o em infinitivo, gerúndio ou particípio.

a) Disse.

b) Podes.

c) Lavrar.

d) És.

e) Foi.

f) Preciso.

g) Pedir.

h) Equipai.

i) Sorrir.

j) Bate.

k) Acontece.

l) Entreabrindo.

▶ Santa Genoveva, Virgem e Padroeira de Paris

No ano de 420, São Germano, bispo de Auxerre, legado do Papa São Celestino, e São Lobo, Bispo de Troyes, rumavam para a Grã-Bretanha a fim de combater a heresia dos pelágios, os quais acreditavam que o homem, sozinho, e sem a graça divina, poderia merecer o céu e ver Deus na sua essência. Pelo caminho, os dois pontífices chegaram ao burgo de Nanterre, perto de Paris. Os habitantes, sabedores da reputação de ambos, apresentaram-se em multidão. São Germano fez-lhe uma exortação, e, olhando o povo que o circundava, viu de longe uma jovem em quem notou algo de celestial. Pediu-lhe que se aproximasse e, com grande assombro de todos, beijou-lhe respeitosamente a testa. Perguntou-lhe o nome, e quem eram seus pais. Respondeu-lhe que se chamava Genoveva. Seu pai Severo e sua mãe Gerôntia apresentaram-se ao mesmo tempo.

São Germano congratulou-se com eles por terem tal filha, e predisse-lhes que, um dia, seria exemplo para todas as criaturas humanas. Exortou-a a descobrir os segredos do coração, e perguntou-lhe se queria consagrar-se a Jesus Cristo, como

esposa. Genoveva declarou que era esse o seu propósito, e rogou ao Santo bispo lhe desse a bênção solene das Virgens. Entraram na igreja para a prece da nona; em seguida, entoaram-se vários Salmos, e fizeram-se longas preces durante as quais o Santo bispo manteve a mão direita sobre a cabeça da jovem. Depois, almoçou com ela e seus pais, e recomendou a estes que lha levassem no dia seguinte. Não faltaram ao compromisso e, São Germano perguntou a Genoveva se se lembrava do que tinha prometido. "Sim, Santo padre, disse ela, e espero observá-lo com o auxílio de Deus e por meio de vossas orações." Olhando para o chão, viu ele uma moeda de cobre com o sinal da cruz; pegou-se, e, dando-a a Genoveva, disse-lhe: ""Guardai-a por amor a mim, levai-a sempre pendente do pescoço e como único ornamento, e deixai o ouro e as pedras preciosas a que servem o mundo." Recomendou-a aos pais, e continuou a jornada.

Desde a idade de quinze anos até os cinquenta, Santa Genoveva não comeu senão duas vezes por semana, no domingo e na quinta-feira; e assim mesmo, tratava-se apenas de pão de cevada e favas; nunca bebeu vinho nem coisa nenhuma que pudesse entontecê-la. Alguns dias depois da partida de São Germano, a mãe pretendeu impedi-la de ir à igreja num dia de festa, e, não logrando retê-la, bateu-lhe na face. Imediatamente, a mãe ficou cega, e cega ficou durante dois anos. Finalmente, lembrando-se da profecia de São Germano, disse à filha que lhe trouxesse um pouco de água do poço e que sobre ela fizesse o sinal da cruz. Santa Genoveva lavou-lhe os olhos, e ela começou a ver um pouco; quando a filha repetiu o ato duas ou três vezes, a mãe recobrou inteiramente à vista.

Após a morte dos pais, Genoveva foi viver em Paris, em casa de sua mãe espiritual, ou madrinha. Lá recebeu solenemente, com outras duas virgens, o véu das mãos do bispo. Deus provou-a pelos sofrimentos; todo o corpo foi atacado de paralisia, e, durante três dias, ela pareceu morta. Quando recobrou a saúde, contou que um Anjo a tinha conduzido à morada dos justos, para receber o prêmio que Deus reserva aos que o amam. Recebeu também o dom de ler no âmago dos corações.

Entretanto, São Germano de Auxerre, em 447, foi chamado pela segunda vez à Grã-Bretanha, e para lá rumou com São Severo, bispo de Tréves. Os dois prelados tomaram o caminho por Paris. Os habitantes dessa cidade, sabedores que eles chegavam, foram encontrá-los e rogaram a São Germano que lhes desse a bênção. Ele pediu-lhes notícias de Genoveva. Compreendeu pelas respostas que a sua reputação era violentamente atacada por calúnias. Conhecendo-a perfeitamente, rumou para ela, e saudou-a tão humildemente que todos se encheram de assombro. Falou ao povo, para justificá-la e, a fim de provar a sua virtude, mostrou no lugar em que repousava, o chão encharcado de lágrimas. Tendo persuadido todos da inocência de Genoveva, continuou a jornada.

Um dia, espalhou-se a notícia de que Átila, rei dos hunos, iria devastar a Gália. Os cidadãos de Paris tomados de pânico resolveram emigrar e transportar os seus haveres para cidades mais fortificadas. Genoveva, reunindo as companheiras, aconselhou-as dedicar-se aos jejuns, às preces e às vigílias, a fim de lograrem, como Judite e Ester, escapar à calamidade que as ameaçava. Reuniram-se com Genoveva no batistério, e destinaram vários dias a tais obras de penitência. A Santa, por outro lado, dizia aos homens que não abandonassem Paris, visto que as cidades para as quais pretendiam retirar-se seriam devastadas pelos bárbaros, ao passo que, com a proteção de Cristo, Paris ficaria a salvo.

Mas os habitantes de Paris sublevaram-se contra ela, chamando-lhe falsa profetisa. Falavam até em assassiná-la a pedradas, ou afogá-la num sorvedouro. Apareceu então, de Auxerre, o arquidiácono de São Germano, que encontrou os parisienses amontoados nos cantos das ruas, bradando que matariam Genoveva. Disse-lhes: "Não cometais tamanho crime. A que pretendeis matar, soubemo-lo do nosso bispo São Germano, foi escolhida por Deus desde o seio materno; e eis aqui elogios ou bênçãos que lhe trago da parte do sumo pontífice." Os habitantes de Paris, considerando o testemunho de Germano, temeram a Deus e deixaram de molestar a fiel servidora. Chegaram até a conceber por ela uma veneração religiosa, quando viram, de acordo com a profecia, que os hunos se afastavam da sua província.

Segundo duas Vidas antiquíssimas de Santa Genoveva, mais antigas até que Gregório de Tours, os francos assediaram durante muitos anos, ou melhor, dez anos, a cidade de Paris, o que provocou uma fome extrema, estando todas as cercanias devastadas. A cidade abriu as portas, e o rei dos francos, Childerico ou Hilderico como o chamam essas Vidas, lá, pelo menos durante algum tempo, fixou moradia. A protetora dos parisienses durante tais calamidades foi Santa Genoveva. Na fome, arranjou-lhes mantimentos que foi procurar pessoalmente com barcos no Sena, até Arcis-sur-Aube e em Troyes. Em seguida, várias vezes obteve de Hilderico o perdão dos que ele havia condenado à morte. O rei, apesar de bárbaro e pagão, não pôde deixar de respeitá-la. De resto, era tão grande a fama de Genoveva, que do fundo da Síria, São Simeão Estilita pedia notícias dela e se recomendava às suas preces.

O que excitava a admiração e o afeto de todos era apenas a sua terna piedade, que a fazia verter lágrimas cada vez que erguia os olhos ao céu; não era somente a sua viva caridade para com os pobres, mas o grande número de milagres que Deus lhe permitia realizar. Viram-na, com o sinal da cruz, curar enfermos, devolver a vista aos cegos, a audição aos surdos, expulsar demônios, ressuscitar mortos. Viram-na realizar milagres desse gênero em vários lugares, principalmente em Paris, Meaux, Laon, Troyes, Orleans e Tours. Várias vezes foi em romaria a esta última cidade, a fim de honrar as relíquias de São Martinho. Tinha também particular devoção por São Dionísio de Paris, e mandou erguer-lhe, bem como aos companheiros de martírio, uma igreja no lugar em que tinham vertido o sangue pela fé de Jesus Cristo. Foi ainda

ela que formou o projeto da basílica dos apóstolos São Pedro e São Paulo, começada por Clóvis e terminada por Santa Clotilde. Finalmente após uma vida de 80 anos, passada na prática de toda a espécie de obras, Genoveva morreu em 3 de janeiro de 512, cinco semanas depois que Clóvis, o primeiro rei cristão dos francos.

O seu corpo foi sepulto perto do príncipe, no recinto da nova igreja dos apóstolos, que ainda não estava concluída, e que, com o tempo tomou o nome de Santa Genoveva, trazido até o nosso século.

Santa Genoveva, virgem e padroeira de Paris. In: PADRE, Rohrbacher. **Vida dos Santos**. São Paulo: Editora das Américas, 1959. v. I, p. 122-128. E-book.

▶ Atividades

1. Quem foram os Santos que conviveram com Santa Genoveva?

2. De que país Santa Genoveva é padroeira?

3. Que objeto Santa Genoveva trazia ao pescoço por orientação de São Germano?

4. Com que frequência Santa Genoveva se alimentava?

5. Quais eram as virtudes de Santa Genoveva?

6. Com quantos anos Santa Genoveva faleceu?

▶ Atividades de análise gramatical

1. Classifique as **vogais** das palavras a seguir, retiradas do texto "Santa Genoveva, Virgem e Padroeira de Paris", quanto às cavidades bucal e nasal, à intensidade, ao timbre e à zona de articulação.

a) Ano.

b) Deus.

c) Criaturas.

d) Humanas.

e) Moedas.

f) Partida.

g) Povo.

h) Chão.

i) Germano.

j) Chegaram.

k) Sepulto.

l) Príncipe.

m) Recinto.

n) Tempo.

2. Faça a transcrição fonética das palavras selecionadas no exercício anterior.

Matemática

Apresentação

"Não entre quem não souber geometria."

A frase com que decidimos iniciar a apresentação desta disciplina estava gravada nos pórticos da Academia de Platão, filósofo grego do século quarto antes de Cristo. Mas por que esta frase estava em evidência na entrada de uma escola de filosofia? Que tem a geometria a ver com isso? Pois bem, é o que temos o intento de explicar nesta apresentação da disciplina de Matemática.

Por muito tempo, a disciplina Matemática era também denominada as matemáticas, uma vez que muitos são seus ramos, e cada qual apresenta um tipo de estudo diferente: a geometria, as formas; a aritmética, os números; a álgebra, as variáveis; até mesmo música e astronomia eram aqui consideradas. No entanto, dado que todas essas disciplinas apresentam algo em comum, convenciou-se resumi-las todas a uma única área de estudo, a Matemática. A palavra matemática deriva do grego mathema = conhecimento, e thiké = arte, no que poderia ser traduzida como "arte de conhecer",[4] nome bem apropriado para tal disciplina. E aqui já temos nossa primeira resposta ao porquê de o filósofo Platão haver requerido seu estudo: a matemática é a arte de conhecer as coisas. Portanto, ela apresenta uma utilidade muito grande para a filosofia, que busca a verdade sobre todas as coisas.

Mas em que sentido dizemos que a matemática é "a arte de conhecer" ou por que ela pode assim ser classificada? Veremos.

Outro filósofo da antiguidade, chamado Aristóteles, díscipulo de Platão, elaborou uma tese acerca do conhecimento de tudo aquilo que existe, conhecida como as dez categorias do ente. Tudo que existe na realidade pode ser classificado, em maior ou menor grau, em cada uma destas categorias. Pois bem, a matemática estuda basicamente uma destas dez categorias, a categoria da quantidade. Para Aristóteles, a matemática é a abstração do acidente da quantidade. Assim, a matemática nada mais é do que o estudo de uma parte da realidade, enquanto esta se manifesta em suas formas e quantidades. Sendo assim, se a Filosofia é o estudo da realidade e da verdade sobre todas as coisas, serve-lhe também a Matemática de poderoso auxílio.

A Matemática é a Ciência das grandezas mensuráveis (a Ciência da quantidade). Chama-se grandeza tudo quanto é suscetível de aumento ou diminuição, como a extensão, o tempo, o peso, o movimento, etc. Porém a matemática considera somente

---

[4] Cumpre notar, no entanto, que a matemática não é uma arte, e sim uma ciência, pois trata de coisas necessárias, e não contingentes.

aquilo que é mensurável, não levando em conta as abstrações das qualidades físicas e sensíveis de uma grandeza, como a cor, o belo e o útil, por exemplo. Ao considerarmos somente o mesurável, teremos uma ideia das grandezas, que são do domínio das Ciências Matemáticas. Podemos dizer, portanto, como afirma Santo Tomás, que a matemática tem como sujeito a quantidade.

Para entender o que a matemática estuda, servir-nos-emos de um trecho das Sagradas Escrituras: Deus dispôs "tudo com medida, número e peso" (Sb 11,20). É este número, esta medida ou forma o que o matemático procura quando observa a realidade. No entanto, diferentemente do artista, que procura as formas específicas daquilo que procura retratar, o matemático procura as formas imutáveis e eternas. Enquanto o artista se preocupa com os efeitos dos raios solares sobre uma paisagem, o matemático analisa o formato circular do Sol. Os raios solares se esvaem, e, à vista do artista, a paisagem se altera. No entanto, a forma circular do Sol permanece, ainda que agora seus raios incidam nos campos do outro lado do mundo. Há algo em comum entre o Sol e a íris do olho humano, entre as rodas de um carro e um bambolê de uma criança: seu formato circular. E, embora nenhuma destas coisas sejam círculos perfeitos – que afinal só existem enquanto definição e não empiricamente – , todas elas fornecem formas mais ou menos regulares que nos permitem elaborar o conceito de círculo. E este conceito, uma vez elaborado, já não precisa de nenhuma correspondência com coisas concretas: o círculo existe, suas propriedades são eternas e imutáveis, e, se alguém as utiliza erroneamente, o erro está no homem e não na Matemática.

Mais simples do que entender as formas é entender os números. Imagine três lápis, três casas, três pessoas, três janelas. Qual é a relação entre todas essas coisas? A quantidade. E curiosamente, depois de contar todas essas coisas, podemos considerar apenas o número três, como se fosse ele mesmo algo por si mesmo, sem levar em consideração os objetos a que se refere. E podemos combiná-lo com outras tantas quantidades: 3 mais 2 são 5, e dizer o contrário é novamente erro humano, e não da realidade, não da matemática. Em sua obra intitulada O Livre-arbítrio, Santo Agostinho diz que existe algo imutável, que não perde sua essência e que não se transforma, independentemente do gosto ou da maneira como cada um o utiliza: o Número! Não importando como serão utilizados, a essência e verdade dos números nunca serão alteradas. Acreditar ou não que a soma de quatro e três resulta em sete não mudará a realidade desta constatação, e isto é um fato imutável em todos os países, para todas as culturas.

Sendo assim, pelo caráter de imutabilidade, de eternidade, a matemática apresenta mais uma vez grande utilidade para o estudo da filosofia. Platão, mais uma vez, estava certo.

E, nesta disciplina, o rigor nas definições, as demonstrações incontestáveis dos teoremas, a necessidade de delimitar o que se está estudando e de compreender bem os pressupostos para cada uma das demonstrações são capazes de dar à alma uma fineza e uma agudeza de inteligência que saberá se debruçar sobre qualquer estudo, procurando sempre os pressupostos ali adotados e as consequências dali tiradas. Pressupostos falsos, consequências falsas; pressupostos verdadeiros, consequências verdadeiras. Assim, a Matemática torna-se um bastião de que a verdade absoluta deve, necessariamente, existir. Mais uma vez o estudo da matemática demonstra sua utilidade no estudo da filosofia, ou, por melhor dizer, da metafísica. E não existe conhecimento natural mais sublime do que o conhecimento da metafísica.

Então, a matemática possui a finalidade de preparar o espírito humano para compreender melhor todas as coisas, de maneira especial a metafísica. E por que é tão importante estudar metafísica? Porque esta disciplina é escrava da disciplina por excelência, a Teologia, estudo mais sublime que existe. Se é verdade que o fim último do homem é dar glória a Deus, é também verdade que buscar conhecê-Lo muito contribui para alcançar este fim. Assim, provada está a posição de Platão, provada está a importância da Matemática.

E curiosamente ela apresenta também uma utilidade para as ciências teológicas. Os Santos da Igreja, profundos conhecedores da Palavra que são, também escrevem em consonância com estas palavras. O Doutor e Santo Agostinho de Hipona (354-430 d.C.) escreve que, "sem os recursos da Matemática não nos seria possível compreender muitas passagens da Santa Escritura", e para São Jerônimo (347-420 d.C.) "a Matemática possui uma força maravilhosa capaz de nos fazer compreender muitos mistérios de nossa fé".

Os números nos são absolutamente necessários, e, como seres dotados de razão, somos os únicos a captá-los, entendê-los e utilizá-los. Diz-nos Santo Isidoro (560-636 d.C.):

"Em alguma medida, nossa vida dá-se sob a ciência dos números: por ela sabemos as horas, acompanhamos o curso dos meses, sabemos quando retorna cada época do ano. Pelo número aprendemos a evitar enganos. Suprimido o número de todas as coisas, tudo perece. Se se tira o cômputo dos tempos, tudo ficará envolto na cega ignorância e o homem não se pode diferenciar dos animais, que ignoram os procedimentos de cálculo".

Observada a imutabilidade dos números e das leis matemáticas, estaremos preparados para meditar e contemplar a imutabilidade do que é Divino e Eterno, por exemplo os Dez Mandamentos, os dogmas da Santa Igreja Católica e a essência de toda a Criação, que nos remeterão sempre ao Imutável Criador de toda a imutabilidade, ou seja, ao próprio Deus.

Orientações

Dado que a matemática pode ser um caminho para conhecer Nosso Senhor Jesus Cristo e compreender mais profundamente os mistérios de seu plano de salvação, faz-se necessário conhecer, antes de tudo, a própria Matemática, seus fundamentos e suas leis. Esperamos que este conteúdo possa ser útil neste processo, e para isso é preciso seguir com humildade e paciência algumas orientações:

1º Este material didático foi dividido em lições; cada volume possui 16 lições que devem ser estudadas durante um mês. Em um mês geralmente temos quatro semanas: o estudante deverá estudar quatro lições por semana.

2º O estudante desta etapa deverá operar cálculos complexos, porém não somente mecanicamente, mas atendo-se a entender a essência e o fundamento do que será feito. O estudante não precisa terminar rapidamente as tarefas, ou adiantar conteúdos para provar que é capaz. Isso é orgulho. Uma vez aprendido um conteúdo, ele ficará gravado na memória e será usado sempre que necessário para compreensão de uma nova gama de lições. Por isso, é importante que o estudante só passe para o próximo conteúdo quando aprender de maneira satisfatória aquele que está estudando.

3º O aluno nunca deve perder de vista que não é detentor do conhecimento, ou seja, ele ainda não sabe e está em processo para aprender. Assim sendo, é função dos responsáveis fomentar diariamente a virtude da humildade em seus aprendizes, antes de começar cada novo aprendizado.

4º O método de ensino utilizado neste material didático exige a abstração como ferramenta para aprender matemática. Iremos desenvolver a abstração dos estudantes, para que estejam capacitados ao aprendizado da filosofia e de todas as outras matérias, já que a abstração matemática aprimora o pensamento.

5º Ao final de cada lição o estudante encontrará o tópico "Atividades". Neste tópico é importante que o responsável verifique e corrija tudo o que o estudante fizer. O uso da régua é fundamental para desenhos, tabelas e gráficos. As atividades devem ser realizadas depois de estudar a lição.

6º Quanto aos procedimentos de avaliação, temos três sugestões:

- Um resumo oral para os reponsáveis sobre o que foi aprendido naquela semana.
- Os próprios exercícios no caderno.
- A avaliação a cada dois volumes.

7º É preciso também ter prudência para não elevar a Matemática a algo maior do que é – embora seu papel para chegar à contemplação seja de maior importância –, como se aprendê-la tivesse como consequência o abandono do estudo das outras disciplinas. Tudo o que você irá aprender só trará benefícios à sua alma se antes existir uma profunda intimidade com Nosso Senhor Jesus Cristo e se houver empenho no conhecimento da Filosofia, dedicação e disciplina na aquisição do aprendizado em todas as outras ciências, como a História, a Geografia, as Artes, etc., e exímio domínio da Língua Portuguesa.

LIÇÃO 1

Notações Numéricas

SEM os recursos da Matemática não nos seria possível compreender muitas passagens da Santa Escritura", já dizia Santo Agostinho, e possivelmente ele estava se referindo aos números, uma vez que ele comentou muitas passagens dos Evangelhos e em todos os seus comentários explicou o significado dos números ali contidos .

Os números estão presentes em nossas vidas e todos os dias são utilizados por nós, seja ao fazermos uma ligação, seja ao comprarmos algum produto, seja ao fazermos a referência de uma passagem bíblica, seja ao dizermos nossa idade, enfim, em tudo o que nos cerca, e por isso é tão importante entendê-los.

Até o 6º ano os números utilizados em problemas e expressões pertencem ao conjunto dos números naturais, isto é, 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11..., e só fazemos dois tipos de operações sem restrições: adição e multiplicação.

Sequência Numérica

Todo grupo de números dispostos em determinada ordem é uma **sequência numérica** em que podemos identificar o 1º elemento (ou termo), o 2º elemento, etc.

As sequências numéricas podem ou não ter um padrão (uma regra) de formação.

Exemplos

1. Sequência dos números naturais: 0,1,2,3,4,5,6,7,8,9, ...

2. Sequência dos números ímpares: 1, 3, 5, 7, 9, 11 ...

3. Sequência numérica em ordem crescente: 1, 3, 4, 6, 8, 9.

Uma sequência numérica pode aparecer de duas formas: ela pode ser **finita** ou **infinita**.

Exemplos

1) A **sequência dos números naturais pares** é uma **sequência infinita**.

0, 2, 4, 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20...

2) A **sequência dos números naturais ímpares de 1 a 20** é uma **sequência finita**.

1, 3, 5, 7, 9, 11, 13, 15, 17, 19.

Nessas duas sequências, cada número subsequente é obtido adicionando-se duas unidades ao número anterior.

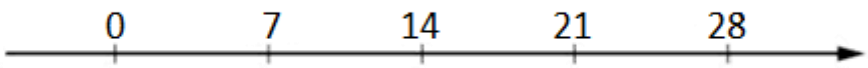
Reta numérica

Os números naturais podem ser representados em uma reta numérica através da associação desses números com pontos em uma reta.

Na reta numérica podemos comparar os números, localizar o antecessor ou sucessor de um número natural não nulo e construir sequências numéricas.

Exemplos

1) Sequência numérica de números naturais, iniciando do zero e sempre acrescentando 7 unidades. Faremos:



A sequencia númerica obtida será: 0, 7, 14, 21, 28....

Comparação de números naturais

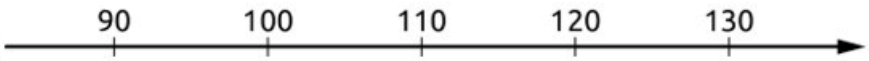
A comparação ocorre quando criamos uma analogia entre dois termos, isto é, se queremos comparar uma maçã e uma abelha não conseguimos, pois elas não possuem uma relação de semelhança.

Os números naturais possuem uma relação de semelhança, e tanto é assim que fazem parte de um conjunto; então podemos comparar dois ou mais números naturais através da reta numérica.

Na reta numérica, observamos que, quanto mais à direita fica a representação do número, maior ele é.

Exemplos

Vamos observar e comparar os números 90, 110 e 130.



Pela posição na reta, podemos notar que 90 é menor que 110 (90 < 110) e 110 é menor que 130 (110 < 130). Logo, podemos escrever esses três números em ordem crescente (do menor para o maior):

$$90 < 110 < 130$$

Ou em ordem decrescente (do maior para o menor):

$$130 > 110 > 90$$

▶ Atividades

1. Quais os primeiros 6 elementos da sequência de números naturais formada a partir do 2, sendo cada número da sequência formado pelo seu antecedente adicionado de 3 unidades?

2. Escreva no caderno como é formada a sequência a seguir:

1, 8, 15, 22, 29...

3. Identifique a seguir qual é a sequência composta pelos sucessores dos 5 primeiros números naturais pares.

a) 0, 1, 2, 3, 4

b) 1, 3, 5, 7, 9

c) 1, 2, 3, 4, 5

d) 0, 2, 4, 6, 8

e) 3, 5, 7, 9, 13

4. Escreva no caderno o sucessor dos números:

a) 123

b) 85

c) 99

d) 999

e) 5.209.009

f) 1.001

5. Encontre de que números são antecessores os números abaixo.

a) 321

b) 10

c) 1

d) 1.000

e) 9.999

f) 47.001

6. Organize, no seu caderno, em ordem decrescente os números a seguir.

301 350 800 407 500 397 685

7. Identifique qual das alternativas mostra uma comparação falsa de números naturais.

a) $2 < 5 < 22 < 37 < 101$

b) $33 > 14 > 7 > 0$

c) $1 < 5 < 6 < 9 < 8 < 11$

d) $25 > 15$ e $15 < 35$

e) $35 < 53$ e $81 > 18$

8. A é maior que 8 e menor que 10, B é o sucessor de um número natural par maior que 6, e B também é menor que 10. Comparando os números A e B, o que se pode concluir?

LIÇÃO 2

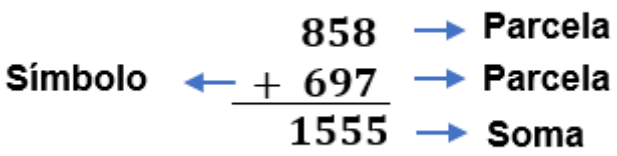
Adição e Subtração

Iremos fazer uma breve retomada das operações de adição e subtração, lembrando que a palavra adição provém do latim: *adere* significa "acrescentar a, juntar quantidades homogêneas"; enquanto a palavra subtração deriva do latim *subtractio* e significa "retirada", e também pode aparecer em situações que precisamos comparar e completar quanto falta.

Exemplos

1. Pedro tem R$ 858,00 na poupança, e seu irmão Paulo tem R$ 697,00. Eles reuniram essas quantias para comprar um presente para o seu pai. Quantos reais eles possuem ao todo para comprar este presente?

Resolução:



Ao todo, eles têm R$ 1.555,00 para comprar o presente do seu pai.

Observação: ao **reunirmos/juntarmos** as duas quantias, efetuamos uma adição para calcular o total.

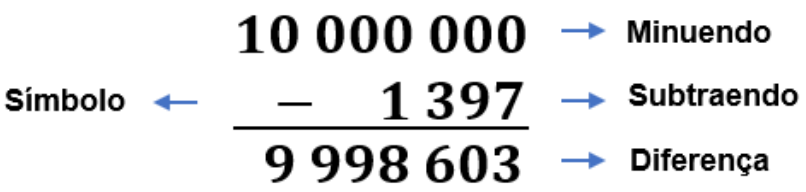
2. A Biblioteca Nacional do Brasil está reorganizando seu acervo, que tem cerca de dez milhões de itens.

a) A biblioteca quer ampliar seu acervo para 18.562.945 livros. Quantos livros faltam para atingir essa quantidade?

RESOLUÇÃO: 18.562.945 – 10.000.000 = 8.562.945 livros.

b) Do acervo atual, 1.397 livros foram enviados para restauração. Quantos livros restaram na biblioteca?

RESOLUÇÃO:



Observações

1. A adição e a subtração são operações inversas.

2. A soma de dois números naturais sempre será um número natural.

$$\mathbb{N} + \mathbb{N} = \mathbb{N}$$

3. Diferentemente da adição, esta operação só pode ser realizada no conjunto dos naturais com uma restrição, pois caso contrário o resultado poderia não ser natural.

$$a - b = \mathbb{N}$$

se, e somente se, $a > b$

▶ Atividades

1. Qual é o significado das palavras adição e subtração?

2. Calcule mentalmente:

a) 7 + 3 + 8

b) 9 + 8 + 2

c) 25 + 8 + 5 + 4 + 2

d) 57 + 35

e) 65 + 48

f) 95 + 62 + 18 + 7

g) 8 + 7 + 9 + 3 + 3

3. Carlos mora em São Paulo e irá passar as férias em Foz do Iguaçu com sua família. Para isso, eles irão percorrer 1.059,1 km de carro. O hodômetro do carro marca 87.532 km rodados quando eles iniciam a viagem. Em Foz do Iguaçu, Carlos percorreu 87 km antes de voltar pelo mesmo caminho. Quanto o hodômetro irá marcar na volta a São Paulo?

4. Resolva as subtrações abaixo:

a) 1.458 – 989

b) 609 – 357

c) 74.253 – 48.765

d) 44.607 – 7.378

5. Renata levou R$ 65,00 para a feira, onde comprou R$ 3,00 de alface, R$ 4,50 de cenoura, R$ 10,67 de tomate, R$ 14,32 de melancia e R$ 25,45 de pitaia. Ela conseguiu comprar tudo? Qual foi a diferença entre total de compras na feira e o dinheiro que ela levou?

6. Resolva as expressões abaixo:

a) 65 + 52 – 47 – 34 + 9

b) 256 – 78 + 145 – 213

c) 475 + 625 – 159 – 784 + 265 – 421

d) 780 – 95 – 456 – 200 + 57 + 12 – 90 – 3

LIÇÃO 19

Propriedade dos Inteiros

As propriedades da aritmética são fundamento das operações de adição e multiplicação e no conjunto dos números inteiros não diferente, porém devemos ter muita atenção, por que existem adições e multiplicações de números negativos e isso requer alguns cuidados.

Propriedade Comutativa

Definição: a ordem dos elementos em uma adição ou em uma multiplicação pode ser trocada, sem alterar o resultado final.

1ª) A ordem das parcelas não altera a soma.

$$A + B = B + A$$

Obs.: **A** e **B** podem ser quaisquer números inteiros.

2ª) A ordem dos fatores não altera o produto.

$$A.B = B.A$$

Exemplos

1) **Comutativa da Adição**

a) Seja dada a soma de 40 e 22.

Resolução: Queremos verificar se 40 + 22 é igual a 22 + 40.

$$40 + 22 = 22 + 40$$
$$62 = 62$$

Perceba que, como ambos os lados da igualdade possuem o mesmo valor, podemos concluir que são iguais e que, portanto, a propriedade comutativa da adição é verdadeira.

b) Seja dada a soma de 40 e -22.

Observe que, se o número muda

Resolução: queremos verificar se 40 + (– 22) é igual a – 22 + 40.

Na lição 16 você pode conferir novamente como eliminar os parênteses e os sinais.

$$40 + (-22) = -22 + 40$$
$$40 - 22 = 18$$
$$18 = 18$$

Soma de inteiros com sinais contrários: basta subtrair seus valores absolutos. O resultado leva o sinal do número de maior valor absoluto, neste caso do 40.

Perceba que, como os dois lados da igualdade possuem o mesmo valor, podemos concluir que são iguais e que, portanto, a propriedade comutativa da adição é verdadeira

c) Seja dada a soma de – 12 e – 7

Resolução: queremos verificar se (– 12) + (– 7) é igual a (– 7) + (– 12)

$$(-12) + (-7) = (-7) + (-12)$$
$$-12 - 7 = -7 - 12$$
$$-19 = -19$$

Na soma de inteiros negativos, somamos seus valores absolutos e acrescentamos ao resultado o sinal de menos.

Perceba que, como os dois lados da igualdade possuem o mesmo valor, podemos concluir que são iguais e que, portanto, a propriedade comutativa da adição é verdadeira

2) **Comutativa da Multiplicação**

a) Seja dado o produto entre 51 e 3.

Resolução: Queremos verificar se 51 . 3 é igual a 3 . 51.

$$51 . 3 = 3 . 51$$
$$153 = 153$$

Perceba que, como os dois lados da igualdade possuem o mesmo valor, podemos concluir que são iguais e que, portanto, a propriedade comutativa da multiplicação é verdadeira.

b) Seja dado o produto entre -2 e 4.

Resolução: Queremos verificar se – 2 . 4 é igual a 4 . – 2.

$$(-2) . 4 = 4 . (-2)$$
$$-8 = -8$$

Perceba que, como os dois lados da igualdade possuem o mesmo valor, podemos concluir que são iguais e que, portanto, a propriedade comutativa da multiplicação é verdadeira.

c) Seja dado o produto entre – 3 e – 7.

Resolução: Queremos verificar se – 3 . – 7 é igual a – 7 . – 3.

$$(-3).(-7) = (-7).(-3)$$
$$21 = 21$$

Perceba que, como os dois lados da igualdade possuem o mesmo valor, podemos concluir que são iguais e que, portanto, a propriedade comutativa da multiplicação é verdadeira.

Propriedade Associativa

A palavra *associativa* vem do verbo *associar*, palavra derivada do latim *assoc□o* e que significa "juntar, unir". Como o próprio nome sugere, esta propriedade enuncia que:

Definição: dada a adição entre três (ou mais) números, produz o mesmo resultado, adicionemos ao primeiro a soma do segundo e do terceiro, ou ao terceiro a soma do primeiro e do segundo.

Definição: dada a multiplicação entre três (ou mais) números, produz o mesmo resultado, multipliquemos ao primeiro a multiplicação do segundo e do terceiro, ou ao terceiro a multiplicação do primeiro e do segundo.

Matematicamente escrevemos esta propriedade da seguinte maneira:

3ª)

$$(A+B)+C=A+(B+C)$$

O que estiver entre parênteses precisa ser resolvido por primeiro.

4ª)

$$(A.B).C=A.(B.C)$$

Exemplos

3) **Associativa da Adição**

a) Seja dada a soma entre os números 7, – 12 e 40

Resolução: Queremos verificar se 7 + (– 12 + 40) é igual a (7 + (– 12)) + 40.

$$7 + (-12 + 40) = (7 + (-12)) + 40$$
$$7 + 28 = (7 - 12) + 40$$
$$35 = -5 + 40$$
$$35 = 35$$

Perceba que, como os dois lados da igualdade possuem o mesmo valor, podemos concluir que são iguais e que, portanto, a propriedade associativa da adição é verdadeira.

Observe que, em expressões numéricas onde somente aparecem adições e subtrações, podemos associar as parcelas positivas e associar as parcelas negativas e realizar somente uma subtração.

b) Seja dada a expressão 24 + 12 – 14 + 3 – 21. Poderíamos resolver por dois métodos, mas veremos que o segundo se mostrará bem mais prático:

24 + 12 – 14 + 3 – 21		24 + 12 – 14 + 3 – 21
36 – 14 + 3 – 21		39 – 35
22 + 3 - 21	=	4
25 – 21		
4		

Perceba que, no 2º método, utilizamos a propriedade associativa: associamos as parcelas positivas (24 + 12 + 3 = 39) e associamos as parcelas negativas (– 14 – 21 = -35). Ao final, fizemos 39 – 35 = 4. O resultado em ambas foi igual, mas o 2º método foi realizado em menos espaço e de forma mais ágil.

4) Associativa da Multiplicação

a) Seja dado o produto entre 3, 6 e – 10

Resolução: Queremos verificar se 3 . (6 . 10) é igual a (3 . 6) . 10.

$$3 . (6 . (-10)) = (3.6) . (-10)$$
$$3 . (-60) = 18 . (-10)$$
$$-180 = -180$$

Perceba que, como os dois lados da igualdade possuem o mesmo valor, podemos concluir que são iguais e que, portanto, a propriedade associativa da multiplicação é verdadeira.

▶ Atividades

1. Calcule:

a) $(-7)\cdot(+11)\cdot(-2)$

b) $(-9)\cdot(-5)\cdot(-3)$

c) $(-12)\cdot(-6)\cdot(+3)$

d) $(-9)\cdot(-9)\cdot(-4)\cdot(-1)$

e) $(-8)\cdot(+10)\cdot(+7)\cdot(+2)$

f) $(-8)\cdot(+6)\cdot 0\cdot(-11)$

2. Faça as duas contas em seu caderno:

a) $205\cdot 68$ e $68\cdot 205$.

b) $104\cdot 87$ e $87\cdot 104$.

c) $352\cdot 286$ e $286\cdot 352$.

LIÇÃO 20

Propriedade dos Inteiros

Propriedade Distributiva

Definição: para multiplicar uma soma por um número inteiro, podemos multiplicar cada termo da soma por este inteiro e depois adicionar os produtos.

Matematicamente escrevemos esta propriedade da seguinte maneira:

5ª)

$$A.(B+C) = A.B + A.C$$

Exemplos

1) Seja a multiplicação do número 3 pela soma de 7 e 6.

Resolução: Queremos que 3 . (7 + 6) seja igual a 3 .7 + 3 .6.

$$3.(7+6) = 3.7 + 3.6$$
$$3.13 = 21 + 18$$
$$39 = 39$$

A propriedade também se aplica em casos em que, dentro dos parênteses, se encontra uma subtração.

Perceba que, como os dois lados da igualdade possuem o mesmo valor, podemos concluir que são iguais e que, portanto, a propriedade distributiva é verdadeira.

Para facilitar a memorização desta propriedade, muitos costumam chamar esta propriedade de “chuveirinho”.

$$3 \cdot (7 + 6)$$

$$3 \cdot 7 + 3 \cdot 6$$

Lê-se: Três vezes sete mais três vezes seis.

2) É preciso prestar muita atenção aos sinais no momento de aplicar a distributiva

$$-3 \cdot (-7 + 6)$$

$$-3 \cdot -7 + (-3) \cdot 6$$

$$21 - 18$$

$$3$$

Elemento Neutro

Há ainda outra propriedade da aritmética que enuncia que tanto para a adição quanto para a multiplicação existe um **elemento neutro**.

a) **Adição**

O elemento neutro da adição é o número zero (0).

$$\boxed{\mathbb{Z} + 0 = \mathbb{Z}}$$

Perceba que a **soma** é o **próprio número** que foi adicionado a zero.

Exemplos

1) $12 + 0 = 12$

2) $-15 + 0 = -15$

b) **Multiplicação**
O elemento neutro da multiplicação é o número um (1)

$$\mathbb{Z} \cdot 1 = \mathbb{Z}$$

Perceba que o produto é o próprio número que foi multiplicado por um.

Exemplos

1) $7 \cdot 1 = 7$
2) $-3 \cdot 1 = -3$

▶ Atividades

1. Explique as cinco propriedades fundamentais da aritmética e dê dois exemplos numéricos (misturando números positivos e negativos) para cada uma.

2. Observe a multiplicação abaixo:

$$\begin{aligned} 7 \cdot 53 &= 7 \cdot (50 + 3) \\ &= 7 \cdot 50 + 7 \cdot 3 \\ &= 350 + 21 \\ &= 371 \end{aligned}$$

Utilizando o mesmo modelo, calcule:

a) $5 \cdot 21$
b) $8 \cdot 34$
c) $9 \cdot 57$
d) $6 \cdot 123$

3. Aplique a distributiva e encontre os resultados das expressões numéricas

a) $4 \cdot (7 - 3)$

b) $-2 .(5 + 4)$

c) $3 . (-4 - 5)$

d) $-1 (-7 -10)$

4. Classifique como verdadeira ou falsa.

( ) Todo número inteiro é um natural, mas nem todo natural é um inteiro.

( ) O conjunto dos inteiros permitiu-nos realizar subtrações sem restrições, o que não ocorria apenas com o conjunto dos naturais.

( ) O conceito de números simétricos é diferente do conceito de números opostos.

( ) A propriedade associativa da multiplicação diz que "a ordem das parcelas não altera o produto".

( ) O valor absoluto de – 5 é igual ao valor absoluto de 5.

Ciências

Introdução

Caríssimos responsáveis e alunos,

Este material tem o objetivo de, a partir do conhecimento do mundo natural, mais especificamente com ajuda da ciência natural, auxiliar o desenvolvimento do pensamento, da meditação e da contemplação, ações necessárias para que se alcance a sabedoria e se tenha sempre a mente em Deus e nas coisas divinas.

Para alcançarmos este objetivo tão importante rumo à santidade, procuraremos, ao longo deste ano de estudo, possibilitar uma maior compreensão da obra da Criação, do próprio Criador e da Pessoa Humana, criada à imagem e semelhança de Deus.

Sugerimos que este estudo seja realizado duas vezes por semana, ou conforme os responsáveis preferirem, mas em cada semana o estudante deverá realizar a leitura e a compreensão do conteúdo, bem como as atividades sugeridas, para melhor entendimento daquele. As atividades deverão ser corrigidas semanalmente pelos responsáveis, que poderão esclarecer qualquer dúvida com a professora responsável na tutoria.

Vamos começar?

LIÇÃO 1

O que é ciência?

A palavra **ciência** vem do latim (*scientia*) e significa *conhecimento*. Ciência, portanto, é uma forma de conhecimento, ou seja, de conhecer as coisas, de estudar as realidades existentes, de saber melhor sobre elas.

Conhecer algo não é simplesmente saber um pouco sobre algo, mas é compreender o que se estuda de forma profunda, ou seja, não apenas observando os fatos (acontecimentos), mas procurando entender as razões, as causas do que se observa.

Neste material estudaremos as ciências naturais, e a seguir veremos detalhadamente o que ela estuda e seu método. Os fundamentos desta ciência podem ser encontrados em detalhes no volume 1 do 6º ano. Aqui apresentaremos um breve resumo.[5]

O desejo natural de saber

Santo Tomás de Aquino, em sua *Suma Teológica*, ensina-nos que a criatura racional (que é o ser humano, como estudaremos mais adiante) tem o desejo natural de saber tudo, o que constitui a perfeição do intelecto, ou seja, de sua inteligência. E o que constitui a perfeição do intelecto é conhecer o que as coisas são, seu ser, e sua causa (suas razões), razão por que a verdadeira ciência contribui com o desejo natural de saber que toda pessoa tem.

Ciências Naturais

As Ciências Naturais, também chamadas Ciências da Natureza, estudam os entes móveis ou materiais, não viventes ou viventes, naquilo que têm de necessário. Procuram compreendê-los por suas causas.

Compreendamos melhor a definição acima:

---

[5] Sugerimos aos estudantes que estão utilizando o material do Instituto Cidade de Deus pela 1ª vez, que solicitem ao suporte pedagógico os "Fundamentos da disciplina de Ciências Naturais" com detalhes, conforme foram apresentados no volume 1 do 6º ano da coleção Hipomoné. Esses fundamentos são essenciais para o correto estudo das ciências naturais. No início de cada ano fazemos um breve apresentação dos mesmos.

“As Ciências Naturais [...] estudam os entes móveis ou materiais [...]”.

Os entes são os diferentes “seres” existentes. Apesar de o termo “ser”, estar mais presente na linguagem comum, o termo correto para designar algo que existe é ente, isto é, ente é tudo aquilo que seja material ou espiritual, e o ente criado por Deus é mantido por Ele na existência. Por exemplo, uma pedra é um ente, pois existe; uma pessoa é um ente, pois existe; um anjo é um ente, pois existe. São os entes materiais que são o objeto de estudo da ciência natural[6].

Todos os entes materiais são móveis, isto é, apresentam movimento. É importante compreender, no entanto, que movimento não significa simplesmente uma mudança física de lugar (ir de um lugar a outro). Movimento inclui todas as alterações observáveis no mundo real. São exemplos de movimento: deslocamento, mudança de cor, de temperatura e de consistência, crescimento, as transformações em geral.

“[...] não viventes ou viventes [...]”.

Todos os entes materiais, como vimos acima, são móveis, isto é apresentam movimento. No entanto, o movimento dos entes pode ser de dois tipos, e isso os diferencia em entes não viventes ou entes viventes. Os dois tipos de movimentos são:

– Movimento transeunte: é aquele que passa de um ente a outro; ou aquele movimento pelo qual um ente move outro ente.

– Movimento imanente: é aquele que permanece no próprio ente, ou aquele pelo qual um ente é capaz de mover-se a si mesmo. Os movimentos imanentes contrapõem-se aos transeuntes.

Os viventes são os entes capazes de produzir movimento imanente, isto é, capazes de mover-se a si mesmos de algum modo. Compreendamos melhor com dois exemplos:

Pensemos em uma rocha (pedra). Ela existe (possui o ser), mas pode mover-se (de lugar) apenas com uma força externa (quando uma pessoa atira a rocha para longe, por exemplo). Ela também não consegue por si mesma crescer ou quebrar-se. Qualquer movimento (mudança de propriedade) que realize se dá por uma causa externa. A rocha, portanto, é um **ente não vivente**.

[6] Como vimos, os anjos também são entes, mas são puro espíritos. Os entes espirituais não fazem parte do estuda da ciência natural.

Pensemos agora em uma planta (uma árvore, por exemplo). Ela existe (possui o ser) e pode mover-se a si mesma (o movimento da planta ocorre quando ela se alimenta, cresce, ou realiza qualquer atividade para manter-se viva). Ela é, portanto, um vivente, mas não é a causa primeira de seu movimento; ela realiza naturalmente aquilo que é conforme sua natureza, que lhe foi dada por Deus.

Desse modo, concluímos que a diferença entre os entes não viventes e viventes se dá conforme o tipo de movimento que eles realizam.[7]

"[...] naquilo que têm de necessário [...]".

Há o necessário e o contingente.

Necessário é tudo aquilo que conforme a natureza do ente se dá de determinado modo, não podendo ser de outro modo. Por exemplo, o ente é determinado, não podendo ser outro ente. São as coisas necessárias aquelas que o intelecto busca conhecer.

Contingente é tudo o que se dá de modo variável, não seguindo as leis da natureza do ente, podendo mudar. O contingente não faz parte daquilo que o intelecto busca conhecer, pois pode dar-se de um modo ou de outro, é algo imperfeito.

"[...] Procuram compreendê-los por suas causas."

O modo pelo qual as Ciências Naturais estudam os entes materiais, é principalmente por meio de suas causas, isto é, procura compreender a causa material, formal, eficiente e final do ente.

A causa material corresponde à matéria prima, da qual o ente é feito. A causa formal corresponde àquilo que dá forma ao ente, isto é, que faz o ente ser o que é. Essas duas causas explicam a constituição dos entes.

A causa eficiente é aquilo que deu origem ao ente. A causa final é a a finalidade do ente. Essas duas causas explicam os movimentos dos entes.

Finalizamos assim a compreensão da definição de Ciência Natural. Precisamos entender também porque é importante este estudo, e os motivos são vários. Seguem alguns:

– o estudo da natureza remove a ignorância, retirando a superstição e criando uma piedade confiante em Deus;

---

[7] Ainda com relação ao movimento dos entes materiais, é importante saber que o movimento de cada ente (seja imanente ou transeunte) possui uma causa externa, uma vez que, mesmo que o vivente consiga mover-se a si mesmo, ele não é a causa última de seu movimento, e possui uma causa externa para que o movimento ocorra. A diferença é que um vivente consegue mover-se a si mesmo a partir de uma causa externa, , enquanto o não vivente não consegue fazer isso.

– a observação da natureza e de todo o universo nos permite reconhecer a ordenação de tudo, e, consequentemente, direciona-nos para Aquele que tudo criou e ordenou;

– o ser humano é a única criatura material que pode não apenas observar, mas procurar compreender o que vê, conhecer em profundidade a Criação, o sentido de as coisas existirem.

Estudando as Ciências Naturais, procuraremos conhecer em profundidade os entes criados, e assim compreender as coisas que existem e a razão de elas existirem.

"Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastam sobre a terra".

O método das Ciências Naturais

Vimos anteriormente que as Ciências Naturais procuram compreender os entes por suas causas. O modo, no entanto, de conhecer as causas dos entes, ao longo da história, foi sofrendo diversas modificações devido aos contextos dos estudos e à forma de pensar dos cientistas.

Após o nascimento da **Ciência Moderna**, por volta do século XVII, na Europa, o principal método de estudo das ciências naturias nas escolas e universidades, é o chamado **método empírico**[8]. O método empírico não tem o objetivo de conhecer profundamente a realidade, o que seria a finalidade de uma ciência, mas permite um conhecimento de realidades experimentais, pois conhece apenas aquilo que pode ser estudado por meio de experimentos.

O método científico apresenta, de forma resumida, os seguintes passos:

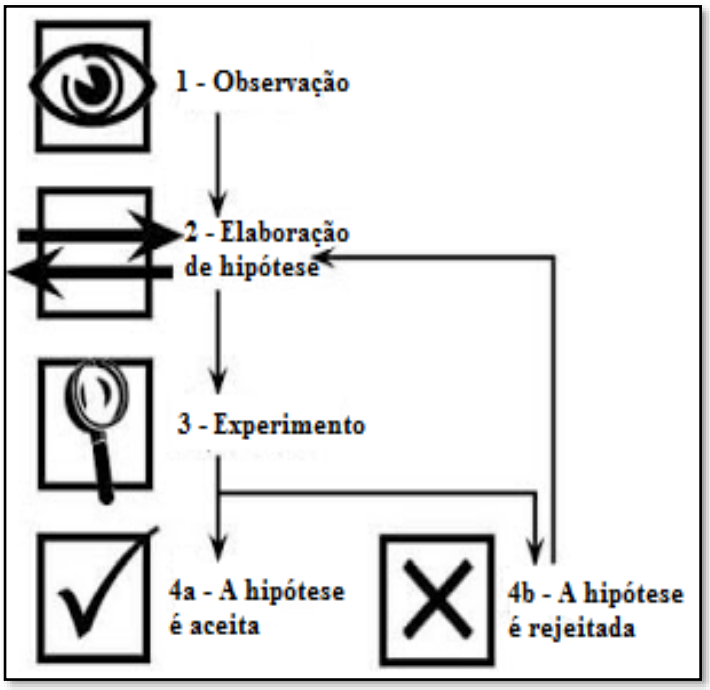
1. Observação: o cientista observa algum fato ou fenômeno.

[8] Chamado popularmente de "método científico".

2. Elaboração de hipótese(s): a partir do fato observado o cientista elabora uma ou mais explicações possíveis sobre aquele fato.

3. Teste da(s) hipótese(s): o cientista elabora um experimento para testar se sua hipótese é verdadeira.

4. Aceitação ou refutação da hipótese: a partir do experimento, o cientista percebe que sua explicação estava correta (a hipótese foi aceita) ou errada (a hipótese foi rejeitada, refutada), e, neste segundo caso, elabora-se uma nova hipótese.



Etapas do método científico

5. Uma hipótese aceita depois de ser testada por vários cientistas e não ser rejeitada pode transformar-se em uma **lei**. Diversas leis utilizadas para explicar um fenômeno formam uma **teoria**.

A partir da utilização do método empírico, a ciência moderna compreende como comprovado cientificamente, ou seja, como "verdade", aquilo que foi experimentado e que não foi provado estar errado. No entanto, este método, apesar de permitir certo conhecimento do que se estuda, não apresenta toda a verdade (todo o conhecimento) sobre algo, pois é limitado, uma vez que não estuda a causa e a finalidade das coisas, mas estuda apenas um fenômeno específico em determinado contexto laboratorial. Esse método fará parte de nossos estudos de ciência natural, mas não nos limitaremos a ele. Procuraremos, como os antigos filófosos conhecer a natureza por suas causas.

Vejamos agora algumas das limitações do método empírico:

– a primeira grande limitação do método empírico é esta: não estudar as quatro principais causas (material, formal, eficiente e final) do objeto em questão;

– a segunda é que só podem ser estudados objetos e realidades que são capazes de ser quantificados ou medidos experimentalmente, ao passo que há diversas realidades que não podem ser medidas e que existem, como Deus, o amor, a amizade, a fé;

– outra limitação é que, se bem avaliarmos, veremos que todas as etapas deste método são passíveis de erros, pois se pretende estudar certa realidade mas muitas vezes não conseguimos reproduzi-la em laboratório; então estudamos apenas uma amostra – que já é limitada por si só e jamais será uma reprodução fiel da realidade

que se pretende estudar. A partir desta amostra se realizam experimentos e observações – que também podem ser limitados dada a capacidade tanto dos equipamentos como das pessoas de realizar tais experimentos e observações. São recolhidos os dados – dados que dependem do equipamento ou do observador e que, portanto, são falíveis. Dos dados são reconhecidas tendências a partir de uma interpretação – também limitada. Cria-se uma hipótese especulativa – e, portanto, limitada – para explicar as tendências observadas. Essa hipótese é novamente provada – dentro das limitações dos experimentos e observações – e se torna uma teoria. A teoria tenta explicar a questão – mas não as causas – e é corroborada pela criação de um modelo – que naturalmente explicará a realidade de forma reducionista, pois seria impossível um modelo que abarcasse toda a realidade.

Mesmo com todas estas limitações, este método proporcionou e tem proporcionado, de modo geral, uma melhora da qualidade de vida mediante um desenvolvimento tecnológico em meios de transporte, fármacos, comunicações, etc., pois permite certo conhecimento da realidade, das realidades materiais e experimentais; mas para realizar uma verdadeira ciência é importante estudar as causas dos entes, conforme explicamos na nossa definição de ciência natural.

▶ Atividades

1. Leia o texto acima duas vezes: a primeira silenciosamente, e a segunda em voz alta.

2. Faça em seu caderno um resumo do texto acima. Este resumo deve conter as seguintes explicações:

a) O que é ciência?

b) Por que o ser humano quer conhecer as coisas?

c) O que a Ciência Natural estuda? Explique-o.

d) Qual é a importância do estudo da Ciência Natural?

e) Faça um esquema do método empírico.

f) Quais são as limitações deste método?

g) É possível conhecer de alguma forma a realidade com este método?

LIÇÃO 5

Hierarquia dos viventes

A variedade e a hierarquia dos viventes

É algo admirável a grande variedade de viventes (entes vivos, seres vivos) que podemos encontrar no planeta Terra. Delassus explica:

> *"Deus não podia satisfazer sua Bondade no dom da existência de uma única criatura, como não podia esgotar sua Beleza numa única imagem da sua essência.* ***Ele então multiplicou suas criaturas e multiplicou as espécies (species, imagem). Ele produziu naturezas múltiplas e diversas a fim de que aquilo que falta a uma delas para representar sua Bondade divina seja suprido por outra.*** *E acrescenta: 'Existe distinção formal para os entes que são de espécie diferente; existe distinção material para aqueles que diferem apenas do ponto de vista numérico. Nas coisas incorruptíveis (os puros espíritos) existe somente um indivíduo para cada espécie'. A incontável multidão dos anjos apresenta, pois, graus infinitos de perfeição sempre mais alta, de beleza sempre mais perfeita, de bondade sempre mais comunicativa. Puros espíritos e entes materiais não constituem toda a criação. Deus também produziu os entes mistos, que somos nós, animais racionais compostos de corpo e de alma. O conjunto desses entes forma o mundo. Aquele que vive eternamente criou tudo ao mesmo tempo (Eclo 18,1)."* [9]

Um só ente não pode conter a totalidade de Deus. Na verdade, nem sequer a totalidade das coisas criadas poderia conter o Onipotente. Por isso, Deus multiplicou as suas criaturas.

Cada ente, como dito, reflete um aspecto da beleza, da bondade e da sabedoria de Deus. E ao observarmos na natureza os entes viventes podemos perceber que eles não são iguais, mas têm diferentes graus de perfeição, a partir de como foram feitos.

Outro ponto importante a ser compreendido é que aquilo que move os entes viventes é sua forma substancial, ou alma (do latim *anima*). Por isso, os viventes são denominados entes animados, enquanto os não viventes são denominados entes inanimados.

---

[9] Delassus, *Conjuração Anticristã*. Editora Castela, 2ª edição, 2016. Páginas 426 e 427.

Com relação ao modo de vida (que tem relação com o diferente tipo de alma, de animação), os viventes têm uma hierarquia[10]:

a) **Vida vegetativa**: é o tipo de vida básico. É responsável pelas transformações dos alimentos, e pelo crescimento, reprodução e desenvolvimento do ser vivo.

A vida vegetativa está presente desde os entes mais simples até os mais complexos. No entanto, as plantas têm apenas este princípio, sendo por isso entes viventes que estão mais abaixo na hierarquia do modo de vida.

Os fins que movem esses viventes são os próprios da espécie, conforme as leis da natureza.

b) **Vida sensitiva**: é o tipo de vida que permite a certos entes viventes a percepção do ambiente, pelos sentidos. Os entes viventes que têm o princípio sensitivo podem mover-se de lugar, em maior ou menor grau, sendo que, quanto mais perfeitos forem os sentidos, tanto mais perfeitamente se hão de mover por si mesmos.

Assim são todos os animais, desde animais mais simples, imperfeitos, como as esponjas, as ostras, até os mais desenvolvidos, como os peixes, os répteis, as aves e os mamíferos.

Esses viventes apresentam caráter não modificável, isto é, suas respostas sensitivas são instintivas, automáticas, desencadeadas por um estímulo que gera uma resposta.

Os fins que movem esses viventes são próprios da espécie, conforme as leis da natureza.

10 Conforme Santo Tomás na *Suma Teológica* I, questão18, artigo 3

c) **Vida intelectiva:** no ser humano, além da presença dos tipos de operações anteriores (vegetativas e sensitivas), encontra-se também o **intelecto**, a inteligência, o que faz com que ele esteja no pico da hierarquia dos viventes.

Este grau de vida permite que o homem não apenas se mova a si mesmo, mas escolha os meios pelos quais atingirá seu fim.

Outro aspecto importante é observar que nos viventes superiores estão incluídos os princípios encontrados nos inferiores, mas os inferiores não têm os princípios dos superiores.

A classificação dos viventes

Vimos que os entes viventes têm uma hierarquia, de acordo com seu modo de vida, que pode ser vegetativo, sensível ou intelectivo.

Quando Deus criou os animais – lemos no livro do Gênesis –, ele levou-os a Adão, para que ele pudesse nomeá-los:

> *"Tendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais dos campos, e todas as aves dos céus, levou-os ao homem, para ver como ele os havia de chamar; e todo o nome que o homem pôs aos animais vivos, esse é o seu verdadeiro nome" (Gn 2, 19).*

Adão tinha uma inteligência perfeita segundo a natureza humana, e por isso pôde dar o verdadeiro nome daqueles entes. Após o pecado, a inteligência humana já não tem a mesma perfeição, e por isso, muitas vezes, temos dificuldade de compreender os entes corretamente.

Assim como Adão deu nome aos animais, o ser humano, seguindo algo que lhe é natural, sempre procurou classificar e organizar os animais e as criaturas que conhece.

Além de apresentarem uma hierarquia conforme seu modo de vida, os entes viventes também são classificados, agrupados e organizados de forma a facilitar que sejam estudados com mais detalhes.

Aristóteles, um importante filósofo, classificou os entes vivos de acordo com suas semelhanças e diferenças. Por exemplo, ele chamava o ser humano de animal racional. Animal é o gênero próximo, isto é, aquilo que o ser humano tem de comum com as outras criaturas sensitivas, seu corpo, sua composição material. Racional é a

diferença específica, isto é, aquilo que o ser humano tem de próprio com relação aos outros animais.

A ciência moderna, para classificar os seres vivos, baseia-se na classificação de Lineu (Carl von Linée). Lineu dividiu os seres vivos de acordo com suas características estruturais e anatômicas, isto é, com base no formato de seu corpo e de suas estruturas materiais. É importante perceber que isso, de certa forma, excluiu o que não é material, causando certo reducionismo.

Lineu propôs a nomenclatura binomial, segundo a qual o nome científico de todo ser vivo deveria ser composto sempre de duas palavras, a primeira o nome genérico, e a segunda o nome específico. Algo semelhante ao que Aristóteles fez, mas considerando apenas os aspectos materiais.

Essa nomenclatura é a utilizada hoje em biologia, e o nome deve ser escrito em latim. Essa nomenclatura facilita os estudos porque determinado vivente recebe um nome científico que é o mesmo em qualquer parte do mundo, independentemente das variações linguísticas, o que facilita o estudo das espécies.

Cada espécie, portanto, recebe um nome científico, que é diferente do nome científico de outra espécie.

A grande dificuldade, no entanto, da taxonomia atual está no fato de ser difícil definir espécie (conforme veremos a seguir) e também no fato de seres vivos que são considerados de espécies diferentes conseguirem se reproduzir entre si.

O sistema de Lineu é o mais utilizado na classificação dos viventes, mas não é algo que de fato reflita a realidade. É um possível sistema de classificação, e até o momento não temos um melhor para substituí-lo.

A nomenclatura binomial, utilizada para dar nome científico a cada espécie de ser vivo, apresenta certas regras:

- Os nomes científicos devem ser sempre compostos de duas palavras: a primeira referindo-se ao gênero, e a segunda referindo-se à espécie.
- Os nomes científicos devem ser escritos em latim, língua universal.
- Os nomes científicos devem ser sempre destacados no texto, em itálico ou grifados.
- A primeira letra do gênero deve ser sempre em maiúscula, e a da espécie em minúscula; exemplo: *Felis catus* (nome científico do gato).
- Na primeira vez que é citado, o nome científico deve ser escrito por extenso; nas próximas vezes em que aparecer, pode-se abreviar o gênero. Exemplo: *C. familiaris*.

Veja na tabela a baixo alguns exemplos de nomes científicos:

Nome popular	Nome científico
Ser humano	*Homo sapiens*
Leão	*Panthera leo*
Tucano-toco	*Ramphastos toco*
Cana-de-açúcar	*Saccharum officinarum*
Arroz	*Oryza sativa*
Mico-leão-dourado	*Leontopithecus rosalia*
Pau-brasil	*Paubrasilia echinata*

Lineu, para classificar os seres vivos, também criou as categorias taxonômicas, isto é, os grupos básicos nos quais os agrupa. As categorias taxonômicas criadas por Lineu e utilizadas até hoje pela ciência moderna são (a partir da mais básica): espécie, gênero, família e ordem. Estudemos brevemente cada categoria:

Espécie: é a categoria mais básica, formada por viventes muito semelhantes e que podem reproduzir-se originando novos viventes desta espécie. Exemplo: *Panthera onca* (onça-pintada). É importante ressaltar novamente que essa definição de espécie, apesar de ser a mais utilizada pela ciência moderna, não é tão adequada, uma vez que há seres vivos de "espécies diferentes" que reproduzem-se entre si.

Uma definição mais adequada, elaborada pelo professor Carlos Nougué, seria a de que os viventes de uma espécie têm o mesmo tipo de alma (ou seja, de princípio que lhe dá vida), e podem ser muitos em número. Estes são capazes de procriar entre si gerando descendentes que também apresentam o mesmo tipo de forma substancial (isto é, de alma)[11].

Gênero: inclui diferentes viventes que têm grande semelhança entre si. Exemplo: o gênero Panthera inclui a *Panthera onca* (onça-pintada), a *Panthera leo* (leão), a *Panthera pardus* (leopardo) e a *Panthera tigres* (tigre), entre outros.

[11] A definição do texto é uma explicação da definição de espécie dada pelo professor Carlos Nougué: "espécie é a que tem sob si muitos diferentes só em número e capazes de procriar entre si outros que lhe são essencialmente idênticos". Disponível em: https://www.estudostomistas.com.br/2021/08/a-babel-da-taxonomia-ou-de-como.html.

Panthera onca, Panthera leo, Panthera tigres e Panthera pardus, respectivamente.

Família: reúne gêneros semelhantes. Exemplo: a família *Felidae* reúne os felinos (guepardos, suçuaranas, linces, jaguatiricas e gatos) e as panteras.

Ordem: reúne famílias com certas semelhanças. Exemplo: a ordem *Carnivora* reúne famílias que são carnívoras, como os felinos, ursos, cães, entre outros.

Além dessas quatro categorias criadas por Lineu, na ciência moderna se costuma classificar os viventes ainda em grupos maiores: Classes, Filos e Reinos.

Classes: conjunto de ordens com certas semelhanças.
Filos: reúnem classes semelhantes.

Reinos: reúnem filos semelhantes. Agrupam-se todos os viventes em cinco reinos: *Monera*, *Protista*, *Fungi*, *Plantae* e *Animalia*.

Atualmente utiliza-se também a divisão dos viventes em um grupo maior denominado "Domínios", de acordo com o tipo de célula que apresenta (eucarionte ou procarionte).

O sistema mais comum de estudo é o dos cinco reinos, e por isso abordaremos os grupos dessa forma.

Veja a seguir uma tabela de classificação dos entes viventes nos cinco Reinos:

REINO	CÉLULA	TAMANHO	OUTRAS CARACTERÍSTICAS	EXEMPLOS
MONERA	Procarionte Unicelular	Microscópico	Autotróficos ou heterotróficos Alguns podem formar colônias	Bactérias Arqueas
PROTOCTISTA	Eucarionte Unicelular	Microscópico	Heterotróficos	Protozoários
FUNGI	Eucarionte Unicelular ou multicelular	Alguns microscópicos outros visíveis a olho nu	Heterotróficos	Fungos, como cogumelos, leveduras
PLANTAE	Eucarionte multicelular ou unicelular (algas)	Maioria visíveis a olho nu	Autotróficos fotossintetizantes	Plantas: musgos, samambaias, pinheiros, plantas frutíferas
ANIMALIA	Eucarionte multicelular	Visíveis a olho nu	Heterotróficos	Existe uma grande variedade de animais que estudaremos ao longo do ano

Além dos viventes que estão dispostos nos cinco reinos, há ainda outros entes em particular com características diferenciadas, os vírus. A grande particularidade destes entes é que eles são extremamente simples e não têm célula, mas para estarem vivos precisam obrigatoriamente estar na célula de algum outro ser vivo. Por isso, questiona-se se são ou não viventes. Estudá-los-emos.

É importante notar também que, apesar de este ser o sistema de classificação mais comumente utilizado, ele leva em consideração apenas as características materiais, podendo ser de certa forma materialista e naturalista. Podemos fazer essa afirmação porque na grande maioria dos estudos sobre os vientes se considera apenas o que é material e se exclui a finalidade das coisas criadas. Exclui-se inclusive a criação do ser humano à imagem e semelhança de Deus.

Ao longo desta etapa de estudo, procuraremos conhecer a grande variedade dos viventes, e, ainda que os dividamos em Reinos, procuraremos conhecer a finalidade das coisas criadas, e as causas relacionadas a elas.

▶ Atividades

1. Após ter feito a primeira leitura do texto silenciosamente, faça agora uma segunda leitura, em voz alta.

2. Faça em seu caderno um resumo do texto acima. Este resumo deve conter as seguintes explicações:

a) Qual é a hierarquia dos viventes?

b) Por que o homem está no ápice dessa hierarquia?

c) Por que o homem classifica os animais?

d) Qual é a importância da nomenclatura científica?

e) Quais são as regras para a nomenclatura binomial proposta por Lineu?

f) Quais são as categorias taxonômicas utilizadas atualmente?

3. Copie a tabela de classificação dos seres vivos em cinco reinos.

4. Escolha sete viventes que não foram citados no texto e procure seus nomes.

História

LIÇÃO 1

Igreja e Império

FOI importantíssimo o papel da Igreja na Idade Média. No meio das violências e não raro da anarquia, o clero representou o princípio da ordem, salvou os restos da civilização e esforçou-se por suavizar a brutalidade dos costumes, auxiliando os fracos e os pequenos.

A ação do papado sobre a sociedade tornou-se cada vez sensível e benéfica. Até a época de Constantino, a sociedade cristã, ainda não legalmente reconhecida, trabalhou somente para se estabelecer. Durante a invasão dos bárbaros, os papas haviam-se aplicado especialmente a suavizar a sorte das populações católicas vencidas contra os vencedores heréticos e pagãos. Terminada a invasão, trabalharam pela regeneração social.

Enquanto os imperadores de Constantinopla estiveram de posse de Roma, o papa, foi considerado por eles como um funcionário religioso. Os imperadores pretendiam intervir em questões de Fé, com as quais nada tinham que ver e ditar as crenças dos cristãos. Os papas resistiam e aspiravam à independência de Roma, para assegurar a independência espiritual.

O primeiro que se aproximou desse objetivo foi Gregório I, o Magno (século VI-VII), que conseguiu a completa conversão ao cristianismo de todos os povos do Ocidente, desde os visigodos da Espanha até o anglo-saxões da Grã-Bretanha.

A intervenção dos francos e de Pepino, o Breve, assegurou a independência dos Papas. Tendo tirado aos Lombardos, em 756, os territórios que eles haviam conquistado aos gregos, Pepino deu-os ao Papa Estêvão II. Tornaram-se os papas verdadeiros soberanos temporais, reis do patrimônio de São Pedro, mais tarde denominado Estados da Igreja.

A Igreja e o Império

O acontecimento mais importante do século XI é a luta entre o sacerdócio e o império, entre os papas e os imperadores da Alemanha, combatendo aqueles pela independência do poder espiritual, esforçando-se estes por concentrar em suas mãos os dois poderes, espiritual e temporal.[12]

O Papa São Gregório VII e o Imperador Henrique IV personificam particularmente tal luta, felizmente terminada pela vitória do Papado, isto é, pelo triunfo da Igreja.

Pontificado de São Gregório VII (1073-1085)

Em meio das contínuas guerras que afligiam a Europa e ameaçavam a volta à barbárie, a disciplina eclesiástica havia-se relaxado. Os bispos, que se tornaram senhores feudais, em breve adquiriram os costumes dos senhores leigos. Os mosteiros haviam desaparecido, ou pouco a pouco, tinham abandonado a severidade de suas regras. Para cúmulo de desgraças, puseram-se os soberanos a vender as dignidades eclesiásticas a homens ambiciosos e corruptos, e a simonia chegou a atingir a Santa Sé. Tal é o triste espetáculo que apresentava a sociedade cristã no século décimo.

Mas já apareciam os elementos de regeneração. A regra de São Bento, restaurada pelo Mosteiro de Cluny, preparava uma geração de santos. Daí saiu a grande reforma do século XI, e lá Hildebrando, mais conhecido pelo nome de Gregório VII, amadureceu seus projetos de restabelecimento da disciplina.

---

[12] Esta interferência do poder dos imperadores nos assuntos da Igreja ficou conhecida como cesaropapismo.

Por causa da morte de Alexandre II, Hildebrando foi aclamado Papa unanimemente pelo clero e pelo povo. Filho de um carpinteiro de Toscana, educado nos austeros princípios da ordem de Cluny, e conselheiro dos Papas. Era preciso restabelecer a disciplina eclesiástica, extirpar a simonia, e estabelecer definitivamente a independência da Igreja. Os príncipes, acostumados a tirar grande lucro da venda das dignidades eclesiásticas, e os padres e bispo eleitos por abuso, e por conseguinte entregues a toda sorte de desordens, não estavam dispostos a ceder. O princípio do mal eram as investiduras; para elas Gregório VII dirigiu todos os esforços. Chamava-se investidura a cerimônia que consistia em pôr de posse de um benefício ou dignidade por meio de símbolos adequados: o báculo e o anel, símbolos da dignidade episcopal; o cetro ou a espada, da autoridade civil ou militar. Como os bispos se haviam tornado ao mesmo tempo senhores leigos, o cetro, o báculo e o anel representavam-lhes o duplo poder, e os príncipes pretendiam dar a investidura com os três símbolos, dispondo assim da dignidade episcopal e violando os cânones da Igreja. Protestaram os pontífices: daí a luta das investiduras.

Abadia de Cluny

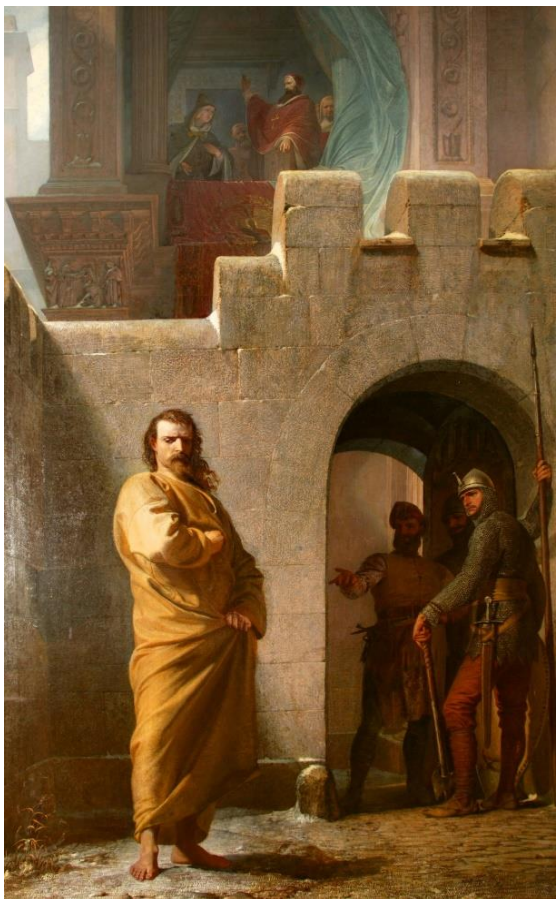
Questão das investiduras

São Gregório VII começou por Roma (1074). Medidas enérgicas foram tomadas contra a simonia e demais abusos. Felipe I da França e Henrique IV, imperador, prometeram expurgar de seus domínios o escândalo da simonia; mas Henrique IV não cumpriu por muito tempo o que prometeu, e aqueles sacerdotes que se sentiam culpados fizeram violenta oposição. Os monges de Cluny, os bispos e os padres que conservavam a dignidade do próprio estado, e o povo, que sofria muito com as desordens de certa porção do clero, auxiliaram o Pontífice e a reforma começou.

Com Henrique IV não cumpriu com as proibições do Papa, Gregório VII escreveu-lhe para que ele respeitasse as decisões pontifícias. O imperador tentou depor o Papa, reunindo em Worms um sínodo composto quase exclusivamente de bispos simoníacos (que haviam comprado a dignidade episcopal). Então Gregório VII excomungou a Henrique IV.

Vendo-se, em consequência da excomunhão, sem o auxílio dos grandes vassalos e tendo-se reunido em Tribur uma dieta para eleger novo rei, Henrique IV submeteu-se a tudo para não perder a coroa. Foi à Itália, ao castelo de Canossa, implorar perdão ao Papa e voluntariamente fez áspera penitência. Pouco depois, porém, tentou apoderar-se da pessoa do Papa e recomeçou as desordens anteriores. Então os príncipes depuseram-no e elegeram Rodolfo de Suábia. Henrique, sustentado por uma parte do império, fez proclamar um antipapa e foi cercar Roma. O cerco durou três anos, graças à energia do Papa. Enfim chegaram os normandos em socorro do Pontífice.

Gregório VII morreu pouco depois (1085) exclamando: "Odiei a injustiça e a iniquidade, eis porque morro no exílio".



Henrique IV em Canossa para Pedir Perdão a São Gregório VII (1862), de Eduard Schwoiser

A concordata de Worms

Henrique IV não tardou a ser abandonado pelos "sucessos". Vencido, combatido por seus próprios filhos, alvo de geral desprezo e ódio, morreu miseravelmente.

A luta, porém, continuou. Henrique V, que a princípio fingira devoção, recomeçou a questão das investiduras. Finalmente, em 1122 a concordata de Worms resolveu a questão, renunciando o imperador à investiduras pelo anel e báculo, ficando-lhe a do cetro.

Foi assim assegurada a liberdade da Igreja, que se viu não somente livre da tirania dos imperadores, mas também radicalmente reformada em sua disciplina.

As heresias

Numerosas foram as heresias no período medieval. Umas provinham de velhos erros sobreviventes; outras do desejo de reagir contra o espírito mundano e a riqueza do clero, a fim de reconduzir a Igreja à simplicidade evangélica. Tais foram os valdenses e os albigenses.

Pedro Valdo em Roma, explicando-se aos inquisidores e ao Papa Alexandre III, em 1179 (Terceiro Concílio de Latrão)

Pedro Valdo, rico negociante de Lyon, comovido com a leitura do Evangelho e da vida dos Santos, distribuiu seus bens aos pobres, mandou traduzir em vulgar a Bíblia e pôs-se a pregar com os outros leigos e algumas mulheres. Foi excomungado pelo arcebispo de Lyon e depois pelo terceiro concílio lateranense (1177). Os valdenses (seguidores de Pedro Valdo) foram novamente condenados em 1185 pelo Papa. A seita continuou, com diversos nomes, nos Alpes piemonteses até o século do Reforma Protestante. Os valdenses, aliás, eram como precursores dos reformados, só admitindo a exclusiva autoridade da Bíblia, rejeitando os sacramentos, indulgências, culto dos santos, sacerdócio, etc. Com Inocêncio III, alguns voltaram ao seio do Catolicismo; outros, mais tarde, adotaram as ideias de Huss e de Calvino.

Desde o século X, aliás, a heresia invadira a Europa, vinda do Oriente com o neomaniqueísmo; foi, porém, nos séculos XII e XIII que, sob o nome de catarismo, rapidamente progrediu. Os cátaros (do grego, puros) tinham tomado do maniqueísmo a concepção dualista do mundo, admitindo a existência de dois deuses opostos, um princípio do bem, outro princípio do mal, ambos eternos e independentes. Rejeitavam a missa, os sacramentos, as relíquias, as imagens, o culto da cruz e todo Antigo Testamento, "obra do deus do mal". Repeliam em bloco a liturgia, condenavam a guerra e, pela proibição de qualquer juramento, abalavam os alicerces da sociedade feudal. Os valdenses não parecem terem admitido a teologia maniqueísta dos cátaros, mas participaram de suas teorias antissociais.

Como o principal foco do catarismo era a cidade de Albi, os cátaros ficaram mais conhecidos na França pelo nome de albigenses. Tentou-se primeiro convertê-los, empregando meios persuasivos. São Bernardo e outros monges pregadores percorreram a região infestada e por algum tempo houve esperança de triunfar. Engano: apenas tinha regressado São Bernardo, a propaganda albigense recomeçava mais forte. Como atacavam publicamente, não só a fé, mas a própria ordem social (chegando em certos casos a condenar o casamento e a obediência às autoridades temporais), resolveu-se organizar contra eles uma cruzada. Sob o comando de Simão de Monfort, muitos nobres acorreram ao combate, mais atraídos pelos ódios de raça e esperança de lucro do que propriamente pelo zelo ortodoxo. A guerra durou vinte anos, a que Branca de Castela, mãe de São Luís, pôs fim de 1229. Inocêncio III lamentou que a espada fizesse tantas vítimas. Para acabar mais humanamente a obra começada e restabelecer a unidade religiosa, fundou-se o tribunal da Inquisição.

▶ Atividades

1. Qual foi a posição dos imperadores de Constantinopla em relação ao Papado?
2. Segundo o texto qual foi o grande feito de São Gregório Magno?
3. Quem concedeu ao Papa Estêvão II os Estados Pontifícios?
4. Qual foi o acontecimento mais importante do século XI? O que é cesaropapismo?
5. Qual contexto contribuiu para o surgimento da reforma de São Gregório VII?
6. Qual mosteiro foi o responsável pelo início do processo de regeneração?
7. O que eram as investiduras?
8. O que fez o Imperador Henrique IV para que o Papa Gregório VII o excomungasse?
9. Cite as duas principais heresias surgidas no período medieval.

LIÇÃO 5

Mudanças na Europa Feudal

Comunas

APÓS as invasões bárbaras e o consequente estabelecimento do feudalismo na Europa, quase desapareceu a autonomia local, muito praticada durante o governo dos romanos.

Para melhor se oporem aos invasores, algumas cidades fortificaram-se, cercaram-se de muralhas e outras obras de defesa. A tais cidades fortificadas chamou-se burgos (do alemão *burg*). Em geral pertenciam a um nobre, príncipe, bispo ou conde. Os habitantes, na maior parte artistas ou cultivadores, chamados burgueses, isto é, habitantes de um burgo, pagavam pesados impostos aos senhores feudais.

Exemplo de um burgo medieval

Nos séculos XII e XIII houve diversos movimentos contrários à dominação dos senhores feudais. Os habitantes das povoações, revoltando-se, obrigavam os suseranos a conceder-lhes uma carta, em que se estipulavam umas tantas garantias e privilégios aos burgueses (isenção de certos impostos, direito de escolherem seus magistrados, etc.). Os reis, no intuito de abater os nobres poderosos, favoreciam as pretensões dos burgueses, e assim várias cidades alcançaram o direito de se governar com seus próprios magistrados, fora do regime feudal. Na França foram denominadas comunas; na Alemanha, cidades livres; repúblicas, na Itália.

Servidão

Os camponeses, ou vilões, que cultivavam as terras dos nobres, ou eram homens livres ou descendentes de antigos escravos, isto é, servos. Não era, porém, a condição dos servos igual à dos escravos romanos. Ligado à terra, o servo da gleba não podia

ser vendido, nunca lhe seria tirada a sua casa de campo, e já podia enfim constituir família.

Principalmente do século XII em diante, os senhores feudais, levados quase sempre pela necessidade de dinheiro, puseram-se a vender e a conceder aos servos certas liberdades e franquias. Muitos servos emanciparam-se (não podendo esquecer que também nisso foi grande a influência da Igreja), e graças a isso a população rural foi progredindo paralelamente à das cidades.

Indústrias e corporações

As concessões dos senhores feudais contribuíram também para criação de novas cidades. Do século XI para o XII os nobres conseguiram, graças à outorga de certos privilégios e franquias, atrair grande número de habitantes para as cidades que criavam.

As garantias concedidas pelas cartas aos burgueses favoreceram o desenvolvimento das indústrias e do comércio, com grande vantagem para a prosperidade de certas cidades, não obstante a dificuldade das comunicações.

Exemplo de corporação de sapateiros

Os artistas, em vez de trabalharem exclusivamente para o senhor feudal, foram-se tornando pouco a pouco independentes, fabricado e vendendo por conta própria. Associados em corporações, a que todos os do mesmo ofício tinham obrigação de filiar-se, formavam uma espécie de confraria ou sociedade de socorros mútuos, com seu santo padroeiro, caixa comum, regulamento, bandeira e chefe. Para ser admitido à corporação cumpria passar pelo período de aprendizagem.

Os artesãos da mesma corporação estabeleciam-se geralmente em determinados bairros e ruas da cidade, havendo assim a "rua dos ourives", a "rua dos vidraceiros", etc.

Progressos da realeza

No regime feudal o rei era nominalmente o mais elevado na hierarquia dos senhores do reino; mas de fato só exercia autoridade na extensão de seus domínios, que nem sempre eram mais vastos. Em França, até findar o século XII, as terras do

rei formavam apenas pequena porção do reino; o resto pertencia aos vassalos, duques ou condes.

Felipe Augusto (11801223) adquiriu grande extensão de território, reuniu ao domínio real considerável porção da Picardio e tirou de João sem Terra, rei da Inglaterra, a Normandia, o Maine e o Anjou.

No reinado de São Luís (Luís IX, 1226-1223) a autoridade real fortaleceu-se muito. Observador fiel das leis da justiça, Luís IX conseguiu impor aos senhores feudais respeito e admiração.

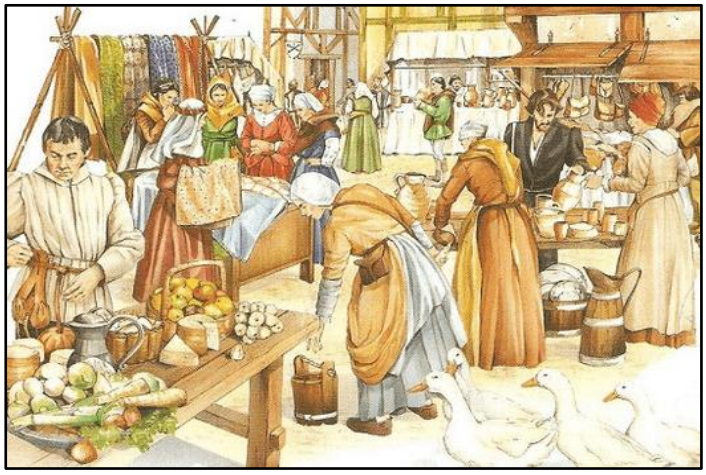
Com Felipe, o Belo (1285-1314), constituiu-se definitivamente a organização do governo real. Mais tarde, depois da Guerra dos Cem Anos, Luís XI (1461-1483), filho de Carlos VII, empregou todos os seus esforços em abater os nobres. Estes formaram a "liga do bem público", chefiada pelo filho do duque de Borgonha, Carlos o Temerário. Foi uma batalha de morte, de que afinal Luís XI saiu vencedor, podendo continuar, por meios não raro cruéis, a obra que empreendera.

O que se não pode negar é que foram principalmente os soberanos da Dinastia Capetíngia os que mais se esforçaram pela unidade política da França, abatendo os nobres e ocupando os grandes feudos.

Comércio e Feiras

O movimento de emancipação das comunas (cidades), assegurando maiores garantias aos habitantes das cidades, deu considerável impulso não somente às indústrias, senão também ao comércio. Mas as dificuldades com que tinham de lutar os mercadores não eram pequenas, pela falta de meios rápidos de comunicação, já pelos riscos de assaltos dos bandidos e problemas com os senhores. Além disso ainda cumpria pagar muitos direitos pelas mercadorias, direitos de entrada e de saída nas diferentes cidades, ponte, etc.

Daí os mercadores se reunirem em datas fixas, em certas cidades, onde se realizavam grandes feiras (observe no mapa abaixo a localização das grandes feiras – círculos amarelos). Daí também formarem-se vastas associações, destinadas a proteger os interesses comerciais das cidades livres.



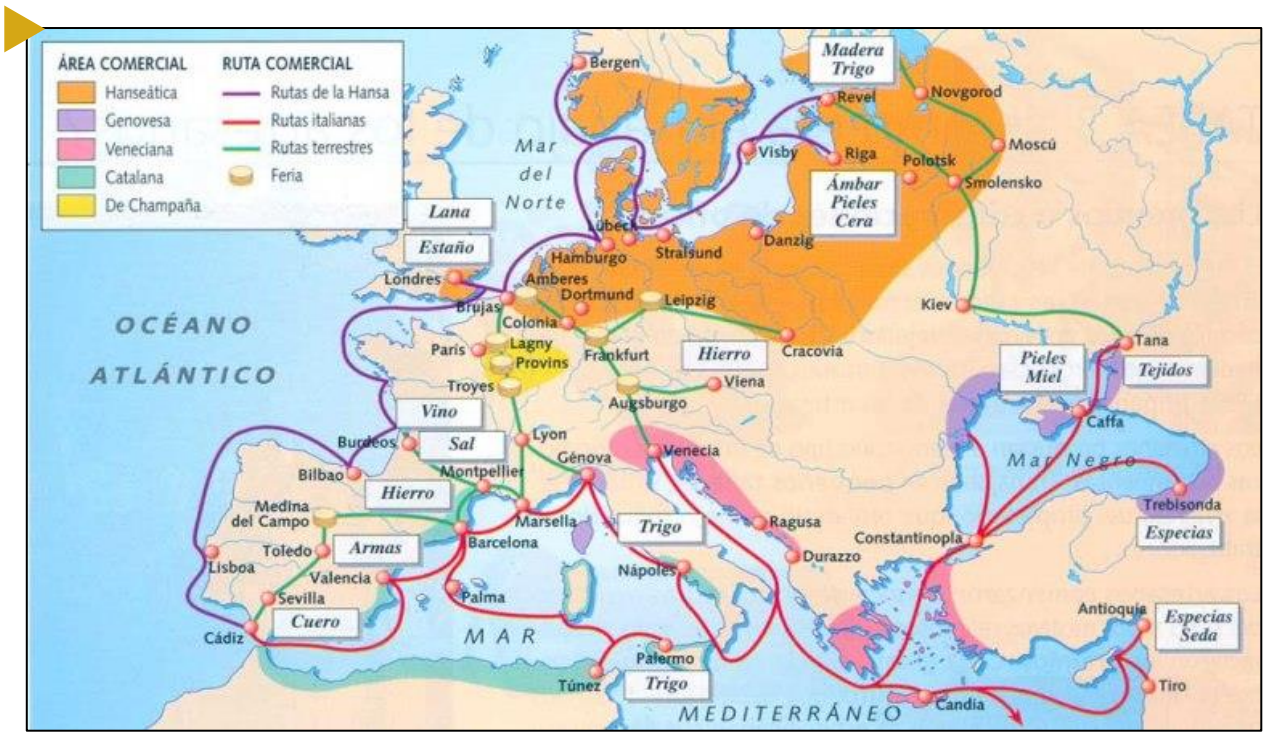
Liga Hanseática

Após a morte de Frederico II, houve na Alemanha um período (1250-1273) denominado grande interregno, em que os senhores feudais, aproveitando a ausência de uma autoridade soberana, disputaram a coroa, resultando disso a anarquia e o desmembramento do império em quase quatrocentos minúsculos estados. Muitas cidades aproveitaram-se de tal anarquia para se constituírem em pequenas repúblicas: algumas, para defesa dos interesses comerciais, formaram "ligas", ou hansas (do alemão *hansa*, confederação, união).

A mais famosa foi a Liga Hanseática, ou melhor, Hansa Teutônica, que se originou do tratado entre Hamburgo e Lübeck (1241) para proteger o comércio contra os piratas do Báltico e defender os próprios direitos contra a tirania dos príncipes vizinhos. Tais vantagens fez com que aumentasse para 80 o número de cidades associadas. Lübeck, Hamburgo, Bremen, Colônia, Dantzig, Bruges, Bergen, Brunswick, Londres, Novgorod, Anvers, Amsterdam, etc. Em Lübeck, capital da Liga, reuniam-se os deputados das diferentes cidades da confederação.

A hansa tinha seu direito marítimo especial, possuía poderosas esquadras e gozava de grande prestígio. Pertencia-lhe no século XIV o monopólio da navegação no Mar do Norte e no Báltico.

O descobrimento da América, a viagem de Vasco da Gama às Índias e o grande progresso o comércio marítimo do século XVI fizeram-na rapidamente cair. Terminou na segunda metade do século XVII.



Mapa que mostra a localização e a atuação da Liga Hanseática, além de outras vias marítimas

Os estudos na Idade Média

As invasões bárbaras haviam lançado a Europa – que gozara no tempo do Império Romano dos esplendores de uma civilização grandiosa nas ciências, letras e artes – numa tenebrosa noite, de que só muito lentamente, graças ao influxo da Igreja, conseguiu sair.

Do século V em diante aos poucos se veio desenvolvendo uma nova civilização, a civilização cristã, inferior talvez em alguns pontos de ordem puramente material às antigas, mas que a todas excede incomparavelmente no ponto de vista moral e espiritual.

Difícil era, durante a Idade Média, o estudo, dada a escassez dos livros e o elevado custo do pergaminho. A instrução refugiara-se nos mosteiros e escolas episcopais, onde havia sempre frades ocupados em copiar e iluminar os manuscritos.

O amor da ciência triunfou, contudo, da insuficiência dos meios de instrução que a sociedade proporcionava aos sábios desse tempo, e poucas épocas houve em que o gosto do saber tanto se tenha espalhado como na Idade Média.

Escolástica

A teologia foi considerada durante toda a Idade Média a rainha das ciências, sendo-lhe as outras como servas.

A filosofia foi cultivada com paixão. Aplicando o raciocínio aos ensinamentos da fé, reduzindo toda a argumentação a poucos e breve silogismos, os teólogos criaram um novo método para as disciplinas teológicas, ao qual se deu a denominação de Escolástica, "a ciência da Escola".

O século XIII foi o período áureo da Escolástica. O franciscano inglês Alexandre de Hales (doutor irrefragável), o dominicano alemão Alberto Magno e São Boaventura (doutor seráfico) são grandes vultos desse século. Já pouco antes se tinha celebrizado Pedro Lombardo (o mestre das sentenças). Porém, o maior teólogo e filósofo da Idade Média, e de todos os tempos foi Santo Tomás de Aquino (12271274) (o Doutor Angélico, o anjo da Escola), autor da *Suma Teológica*, de quem seria adversário Duns Scot.

A *Suma Teológica* é um dos mais admiráveis monumentos do espírito humano.

Universidades

Durante os séculos IX e X os centros de cultura intelectual eram os mosteiros e as escolas episcopais. Depois, formaram-se corporações de professores, associações destinadas exclusivamente ao ensino: tais foram as universidades. As mais antigas, a de Paris e a de Bolonha, adquiriram grande fama. A de Paris era preferida pelo estudo de teologia; a de Borgonha pelo direito. Ambas serviram de modelo à que em seguida se formaram: Oxford, Cambridge, Salamanca, Coimbra, etc.).

A Universidade de Paris era a maior escola da Europa: frequentavam-na mais de 20.000 estudantes de vários países. O ensino era feito em latim, e dividiam-se os estudos em dois grupos: o *Trivium* (gramática, retórica e lógica) e o *Quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música), formando ao todo as sete artes liberais. A universidade compreendia quatro faculdades: Teologia, Direito, Medicina e Artes.

Como muitos estudantes eram pobres, pessoa ricas e caridosas fundaram os colégios, onde aos jovens sem recursos se dava casa e comida.

Universidade de Oxford

Ciências físicas e matemáticas

Curiosas observações sobre ciência físicas e naturais se devem a monge Rogério Bacon, franciscano inglês. Guido de Arezzo, no século XI, simplificou o ensino da música e introduziu, como sinais das diferentes notas da gama, as sílabas *ut*, *re*, *mi*, *fa*, *sol*, *la*. O *si* foi acrescentado mais tarde, e *ut* substituído por *dó*. Já se viu a influência das cruzadas sobre o ocidente, e quanto influíram os árabes no progresso da matemática e química.

Atividades

1. Como ficaram conhecidas as cidades fortificadas na Idade Média? Como eram chamados os habitantes destas cidades?

2. Qual era o objetivo dos burgueses com os movimentos contrários aos senhores feudais?

3. Como surgiram as corporações de ofício?

4. Qual foi a consequência do regime feudal em relação ao poder dos reis? Cite os reis da França que contribuíram para o aumento do poder da monarquia.

5. Que dificuldades tinham de enfrentar os mercadores? Qual solução foi encontrada?

6. Em que contexto se formou a Liga Hanseática? Qual era a capital e quantas cidades se associaram à esta liga?

7. Quais eram os desafios do estudo na Idade Média? Onde se desenvolvia o estudo neste período?

8. O que foi a Escolástica? Quais são seus principais vultos?

9. Cite algumas universidades criadas na Idade Média.

Geografia

Apresentação

Caríssimo estudante,

É com grande alegria que lhe apresentamos este material da ciência geográfica, que se esforçará por estar pautado no Bem, na Beleza e na Verdade, dentro daquilo que lhe concerne.

Por isso, a Geografia será analisada com o olhar de uma sã filosofia, e, portanto, uma filosofia iluminada pela Fé e pela Tradição da Igreja Católica. E, naquilo que se remete ao saber científico, buscará apresentar os fatos como são, excluindo qualquer tipo de ideologia nociva ao saber.

Muito bem! Mas, ainda assim, você poderia estar se perguntando: *"Qual é a relevância desta disciplina para minha vida?"*, ou: *"A Geografia serve apenas para estudar mapas e capitais; para que estudar isto?"*.

Pois bem! Primeiramente, para que você tenha uma melhor compreensão da importância desta Ciência e do que, de fato, se estuda em Geografia, vejamos qual é a definição da palavra 'Geografia'. Esta vem do grego, GEOGRAPHIA: 'GEO' significa "terra", e 'GRAPHIA' significa "descrever" ou "descrição". Sendo assim, Geografia significa algo como a "descrição da terra".

No entanto, esta maravilhosa Ciência é muito mais do que simplesmente descrever a paisagem criada por Deus e transformada pelo homem. É também estudar **a relação do homem com a natureza para que, assim, seja construída a civilização, onde será formada uma cultura, cujos princípios, se forem autênticos, se propagarão para as gerações seguintes.**

Como podemos ver, a Geografia abrange muito mais do que se pensa e pode contribuir e muito não só nos seus estudos, mas também no cotidiano, pois os conteúdos nela tratados envolvem toda a nossa vida.

De fato, a Geografia estuda mapas e capitais, como bem pôde ser presumido, mas vai muito além de só decorar nomes e lugares. Neste conteúdo, você estudará os mapas e como devem ser lidos e compreendidos, bem como a melhor maneira de se localizar e se orientar no espaço, ação essa que muitos desconhecem; a esta ciência chamamos **Cartografia**.

Mas não para por aí: para sabermos localizar-nos no espaço, precisamos antes conhecer os elementos que o compõem. Por isso, serão estudados todos os aspectos da natureza material que nos cercam e sua perfeita harmonia, levando aos que a estudam a não somente se localizar no espaço, mas a perceber a Grandeza, Beleza e Glória de Deus Criador nele expressas.

O estudo da natureza, conhecida como **geografia física**, acaba por receber grande destaque: a formação do relevo e suas diferentes configurações no espaço geográfico, bem como os fenômenos que o envolvem – terremotos, erupções vulcânicas, intemperismo, etc. –; os diferentes tipos de vegetação e a beleza quase celestial disposta em cada um; os climas e sua influência na paisagem, bem como os fenômenos que ocorrem na atmosfera – aurora boreal, arco-íris, tempestades, raios, ciclones, furacões, tornados, etc.; os mares, rios e oceanos; enfim, tudo evidenciando ora um toque de perfeição e beleza magnífica, ora um poder assustador que vai muito além de nossa compreensão e controle.

Por fim, na Geografia também são estudadas as relações entre as pessoas, expressas na vivência de sua cultura, na religião, nas guerras, alianças, migrações, etc., evidenciando as transformações ocorridas nelas mesmas e no espaço ao seu redor.

Assim, vê-se que a Geografia possui muitos conteúdos benéficos à vida e cumpre estudá-los para bom proveito do intelecto e da alma.

Orientações práticas

O material de Geografia para o 6º ano tem como objetivo ensinar os principais fundamentos que sustentam esta ciência para que não só você entenda o que ela é, mas, também, possa lhe servir de base para um melhor entendimento de qualquer assunto geográfico que venha a estudar, tendo sempre o fio condutor que o rege; as definições e conceitos básicos que constituem a geografia física, ou seja, os principais elementos e fenômenos que formam a paisagem terrestre, podendo, assim, compreender a composição do espaço geográfico de qualquer país ou região que sejam estudados; veremos, também, como o homem se relaciona com a natureza e como se utiliza dela para sua sobrevivência e para construir a sociedade; junto a este tema, veremos algumas ideologias que perpassam essas vias; alguns conceitos básicos de cartografia também farão parte dos nossos estudos; por último, estudaremos alguns princípios relacionados à demografia e seus desafios.

Posto isto, a seguir serão apresentadas algumas orientações simples e objetivas de como você deve proceder ao longo dos estudos desta etapa. Elas são de extrema importância para o aprendizado; se forem seguidas, poderá obter um ótimo desempenho intelectual e as qualidades necessárias para prosseguir no estudo da Ciência Geográfica.

Seguem as orientações:

- O conteúdo de Geografia será dividido em lições, sendo quatro delas avaliações bimestrais. Basicamente, pode-se adotar a prática de realizar uma lição por semana, pois, se assim o fizer, conseguirá realizar todas as lições em um ano letivo (correspondente a nove meses de estudo).
- Procure ser rígido no estudo semanal de Geografia, tanto teórico (leitura dos textos) quanto prático (exercícios e atividades), seguindo uma rotina de estudos.
- Para o estudo teórico recomenda-se que se estudem cerca de 20 minutos semanais; para o estudo prático não há recomendação de tempo, pois deve-se utilizar o tempo que for necessário para conseguir realizar as atividades e exercícios propostos.
- Trabalho de mapas: será proposta, ocasionalmente, uma atividade sobre a confecção de mapas na folha de papel vegetal, para adquirir uma noção cartográfica dos lugares à sua volta e do estudo que está realizando.
- Tenha sempre nas mãos um dicionário da língua portuguesa para encontrar o significado das palavras presentes nos textos. Para facilitar, seria interessante sublinhar de vermelho as palavras que não souber e colocar uma estrela (ou outro

sinal) ao lado dos parágrafos em que tiver dúvida, para serem esclarecidas na tutoria.

- É muito proveitoso possuir na mesa de estudos um “globinho” para que possa sempre visualizá-lo e ir adquirindo maior conhecimento sobre a localização dos países, capitais, etc. O atlas também contribui para isto.
- Procure a tutoria *online* em caso de dúvidas, utilizando as mídias virtuais disponíveis.

LIÇÃO 1

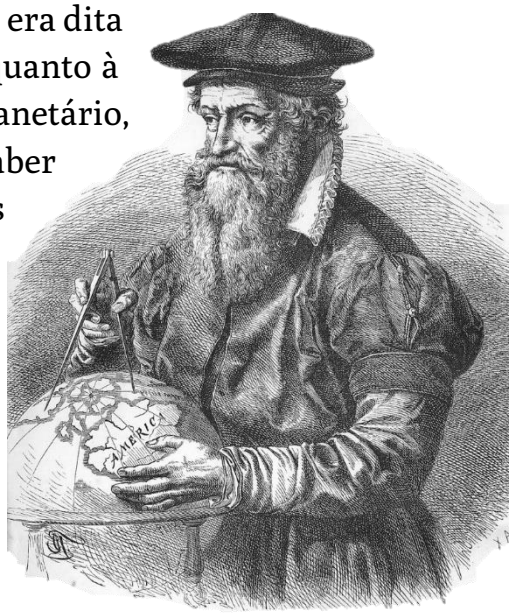
Relembrando Fundamentos

ANTES de iniciarmos nossos estudos sobre o Brasil, faz-se necessária uma recordação dos principais fundamentos que sustentam a Geografia enquanto ciência, pois esses "pilares" serão de grande valia para cada assunto que abordarmos, servindo-lhes de base.

Por definição, a **Geografia é a ciência que trata da descrição cartográfica, física e política da Terra**.

Geografia cartográfica

À geografia cartográfica, ou matemática como era dita até o início do século XX, cabe descrever a Terra quanto à sua figura, dimensões, posição no sistema planetário, movimentos, etc. Portanto, para este ramo do saber geográfico, dá-se maior ênfase aos mapas, métodos e instrumentos de orientação e localização no espaço, que acabam por envolver cálculos e medidas matemáticas para se tornarem mais precisos. Daí ela ser também conhecida como "matemática". Através deste ramo da Geografia vemos a posição de todas as regiões da terra em relação umas às outras e em relação ao céu (atmosfera).



Gerardus Mercator (1512-1594), considerado o pai da cartografia moderna.

Geografia física

À geografia física cabe descrever a superfície da Terra quanto à sua composição sólida e líquida, e aos três grandes reinos da natureza (animal, vegetal e mineral) que habitam nestas duas composições da Terra, bem como a todos os fenômenos da atmosfera que a cerca.

Geografia política

À geografia política cabe descrever a Terra enquanto seus habitantes humanos, sejam eles selvagens, bárbaros e civilizados. Valendo-se da História, esse ramo da Geografia descreve os homens vivendo em sociedade e formando nações, as quais se acham estabelecidas em certo território; distintas por certos nomes, os quais derivam do seu estado moral, isto é, do desenvolvimento de sua natureza moral, sendo, por isso, classificadas como selvagens, bárbaras ou civilizadas; e da sua forma de governo, sendo classificadas como monarquias, repúblicas, federações, etc.; e vivendo baseadas em determinada cultura, onde estabelecem religião, governo, legislação, idioma, instrução, comércio, valores políticos e morais, história local, monumentos de civilização, etc.

Cabe salientar que, embora os três ramos da Geografia guardem sua importância, o ramo político tem relevância particular, pois, além de ter como principal sujeito o homem, criado à imagem e semelhança de Deus, trata-o enquanto ente político e social.

É próprio da natureza humana viver em sociedade. Nós, enquanto seres humanos, não possuimos defesas naturais contra as intempéries da natureza, porém Deus nos deu a razão e mãos que trabalham e constroem. Estas são as nossas defesas contra as intempéries.

Porém nossas habilidades e princípios não surgem naturalmente como nos animais:[13] ninguém nasce construindo casas, caçando, conhecendo e discutindo os princípios básicos da Filosofia, e nem sequer andando de bicicleta. Precisamos ser ensinados. Sempre seremos regidos por alguém, para que nos ensine e mostre o caminho para atingir nosso fim último, que é Deus.

Este ensino se dá através da nossa capacidade de comunicação; somos os únicos animais capazes de comunicar-se pela linguagem. Sendo assim, precisamos estar perto de outras pessoas que nos ensinem. Aliás, o bem-estar material do homem também supõe constantemente o concurso de incontáveis homens para a elaboração dos produtos, sejam eles simples ou complexos.[14]

É possível dizer o mesmo da perfeição moral do ser humano, a qual consiste na prática da virtude moral. Ora, os hábitos morais não nascem espontaneamente, mas devem ser adquiridos pelo indivíduo, em cada geração; isso explica o fato de pais célebres muitas vezes não terem filhos igualmente admiráveis. A virtude moral não pode ser ensinada como a matemática.[15]

---

[13] É muito comum nos animais que algumas habilidades sejam passadas de pai para filho, como caçar ou voar. Porém, por instinto, os animais podem, sozinhos, adquirir as mesmas habilidades necessárias para sobreviver.
[14] SACHERI, Carlos Alberto. **A ordem natural.** Minas Gerais: Edições Cristo Rei, 2014.
[15] Idem.

Por mais preciosas que sejam as nossas faculdades, sem a sociedade na qual somos chamados a viver não podemos conservar nossa existência, nem atingir a perfeição do espírito e do coração. As faculdades que recebemos de Deus nos ordenam para a vida em comum, e não podem expandir-se senão graças a ela.[16]

Nas palavras de Pio XI, *"a sociedade é querida pelo Criador como o meio de levar ao seu pleno desenvolvimento as disposições individuais e as vantagens sociais que cada um, alternadamente, dando e recebendo, deve fazer valer para seu bem e para o bem dos outros. Quanto aos valores mais gerais e mais altos, que só a coletividade pode realizar e não já os indivíduos isolados, esses também, em definitivo, são queridos pelo Criador para o homem, em vista da plena expansão natural e sobrenatural deste, e para o acabamento da sua perfeição*".[17]

Contudo, para que a sociedade exista, precisa ser construída, e para isso o homem, valendo-se de sua natureza racional, pode fabricar coisas artificiais e construir moradias, por meio do trabalho. Este foi dado ao homem desde o início da humanidade e, após a expulsão de Adão do Paraíso, se tornou para nós um meio árduo de atender a nossas necessidades básicas. O lugar em que isto se dá é a sociedade.

Nosso Senhor entregando o mundo ao Papa Gregório XIII e ao Rei Felipe II da Espanha, por terem descoberto as Filipinas e a terem tornado um celeiro católico, e pelo papa ter encorajado os fiéis católicos e os diplomatas a continuar com seu trabalho missionário na Ásia. A imagem representa bem os fundamentos da Geografia, pois Deus é o Criador de todas as coisas e quis que o homem se tornasse um transformador e administrador do espaço geográfico; por isso, entrega-lhe o Globo. E cabe-nos a nós retribuir cumprir este mandato, trabalhando para construir a civilização e aí habitarmos, dobrando os joelhos perante o Rei dos reis e Senhor dos senhores, unindo a cultura de cada povo (representado por Felipe II) à fé e doutrina católica (representada pelo Papa).

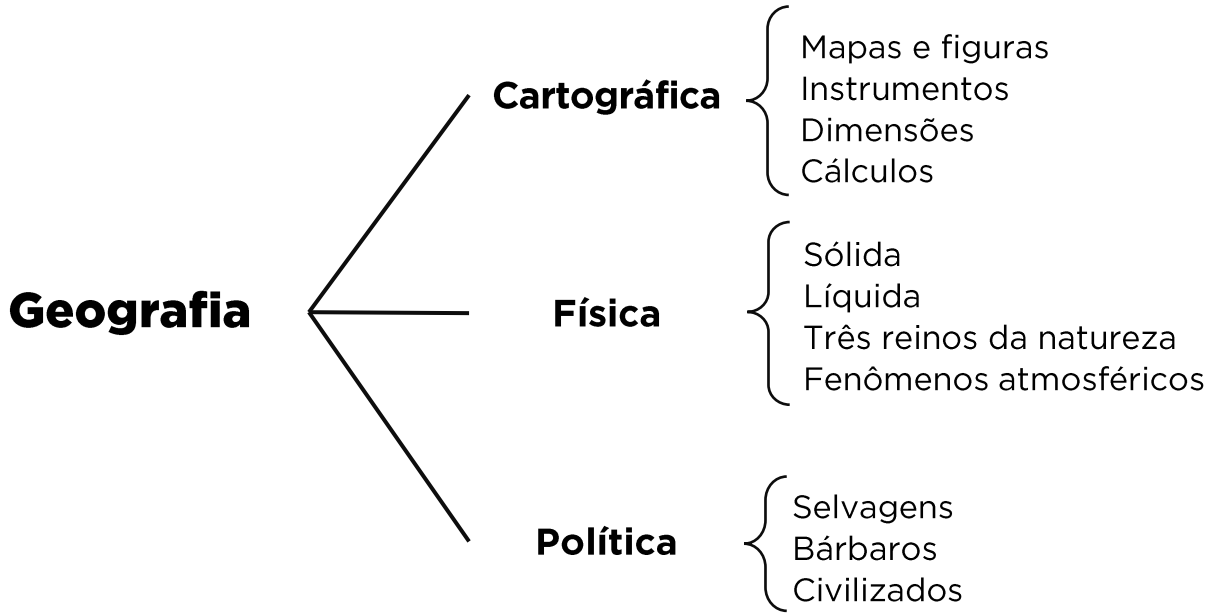
[16] Código Social e Código Familiar/União Internacional de Estudos Sociais. Curitiba: Editora ISA, 2018.
[17] Pio XI, Enc. Mi brennender Sorge, 1937.

Desse modo, o homem, como administrador do espaço geográfico, transforma toda a paisagem ao seu redor em busca da realização de seu fim último, fazendo isso através da construção da civilização.

Um último componente da Geografia política, de fundamental importância, é a cultura, o cultivo da vida humana. Três elementos básicos definem tudo o que abrange a cultura: a religião, incluindo nela a Verdade; a moral, isto é, o Bem (costumes tradicionais, modos de vida); e as artes (expressões artísticas, arquitetura, vestimentas, ofícios), ou seja, a Beleza.

Aliás, o Bom, o Belo e o Verdadeiro são reflexos da essência de Deus presentes no mundo criado por Ele. Seja nas roupas que se vestem, na língua que se fala, nas virtudes ou nos vícios que se têm, tudo está intimamente ligado à moral (Bom), às artes (Belo) e à religião (Verdade), ou à sua falta.

Veja abaixo um esquema que resume tudo o que representa a Geografia:



▶ Atividades

1. Qual é a definição de Geografia?

2. Escreva brevemente sobre seus três pilares.

3. Qual é o fim último do homem?

4. Qual é a defesa do homem contra as intempéries da vida?

5. Por que viver em sociedade é tão importante?

6. Qual é a relevância do trabalho para a nossa vida?

7. Quais são os três principais elementos da cultura?

LIÇÃO 6

Cargos políticos do Brasil

Estudaremos agora alguns cargos políticos e em que Poder se encontram. Cada um desses cargos tem uma função fundamental que permite o pleno funcionamento do país, pois sem um líder e uma hierarquia de comando tudo se tornaria um caos.

Senador

São três por estado, totalizando 81 senadores em nosso país. Eles têm por função fiscalizar o governo central, além de propor e discutir leis que observem os direitos e deveres do povo. O Sistema de eleição de senadores é diferenciado, pois eles possuem mandato de oito anos, em vez de quatro: realizam-se eleições chamadas majoritárias, nas quais quem tiver o maior número de votos vence. A cada quatro anos, o número de vagas muda: em uma eleição, apenas um senador é eleito; na outra, os dois restantes são escolhidos pelo povo.

Para além de sua importância política, o Senado Federal possui funções legislativas de caráter mais geral que são compartilhadas com a Câmara dos Deputados; outras são de sua exclusiva competência.

Deputado federal

O deputado federal é um representante eleito pelo povo para ocupar a Câmara, e tem como principais atribuições elaborar leis em âmbito nacional e fiscalizar os atos do Poder Executivo. Cabe a ele propor, discutir e aprovar leis, que podem alterar até a Constituição, através de emendas constitucionais. É também o deputado federal

quem aprova ou não as medidas provisórias, propostas pelo presidente.

Os deputados são eleitos através do sistema proporcional; cada estado tem direito a um número de representantes de acordo com sua população. Cada estado pode ter de oito (o mínimo) a 70 (o máximo) deputados. No total, existem 513 deputados federais no Brasil.

Deputado estadual

De forma geral, pode-se dizer que as funções dos deputados estaduais são muito parecidas com as dos deputados federais, excluindo o fato de que atuam somente no âmbito estadual. Cabe a estes deputados criar, alterar ou revogar leis de interesse público na esfera de seu próprio estado.

Da mesma forma, sua ação de fiscalização diz respeito ao governador do estado, certificando-se de que a ação deste esteja de acordo com aquilo que foi previsto e aprovado na lei estadual, também definida na Câmara Estadual. Também é função dos deputados estaduais a criação de CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) no âmbito de seu estado, investigando e julgando eventuais ações irregulares dos membros do Poder Executivo.

Ao contrário do poder federal, o poder legislativo estadual se organiza em apenas **uma câmara estadual**. É a chamada Assembleia Legislativa. No Brasil inteiro, há um total de **1.060 deputados estaduais**. O número de deputados estaduais em cada Assembleia depende diretamente do número de deputados **federais** de cada estado. Assim, quanto maior a população do estado, mais cadeiras haverá em sua Assembleia.

Governador de estado

O governador ocupa o mais elevado cargo político no estado. Nos países com sistema federativo, como o Brasil, é função do governador administrar o estado e representá-lo em ações jurídicas, políticas e administrativas. Ele atua com o auxílio da respectiva Assembleia Legislativa e, para os temas de alcance nacional, da bancada federal — eleita para representar o estado na Câmara dos Deputados e no Senado.

Uma das principais responsabilidades do governador é a segurança pública, envolvendo o controle das Polícias Civil e Militar e a construção e administração de presídios. Existe um governador para cada um dos 26 estados. A cidade de Brasília, Distrito Federal, não elege prefeito, mas sim um governador para si e para os seus municípios satélites. É o único caso brasileiro de governo misto estadual e municipal,

já que algumas funções de município ficam a cargo do governador enquanto outras atividades de governo estadual são excluídas.

Prefeito

Em quase todos os municípios brasileiros existe um prefeito, totalizando 5.568 prefeitos. Ele é o chefe do Poder Executivo de um município. Isso significa que está nas mãos dele o poder de administrar a cidade em que vive. Ele cobra impostos e taxas que, por sua vez, devem custear obras, serviços e políticas essenciais para a vida nas cidades. Além disso, deve fazer funcionar a limpeza e iluminação das ruas, transporte, sistema de saúde, educação e segurança do município.

Vereador

Participam do poder legislativo na esfera municipal; sua quantidade está ligada à densidade demográfica da cidade (máximo de 55); totalizando 56.810 vereadores em todo o Brasil. Eles são responsáveis pela elaboração, discussão e votação de leis para a municipalidade, propondo-se benfeitorias, obras e serviços para o bem-estar da vida da população em geral, além da fiscalização das ações tomadas pelo poder executivo, isto é, pelo prefeito.

▶ Atividades

1. Quais são os principais cargos políticos no Brasil? Cite as principais características de cada um.

2. Pesquise o nome dos seguintes cargos políticos:

– Senadores de seu estado.

– Governador de seu estado.

– Prefeito de sua cidade.

Arte

LIÇÃO 1

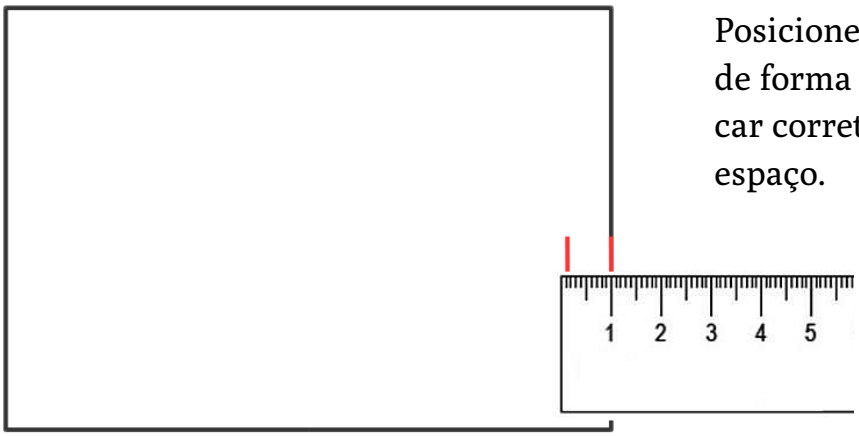
Primeiros passos

Margens

O uso de margens valoriza o trabalho, e cria um espaço para que a imagem não tenha nenhuma parte ocultada, no caso de se colocar uma moldura. Numa folha de papel A4, o ideal é que as margens tenham em torno de um centímetro, para que a área de trabalho não fique muito reduzida. Quando a folha de papel for de maior tamanho, as margens deverão ser mais largas, para que se tenha proporcionalidade.

Orientações

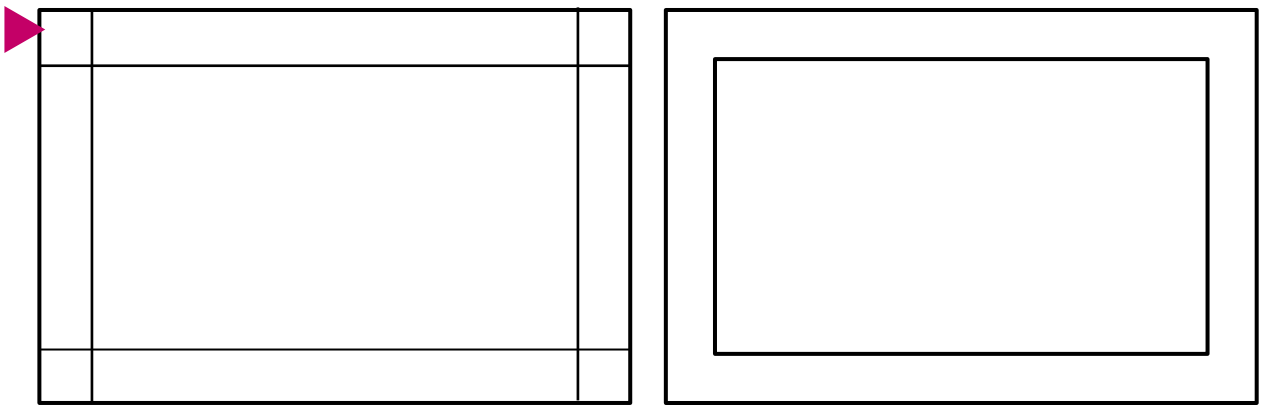
As margens são traçadas igualmente em todos os lados da folha de papel, a não ser que a atividade necessite de informações complementares, como uma legenda, por exemplo. O traçado das margens deve ser paralelo à borda do papel, em todos os seus lados. Para isso, meça a largura da margem em todos os lados da folha de papel em dois pontos diferentes.



Posicione a régua sobre o papel de forma que você possa marcar corretamente a medida no espaço.

Após marcar as medidas, trace as margens (direita, esquerda, superior e inferior) usando lápis e régua. Esse traço deve ser reto e contínuo, ou seja, sem interrupção visível. Segure a régua de forma que ela não saia do lugar no momento do traçado. Sempre que necessário, mude a posição do papel, para melhor executar esse

procedimento. Para finalizar as margens, apague os traços que ficaram nos cantos da folha de papel.



Margens finalizadas

Classificação dos lápis grafite

O grau de dureza do grafite possibilita diferentes intensidades de traços, e por isso os lápis são classificados segundo o grau de dureza, expresso por meio de números e letras. Os que pertencem à gama dos **H** são mais duros e destinam-se ao desenho técnico. Os lápis da categoria B são mais macios e sua graduação mais intensa. São usados para dar o efeito de sombras mais escuras no desenho.

Grafite Duro (H): 8H, 7H, 6H, 5H, 4H, 3H, 2H, H

Grafite Macio (B): 5B, 6B, 7B, 8B, 9B

Os lápis **HB, F, B, 2B, 3B e 4B,** por serem intermediários, ou seja, não são muito duros nem muito macios, possuem uma possibilidade de uso bem ampla. Os lápis B e 2B são normalmente utilizados para esboços. Já os 3B e 4B podem ser utilizados para definir o esboço que foi feito anteriormente com o lápis claro, para definir meio-tom e para aplicar efeito de textura.

Você não precisa ter todos esses lápis; tenha um bom lápis para desenhos e esboços como o HB ou 2B e o 4B e 6B para sombreamentos.

Os suportes

Suporte é a base para a realização dos trabalhos artísticos. No caso do desenho, o suporte mais comum é o papel; na pintura é a tela, na escultura é a madeira ou as pedras. O suporte pode ser uma parede que sustenta um afresco ou ainda uma placa de argila moldada com relevos. No teatro e na dança, o principal suporte é o corpo.

Em nosso estudo, o papel é o suporte usado para elaborarmos desenhos, pinturas, colagens, recortes, dobraduras e impressões. A escolha do papel e a qualidade do material a ser usado são de extrema importância para a qualidade de qualquer técnica que se empregue. O que deve ser observado na escolha do papel é a sua **gramatura,** que indica a espessura que ele possui; sua **cor,** que pode variar do mais escuro ao branco; sua **textura**, que deve ser adequada à técnica que se queira fazer; e seu **tamanho**, que varia, normalmente, entre o tamanho **A4** (210 x 297 mm), o **A3** (297 x 420 mm) e o **A2** (420 x 694 mm).

Para iniciar, o estudante pode usar o papel sulfite na realização de esboços e treinos e o canson para atividades mais elaboradas. No caso do papel colorido, o mais comum é o dobradura e o color set, normalmente usados para recortes, dobraduras e colagens.

Enquadramento

O enquadramento tem a ver com ajustar ou encaixar uma imagem em determinado espaço; assim, definem-se limites, a fim de obter um resultado equilibrado e harmonioso. Nesse sentido, a posição do papel deve ser ajustada à posição vertical ou horizontal, de acordo com a proporção do desenho. Forma predominantemente horizontal deve ser representada no papel em posição horizontal, assim como forma predominantemente vertical deve ser representada no papel em posição vertical.

Figura/fundo

Para que uma composição seja visualmente agradável, é necessário que haja harmonia entre figura e espaço de representação. O ideal é que o motivo não seja representado muito pequeno nem muito grande, mas de forma que domine os espaços vazios, sem invadir as margens.

Objetos representados em tamanho reduzido ficam sem destaque no contexto compositivo, parecem desvalorizados e passam a sensação de mau aproveitamento do espaço disponível. Objetos representados com tamanho exagerado parecem inadequados ao espaço que ocupam, e passam a sensação de sufocados pelos limites das margens.

Note como o pintor Simone Cantarini usou o enquadramento em sua obra. A figura principal domina o espaço, mas há equilíbrio entre figura e fundo

Nossa Senhora do Rosário*, de Simone Cantarini.*

Museu de Santa Giulia, Itália.

▶ Atividades

Após ler atentamente o texto e assimilar seu conteúdo, responda:

1. De acordo com o texto que lhe foi apresentado, qual é a principal finalidade atribuída ao estudo do conteúdo de Arte?

2. Que importância tem o grau de dureza do grafite na execução de um desenho artístico?

3. O que é o suporte em um trabalho artístico? Exemplifique-o.

4. Que tipos de variações encontramos nos papéis destinados a trabalhos artísticos?

5. O que significa o enquadramento de uma imagem?

6. Na relação figura/fundo, que tipo de enquadramento é considerado ideal?

LIÇÃO 5

Linhas

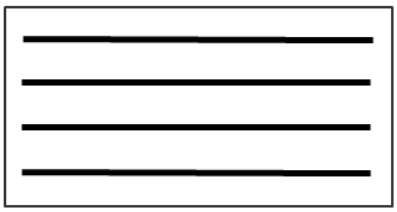
Arte e Expressão

SEMPRE foi parte integrante do próprio homem tentar expressar os seus sentimentos através da arte. Cada linguagem artistica (artes visuais, música, dança, teatro) tem seus elementos formais, através dos quais a Arte se expressa. São componentes básicos que estruturam as produções artiticas e fazem com que uma obra possa ser estudada e conceituada como arte. A maneira como os elementos formais são articulados em uma composição podem nos transmitir a ideia de tranquilidade, tensão, frio, calor, dramaticidade, movimento, entre outras sensações. A capacidade expressiva é, portanto, um dos componentes fundamentais para que uma produção artistica seja considerada obra de arte.

A expressividade das linhas

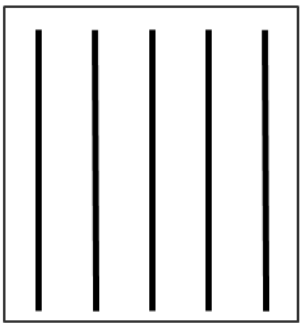
Será que uma simples linha pode passar uma mensagem ou uma sensação? Ou melhor, o que pode expressar uma linha?

Analisando as linhas, podemos perceber que são carregadas de qualidade expressiva e portadoras de grande variedade de sensações. Cada artista pode estruturá-las em sua obra, tornando-as únicas e marcantes em razão do estilo de cada um.

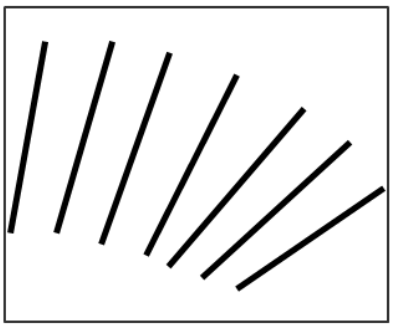


Retas Horizontais,

por passarem a ideia de plano estático, dão-nos a sensação de amplitude, quietude, paz, solidez e estabilidade.



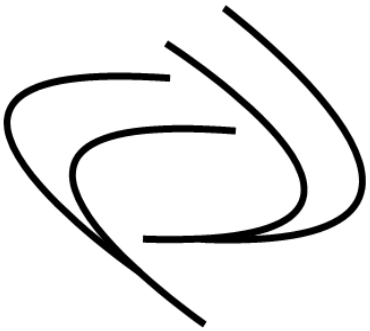
Retas Verticais indicam equilíbrio, ascensão, poder e elevação.



Retas Inclinadas

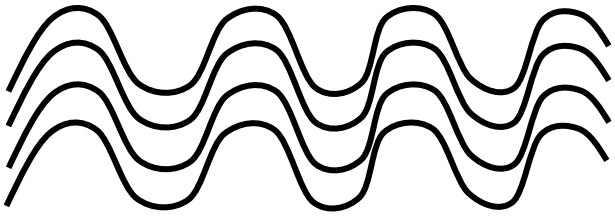
ou **Oblíquas**

sugerem instabilidade, movimento, dispersão e tensão.



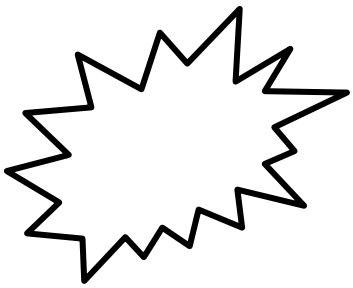
Linhas Curvas

exprimem suavidade, elegância, alegria, abrangência.



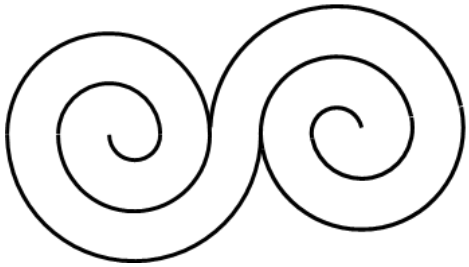
Linhas sinuosas ou onduladas

sugerem movimento suave e rítmico, fluidez, e podem nos transmitir uma sensação de sonho.

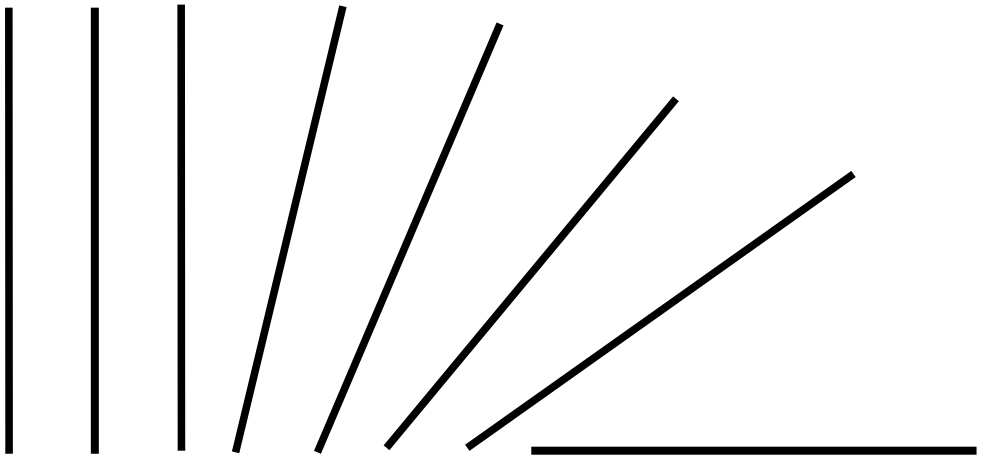


Linhas Quebradas passam a ideia

de força, *raiva*, agressividade, dinamismo.

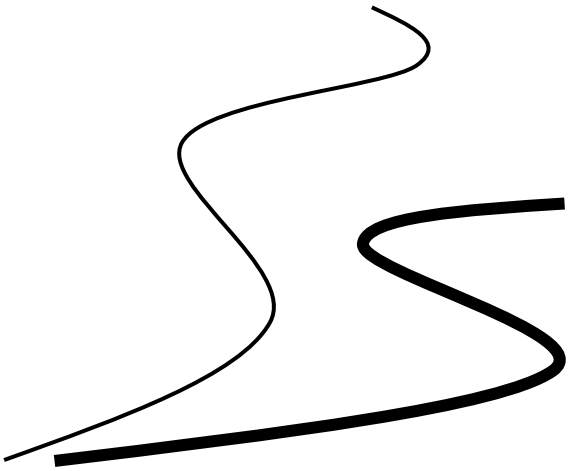


Espirais indicam um movimento envolvente, que vai do centro para fora ou o contrário. Passa fluidez e sensação de sonho.

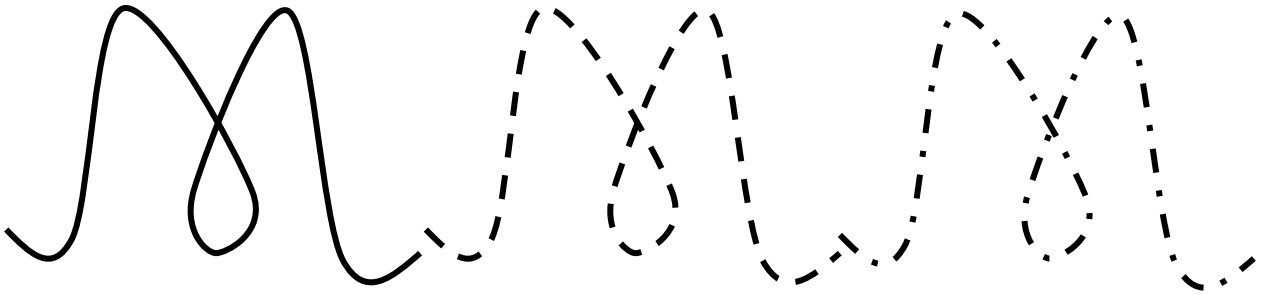


O uso de linhas horizontais e verticais na composição de uma imagem faz com que ela pareça estática, transmitindo-nos a sensação de estabilidade, enquanto linhas curvas ou inclinadas sugerem movimento e nos dão a sensação de instabilidade.

As linhas também passam diferentes sensações pelo seu tracejado e espessura. A fluidez de um traço vai depender, antes de tudo, de sua espessura; uma linha fina e suave simboliza um movimento rápido e delicado, enquanto uma linha grossa e irregular expressa o oposto.



Uma linha contínua permite que o olho vá de uma extremidade a outra rapidamente, enquanto uma linha tracejada causa pequenas "pausas" em sua leitura, ou seja, demora-se mais tempo para ir de uma extremidade à outra. No caso de uma linha irregular, o tempo de leitura é maior ainda.



Uma linha modulada do grosso para o fino, e vice-versa, tornar-se-á muito mais ativa espacialmente; se combinadas, então, as mudanças de tonalidades ficarão ainda mais dinâmicas.

Pauta musical em linhas moduladas.

A infinidade de combinações de linhas longas, curtas, espessas ou finas pode, de acordo com suas aplicações, unificar, dividir, equilibrar ou desequilibrar uma imagem. Por exemplo, um desenho de uma flor delicada pode ser arruinado com o uso de linhas grossas, pesadas. Por outro lado, provavelmente não se usariam linhas finas e suaves em um importante sinal de trânsito.

▶ Atividades

Você irá exercitar o traçado de linhas moduladas através das letras do seu nome. O nome é o ícone da pessoa, e a Bíblia nos diz que Deus chama a cada um por seu nome. Portanto, o nome de cada pessoa merece respeito, em sinal da dignidade de quem o leva.

"Eu te chamo pelo nome, és meu" (Isaías 43, 1).

"O que pedes – replicou o Senhor – o farei, porque tens todo o meu favor, e te conheço pelo teu nome" (Êxodo 33, 17).

"O Bom Pastor chama as ovelhas pelo nome e as ama a ponto de dar a vida por elas" (São João 10, 3. 11).

Orientações:

As letras deverão ser feitas com linhas moduladas. Esse tipo de linha não tem espessura uniforme: ela afina ou engrossa gradativamente conforme o trajeto que faz.

Como o objetivo é exercitar o traço, a atividade será feita a lápis. Você poderá escolher o tipo das letras e se vai trabalhar só com maiúsculas ou não. As linhas curvas possibilitam melhor modulação, além de passarem a sensação de leveza, agilidade e movimento.

Inicie desenhando as letras do seu nome em um tamanho que facilite trabalhar sua espessura. É aconselhável o traçado de linhas auxiliares, tanto para uniformizar o tamanho das letras quanto para mantê-las em um alinhamento.

Concluído o desenho, trabalhe a sua espessura, indo do fino para o grosso e vice-versa, de maneira que não se perceba onde começa ou termina a mudança de espessura. A atividade estará pronta quando as letras parecerem artisticamente trabalhadas.

IHS
A·M·D·G
Ad Maiorem Dei Gloriam